

2023.2 . Ano XL . Número 46

# CALÍOPE

## Presença Clássica

*separata 9*



2023.2 . Ano XL . Número 46

# CALÍOPE

## Presença Clássica

ISSN 2447-875X

*(separata 9)*

EDITORES  
Fábio Frohwein de Salles Moniz  
Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas  
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
REITOR Roberto de Andrade Medronho

CENTRO DE LETRAS E ARTES  
DECANO Afranio Gonçalves Barbosa

FACULDADE DE LETRAS  
DIRETORA Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS  
COORDENADOR Rainer Guggenberger  
VICE-COORDENADOR Fábio Frohwein de Salles Moniz

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS  
CHEFE Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda  
SUBSTITUTO EVENTUAL Beatriz Cristina de Paoli Correia

EDITORES  
Fábio Frohwein de Salles Moniz  
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL  
Alice da Silva Cunha  
Ana Thereza Basilio Vieira  
Anderson de Araujo Martins Esteves  
Arlete José Mota  
Auto Lyra Teixeira  
Ricardo de Souza Nogueira  
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO  
Alfred Dunshirn (Universität Wien)  
David Konstan (New York University)  
Edith Hall (King's College London)  
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)  
Gabriele Cornelli (UNB)  
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)  
Isabella Tardin (Unicamp)  
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)  
Jean-Michel Carrié (EHESS)  
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)  
Martin Dinter (King's College London)  
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autónoma de México)  
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)  
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA  
Máscara do teatro grego. Museum of Archaeology and Anthropology, Cambridge. Foto: Rainer Guggenberger.

EDITORIAÇÃO  
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger

REVISORES DO NÚMERO 46  
Elisa Costa Brandão de Carvalho | Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger | Ricardo de Souza Nogueira | Vinicius Francisco Chichurra

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ  
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ  
[www.lettras.ufrj.br/pgclassicas](http://www.lettras.ufrj.br/pgclassicas) – [pgclassicas@lettras.ufrj.br](mailto:pgclassicas@lettras.ufrj.br)

## Do romanesco grego por Nicetas Eugeniano: reflexão; tradução; notas; bibliografia

Reina Marisol Troca Pereira

### RESUMO

Da autoria de Nicetas Eugeniano, um dos quatro romances bizantinos que sobreviveu ao tempo, surge uma obra que retoma temas da Antiguidade Clássica. Este texto literário, realizado no duodécimo século, durante o período comneno, integra elementos da esfera cultural bizantina sob a influência de um paradigma judaico-cristão. A história em apreço é a 'fabula amatoria', que relata as peripécias amorosas de Drosila e Cárcles. Apesar de ser considerada uma imitação de segunda ordem, carente de originalidade em personagens, estilo, linguagem e ritmo, esta monodia versificada em nove livros quebra a passividade ao introduzir dialogismo intertextual, alusões, citações e a participação de um elenco evocado em discurso indireto livre. Observa-se na diegese uma conjugação multifacetada de vetores, com exemplos de lutas, paixões, sofrimentos, descrições, mortes, lamentos, ciúmes, memórias, hospitalidade e enganos. Apesar de ter registrado uma divulgação limitada, apresentando várias variações e lacunas, esta ficção é um valioso reflexo da vitalidade do passado, evidenciando a capacidade de integração e reconstrução, mantendo relevância na sua atualidade medieval. Provavelmente composta como um tributo a Teodoro Pródromo, a obra destaca-se pela sua contribuição singular.

### PALAVRAS-CHAVE

Romance; Amor; Paganismo; Motivos clássicos; Época bizantina.

SUBMETIDO: 8.1.2024 | APROVADO: 4.6.2024 | PUBLICADO: 14.9.2024

DOI [10.17074/cpc.v1i46.62550](https://doi.org/10.17074/cpc.v1i46.62550)

#### EXÓRDIO

“O pior de todos os romances gregos impressos é o romance de Nicetas Eugeniano<sup>1</sup> intitulado Τὰ κατὰ Δροσίλλαν καὶ Χαρικλέα, Dos Enredos e Drosila e Cárciles”. Versos insípidos, envoltos em artifícios convencionais repetidos à exaustão, refletem uma sociedade decrépita;<sup>2</sup> *graeculus loquax et inepte verbosus*.<sup>3</sup> Em suma, uma ‘perda de tempo’, ‘absurdo’, ‘detestável’, no juízo de M. de Villosion.<sup>4</sup> Além disso, nem a autoria reúne consenso,<sup>5</sup> e a *imitatio* atribuída levanta dúvidas quanto à originalidade face à mimesis de um modelo ambivalente.<sup>6</sup>

O presente escrito constitui uma das quatro fabulae amatoriae bizantinas<sup>7</sup> remanescentes na atualidade, mormente construídas sobre princípios inscritos na Segunda Sofística, que buscam reabilitar topoi utilizados na produção literária da Antiguidade Clássica, interrompida por cerca de oito séculos.<sup>8</sup> Não obstante as críticas desfavoráveis, um público-leitor instruído<sup>9</sup> poderá, por um lado, avaliar o acolhimento da literatura grega no contexto bizantino, aproveitando o período de paz e de estabilidade político-econômica propício a um maior florescimento literário sob o apanágio imperial comneno,<sup>10</sup> no duodécimo século (1081–1185).<sup>11</sup>

#### DIVULGAÇÃO

Ignora-se que tivesse havido vasta divulgação, porquanto o texto sobrevive num número limitado de manuscritos principais, a partir de um manuscriptum unicum, possivelmente perdido.<sup>12</sup> O stemma codicum retrata, a partir do arquétipo (Ω), por um lado, Venetus Marcianus graecus Z 412 (col.<sup>13</sup> 674), olim cardinalis Nicenus Bessarionis 332, ff. 1–71 (M), séc. XIII, em Veneza, incompleto. Noutro ramo, os restantes três, a saber: BNF Parisinus

graecus 2908 (p), ff. 1–237v, até 7.222, séc. XIV/XV, Paris, o único a atribuir a obra a Eugeniano e a preservar um argumento inicial (ὑποθεσις [sic]) de oito versos;<sup>14</sup> Vaticanus Vrbinas gr. 134, ff. 43–77v (u), séc. XV, Vaticano, incompleto, em duas colunas, sem autoria nem hypothesis, com anotações marginais e cada livro separado com inscrição do título seguido do número do livro por extenso, a vermelho; BML Aquisiti e Doni 341, ff. 50v–100v (l), séc. XVI, Florença, sem autoria. Ademais, em 7 livros, BNF 448H, Paris, séc. XVI. Outro suplemento que reproduz o texto é BNF suppl. gr. 458: cod. Paris 2908 cum collatione cod. Marciani Veneti a Petro Levesque, Paris, séc. XVIII. Os códices contemplam de igual modo pequenas glosas explicativas e elucidativas registadas nas margens (laterais, superiores, inferiores) e entrelinhas.

No respeitante a publicações, S. Chardon de la Rochette, 1799, possuía cópia de M, cedida por J. Morelli 1797, propondo-se a acompanhar o texto grego com uma tradução francesa, projeto, todavia, incompleto. Por seu turno, P.C. Lévesque, 1800, apresenta alguns excertos com tradução francesa sobre o texto grego, inseridos num artigo.

Com tradução latina, Boissonade 1819, baseada em MP, reeditada em Hirschig, G. (1856). *Erotici Scriptores*. Parisiis: Editore Ambrosio Firmin Didot, ao longo de páginas bicolunadas (grego-latim), corroborada por U. Adiante, Hercher, Rudolf. (1859). *Erotici scriptores Graeci*, 2. Leipzig: Teubner, 435–552. Em 1990 e 1994: 305–497, Fabrizio Conca. *De Drosillae et Chariclis amoribus*. Amsterdam: Gieben, beneficiando-se de L, donde a tradução inglesa de Burton 2004. Em francês, Le Bas 1841; em russo, Petrovskii 1969. A versão italiana, a cargo de Cataudella 1988. Em alemão, Plepelits 2003. Já correndo o ano de 2012, em inglês, Elisabeth Jeffreys.

#### FONTES E INTERTEXTUALIDADE

O romance de Nicetas Eugeniano é resultado de uma ‘estética de recepção’.<sup>15</sup> Além dos versos reutilizados e de citações diretas, ficam patentes tratamentos similares de outros autores, que

podem ter servido de influência (por ideias, motivos, paráfrase, fonte sugerida,<sup>16</sup> formas e citações) de vários modelos por certo reconhecidos pelo público-leitor<sup>17</sup> elitista, justificando a falta de identificação, exceto no caso de Calíope (6.339), ao abordar Homero. Além de elementos de tradição clássica tradicional, máximas (e.g. 5.351) ou registos proverbiais disponibilizados, tudo o mais é identificado pelo leitor como constante de outros escritos, provenientes de um manancial acessado (alguns conhecidos e outros desconhecidos ou perdidos).

Dentre essas especulações, destacam-se Homero (*Ilíada*; *Odisseia*); do início da época arcaica, Hesíodo (*Teogonia*, *Trabalhos e dias*); Arquíloco (séc. VII a.C.); Safo (séc. VI a.C.); do séc. V a.C., Heródoto; Ésquilo (*Agamémnon*, *Prometeu*), Eurípides (*Orestes*); Platão (séc. V/IV a.C. – *Fedo*, *Simpósio*, *Teeteto*); Antípatar (séc. II a.C.); escritos bucólicos (e.g. Teócrito<sup>18</sup> – séc. III a.C., *Idílios*; Longo - séc. II/III, *Dafne e Cloe*); Mosco (séc. II a.C. – *epítáfio para Bion*); Diodoro Sículo (séc. I a.C.); Apolodoro (séc. I – *Epítome*, *Biblioteca*); Plutarco (séc. I/II – *Nícias*); Pausânias (séc. II – *Geografia*); Diogeniano (séc. II); Filóstrato (séc. II/III – *Vida de Apolónio*); Aristéneto (séc. V/VI); Jorge de Pisídia (séc. VII – *Hexameron*).

Do romanesco clássico,<sup>19</sup> incluem-se Xenofonte (séc. I), Aquiles Tácio (séc. III), Heliodoro (séc. IV), Museu (séc. V/VI). Juntam-se conjuntos como Anacreonteia (versificação iâmbica) e a Anthologia Grega, reunindo vários autores. Acrescem ainda da poesia bucólica, Aristéneto (séc. V/VI); composições relativas ao Ciclope e a Dáfnis; versos atribuídos ao anónimo referido como Manganeu Pródromo ('Manganeios Prodromos', séc. XII). Da contemporaneidade bizantina, destacam-se produtos romanescos precedentes (viz. Pródromo, Rodante e Dósicles; Macrembolites, Das Aventuras de Hismine e Hismínias).<sup>20</sup>

Além do rol de escritos da Antiguidade Clássica grega acima contemplados, certamente existem títulos latinos desenvolvidos sob padrões similares. De igual modo, princípios constantes nas Escrituras Sagradas do credo Judaico-Cristão (e.g.

Canção das Canções; Êxodo, Gênesis, Lucas; Mateus), ainda que nunca citadas diretamente.

#### FORMALISMO: ESTILO E ESTRUTURA

##### A. ESTILO

Na realidade, trata-se de uma prosa lírica monódica repleta de *ékphraseis*, ‘descrições’,<sup>21</sup> distribuídas por um número variável de versos<sup>22</sup> e livros, dependendo do códice (podendo chegar a nove). Maioritariamente composta em dodecassílabos iâmbicos, utiliza-se de uma língua artificial fundamentada em bases áticas, entremeando traços de lirismo e bucolismo. Para mais, serve-se de epístolas e incorpora elementos musicais monódicos (cf. hinos, epitalâmios, trenos, outros cânticos, danças), alguns acompanhados de lira e com refrão.<sup>23</sup>

Do ponto de vista linguístico, constata-se um vocabulário pobre, repetitivo, com a integração de sentidos distintos de termos,<sup>24</sup> além da adaptação da língua helênica à época, incluindo *hápax legómena* (e.g. 6.222). Da mesma forma, o metro apresenta divergências em algumas passagens (e.g. hexâmetros, variando maioritariamente dâctilos e espondeus, em duas cantigas e um lamento: 3.263–288, 3.297–322; 6.205–235).

Por se tratar de uma *analepse*, predominam as formas verbais do passado (perfeito, aoristo, mais-que-perfeito, imperfeito, frequentemente participiais) ou aquelas referentes a um tempo já decorrido (mesmo quando se trata de formas no presente, futuro ou condicionais).<sup>25</sup>

A narração onisciente heterodiegética evita a impessoalidade e monotonia discursiva, delegando o labor expositivo a diversas personagens, em 1ª pessoa (ora do singular, ora plural majestático, em discurso indireto e indireto livre), nem sempre num registro monódico, mas com frequência em diálogo,<sup>26</sup> configurando um reconto polifônico. De fato, entre participantes (mais, menos ou apenas aludidos), a farsa reúne um numeroso elenco, distribuído por diferentes núcleos. Assim, pois, o par amoroso Cáricles (filho de Frator e Cristale) e Drosila (filha de



Mition e Hedipnoe) – de Ftia; Barbitíon (amigo de Cáricles), Cleandro (amigo prisioneiro, filho de Calistio e Cidipe, amada: Calígone, de Lesbos). Núcleo dos Partos: Crátilo (rei), Crisila (esposa), Clínias (filho), Lisímaco (sátrapa). Núcleo dos Árabes: Cagos (senhor), Mongo (sátrapa). Núcleo de acolhimento temporário: Marilis (velha, filho: Cramo), Xenócrates (estalajadeiro, filho: Calidemo). Gnato (mercador de Barzos). Além desses, noivo de esponsais de Drosila (evocado), sacerdote, amigos de Cáricles, população (de Barzos; da localidade de Mirilis; de Ftia), partos, árabes, piratas. Aclaram também o cenário referências a vultos helênicos socialmente representativos.<sup>27</sup> Acrescem ainda, aludidas (por nome, pronominalização, conceitualização), a título qualificativo ou ilustrativo, figuras mitológicas tradicionais e criações literárias<sup>28</sup> enquanto personagens, episódios e elementos.<sup>29</sup> De similar modo, superando conotações de paganismo, uma certa dessacralização na abordagem de áreas profanas,<sup>30</sup> designadamente deidades de um código politeísta retratadas, celebradas e invocadas tão só a título ornamental como referências, à parte de crença.<sup>31</sup> A tradição mitológica clássica, não progredindo a ação, ilustra circunstâncias, enquanto memória residual de entidades epônimas e(ou) paradigmáticas. Aliás, no seu todo, o cenário pleno de motivos culturais de outrora torna-se um ornamento ou expediente estilístico, ultrapassando diferenças civilizacionais e religiosas.

No conjunto, aparência simplista destinada a um público com elevação suficiente para entender o referencial clássico. Ainda assim, dos retratos descritivos sobressaem desabafos emotivos em interjeições, bem como figuras retóricas (viz. *tropi* – e.g. *ethopoeia*, alegorias, paráfrases, exempla mitológicos, metáforas, máximas (*γνώμαι*), *tropi uerbi* (e.g. 3.49); comparações e símiles mormente bucólicos, fórmulas, antíteses; *figurae uerborum*; *figurae sententiarum*) conquanto em parco dispêndio ornamental.

#### B. ESTRUTURA

Fantasia lúdica de estrutura simplicista, marcada por duas histórias paralelas e duplicadas, exceto na morte. Por um lado, trama principal que aborda o relacionamento afetivo heterossexual correspondido entre dois jovens no seu primor convencional, com adjuvantes e antagonistas (uns objetando, outros assediando), fuga,<sup>32</sup> viagem, tempestade, aspectos teológicos (celebração, entretenimento, contacto, veneração), ataques hostis, afastamento/morte(s) aparente(s), logro; reconhecimentos (*ἀναγνώσεις*), reunião, nós, matrimónio: os amores de Cárcles e Drosila. Secundariamente, Cleandro e Calígone.

Num âmbito geral, delineia-se uma trama vulgar de contornos regulares profundamente enraizada no passado (em três fases, desde o encontro inicial de Cárcles e Drosila; separação e peripécias; até ao seu reencontro e enlace matrimonial), pautada por apontamentos tradicionais provenientes de mitologia e tratamento literário clássicos: histórias, figuras e tópoi, adaptados à sua contemporaneidade. Simultaneamente, revela um traço específico da Idade Média evidente em cantigas de amor, de amigo e em algumas tiradas de escárnio e maldizer,<sup>33</sup> já presente em produções literárias do cenário clássico.<sup>34</sup>

O eu-poético, ora masculino ora feminino (e.g. Cárcles, Drosila) dependendo da focalização da cena, é afetado por uma patologia inspiradora de atitudes perversas (como pensamentos homicidas em personagens a exemplo de Crisila e Clínias, dolo representado pelo tópico da fraternidade falsa, fugas e ciúmes em Cárcles, Drosila, Cagos e Clínias), num estado iniciático desconhecido e não solicitado para ambos os géneros.

Em suma, os elementos que matizam o panorama romanescos de Eugénio são espinhos de bonança e acidez belicosa<sup>35</sup> em relação a circunstâncias externas e internas, no foro comunitário (e.g. partos, árabes, helénicos), familiar (e.g. progenitores de Cárcles e Drosila) e pessoal (e.g. gestão de desejos lúbricos<sup>36</sup> face a esposais, códigos sociais de virgindade e decoro). Enquanto a beleza e juventude<sup>37</sup> são padronizadas de um lado, do

outro, encontram-se velhice e comportamentos femininos irrefreados e incontidos (viz. Marilis, Crisila), geradores de ironia.

Cena polistórica, desenrola-se em tempos e espaços diversos, situando as personagens ao longo do enredo. A estrutura, assim, não é rigidamente linear ou sucessiva. Desde logo, o tempo de ficção é póstumo (mais ou menos distante), com início in medias res, com alguma prolepse ominosa onírica relacionada com momentos passados (3, 6, 8), bem como o desenrolar simultâneo de várias ações.

Quanto ao espaço, de forma mais abrangente, apresenta Lesbos, Ftia, Barzos, porto Dracon, Arábia, Cária, Partia, uma localidade anônima de acolhimento de Drosila e o mar. Em âmbitos mais restritos, inclui entre os partos e entre os árabes, embarcações, prisão, jardim, estalagem, morada de Marilis, bem assim um templo.

Por seu turno, as indicações cronológicas ocasionalmente merecem descrições detalhadas, acompanhando paulatinamente a ação reportada. Por vezes, trata-se apenas de contabilizações condensadas, porquanto nenhum evento se desenrola em tempo real ou presente. Globalmente, múltiplas e detalhadas ékphraseis, qual microestrutura do romance, suspendem o tempo narrativo, prolongando o momento, ao passo que omissões avançam o retrato da ação. Dos registros, o tempo é delineado como um vetor demarcativo de momentos cruciais da intriga.

Assim, inicialmente, a focalização nos partos: dia da invasão parta a Barzos, desde a manhã até ao ocaso, dia (1.200), 5 dias de retorno (1.207), noite (1.278), dia (1.354, 2.1); levantar (5.3), morte repentina de Crátilo (5.169), ocaso (5.248); dia (5.254), passam 18 dias (2x9 dias) desde a morte de Crátilo (5.270). Focalização nos árabes: expedição – invasão no 8o dia, acampamento (5.365), dia seguinte (5.392); 3o dia (5.419). Focalização temporal em Drosila: acidente, flutua até amanhecer (6.21); 3+6 dias passados (6.179-180); noite (6.214, 238); dia (6.242); noite (6.606). Focalização temporal em Cáricles: narração a Marilis – invasão parta, vários dias (7.160); árabes, libertação, 12 dias depois – estalagem (7.186); permanência de 3 dias (7.190).

Tempo de ação: amanhecer, dia de reencontro Cáricles/Drosila (6.608, 7.1), noite (7.62). Focalização no retorno a Ftia: anteontem – sonho de Cáricles em 6.623 (8.30); ontem Cleandro vivo (9.56); passam 2 dias (9.142): dia (8.211), noite (8.237), manhã (9.1); ida para Barzos (9.146), amanhecer (9.187), dormir (9.201); Casa de Gnato: 1º dia (9.231); 2º dia – ida Ftia (9.235): 10 dias de navegação (9.241); anoitecer (9.270); dia após casamento (9.271). Os demais aditamentos cronológicos, reproduzindo ocasiões mais remotas, resultam contextualizantes e subsidiários. A exemplo, evocações narrativas dos prisioneiros: Cleandro (2.57): noite (2.318), sonho de Calígone de ‘anteontem’ (3.5), viagem 5 dias, desde Lesbos (3.20), noite de chegada a Barzos (3.21)/invasão parta (3.26). Cáricles: fuga 4 dias, piratas (4.3); noite (4.8); noite (4.27); dia (4.41); até à cidade: dia até noite (4.53); noite (4.331). Similarmente, Marilis recorda morte de Crano, havia 8 anos (7.308).

#### VELHAS QUESTÕES, NOVOS OLHARES

Longe do esplendor helênico, com vestígios decadentes e já degenerados de reabilitação, superada a supremacia militar romana, bem como a(s) helenização(-ões), a época das cruzadas, a ascensão árabe/muçulmana e a progressiva desintegração do Império Romano do Oriente – há muito ocorrida a derrocada da vertente ocidental –, o cenário romanesco, ao revitalizar padrões antigos, retrata sob novos ditames contemporâneos também aspectos da realidade circundante.

Portanto, evidencia-se uma multiplicidade sociocultural ao considerar costumes e práticas civilizacionais (e.g. bélicas, fúnebres) de vários povos e proveniências (helenos, partos, árabes, outros), mesmo que, por vezes, com traços de xenofobia clássica, ao preservar o par protagonista como helênico e ao associar atos de crueldade, pirataria, violência, intemperança e barbárie a corsários, partos e árabes. Porém, entre os estrangeiros, constatam-se diferentes tratamentos, superiorizando-se os árabes (nunca conotados ‘bárbaros’) aos partos.<sup>38</sup>

De outra feita, muito provavelmente afastado de mero acaso ou coincidência, o topônimo Ftia<sup>39</sup> conserva a sua proeminência enquanto pátria de heróis, não mais na épica homérica em torno de Aquiles, mas no romance bizantino relativo aos amores de Drosila e de Cárcles, naturais de Ftia (3.52). Porém, o fundamento *nomen omen*<sup>40</sup> mantém a sua consistência no duodécimo século. Se, no primeiro caso, a etimologia denota incompatibilidade com uma almejada ‘fama imperecível’ (Il. 9.413 κλέος ἄφθιτον); no segundo, não abarca uma regularidade feliz e pacata.

Outro vetor cultural discriminatório prende-se com tonalidades misóginas, embora se entrelace um certo paradoxo de gênero.<sup>41</sup> Apesar de a linguagem metafórica manter uma perspectiva androcêntrica,<sup>42</sup> e a expressão atribuída a Cárcles ser mais proeminente do que a da heroína, constata-se uma destacada presença feminina nas titulações dos romances bizantinos, partilhando o protagonismo sentimental. Esta presença manifesta uma certa ‘lubricidade pia’ na abordagem de argumentos e atitudes que respeitam o erotismo como uma necessidade natural e a preservação de valores (e.g. fidelidade, decoro, recato/virgindade). Portanto, observa-se o avanço rumo a uma simetria sentimental assumida. Reflete-se, assim, um certo protagonismo feminino na dinastia comnena.<sup>43</sup>

Além disso, surgem pontos de convergência entre os paradigmas clássico e judaico-cristão. Face à diminuição do cultivo de formas hagiográficas, que recuperam *loci classici*,<sup>44</sup> importa atender a mirabilia e adynata, ainda que sob novas roupagens. Dessa forma, o culto a Dioniso proporciona o cenário para o desenvolvimento da história e a divindade intervém em imagéticas (vd. reunião enquanto ressurreição de morte aparente dos amantes), sonhos e consentimentos.

Consequentemente, é pertinente ponderar sobre a figura da divindade pagã comparando-a, na teologia cristã, com Jesus, filho do Deus Único.<sup>45</sup> Zagreu-Dioniso destaca-se como ‘o’ filho do deus maior – Zeus (6.317-318), ‘o nascido duas vezes’, após a ποινή παλαιή, ‘culpa ancestral’ (Pl. Men. 81b) titânica. Aliás, o

festival de Dioniso constitui uma celebração de aniversário de Zeus (4.63).

De igual modo, a exposição é pontilhada com instâncias clássicas envoltas numa coloração adaptada à época.<sup>46</sup> Não se trata apenas de uma mera colagem imitativa em torno de uma temática basilar de vida e morte (variada: súbita, suicídio, conflito, execução, remota, suposta – acidente, assassinato, envenenamento, metáfora amorosa)<sup>47</sup> dispersa por várias ramificações tipológicas (éros, philía, agápe) e irradiada por uma periferia de *tópoi* (e.g. festival dionisiaco; dolo da fraternidade; velhice; receção de hóspedes e suplicantes). Mas antes, de incorporar a sua manifestação em epistolografia, cânticos (hinos, epitalâmios, trenos), sonhos, banquetes, celebrações (festivais, matrimónio, funerais) e harmonizar com outros elementos de foro teológico (*moíra*, *týche*),<sup>48</sup> além de usos e crenças. Donde a alusão intermitente a elementos físicos naturais, ora personalizados enquanto divindades clássicas tradicionais, ora meramente substantivados.<sup>49</sup>

De certa forma, verifica-se alguma racionalização do hemisfério clássico, remetendo as suas particularidades tradicionais a formas enigmáticas (cf. Plu. 8.8.3) de codificar e transmitir verdades em linguagem mitológica, entretanto decifradas mediante a Cristandade. Nicetas Eugéniano não foi primaz na tonalidade, contudo original na homogeneização da multiplicidade de vetores comuns concretizados numa trama própria.

#### DA TRADUÇÃO

A presente tradução tem por base a lição grega de Boissonade 1819, em nove livros, mediante cod. pv. Por forma a facultar o conteúdo disposto nos manuscritos remanescentes, versos acrescentados na reedição de Boissonade 1856, presente em Hirschig. *Erotici Scriptores* encontram-se numerados e traduzidos em rodapé. A chamada exhibe-se no início do verso que segue o passo inserido, registando-se em tradução manuscritos e edições consideradas.

Pese embora o considerável número de lacunas e variações linguísticas detalhado no aparato crítico de Conca, registram-se presentemente divergências formais com reflexo semântico distintivo. A versão portuguesa apresentada traduz o sentido de cada verso, preservando a ordenação estrutural da trama, confiando em leituras com hipérbatos e carência de elementos, em conformidade com o critério adotado.

Em virtude de os factos de um sistema semiótico primário não poderem ser correspondidos aos de outro, constata-se a impossibilidade de realizar uma versão vulgarmente chamada de 'literal'. Preserva-se, ainda assim, a semântica de cada verso. Por conseguinte, a repetição vocabular original é mantida, a fim de espelhar, de certa forma, opções estilísticas do autor.

A pontuação surge ajustada em conformidade ao texto vertido. No tocante às aspas, utilizam-se aspas angulares (»), com entrada de texto de 0,25 cm, para assinalar início e fim de intervenções diretas de personagens; aspas altas (”), com entrada de texto de 0,5 cm, para assinalar início e fim de intervenções de personagens em discurso indireto livre. Aspas simples/plicas (‘), com entrada de texto de 0,75 cm, assinalam início e fim de mensagens, cantigas, monólogos, pensamentos, poemas de personagens. Por fim, aspas angulares simples (< >), com entrada de texto de 1 cm, registram início e fim de fala no interior de lírica ou cantiga, ou diálogo imaginado/hipotético inscrito em conversas entre aspas simples (e.g. 2.172-178).

A numeração na margem é nossa, corrigindo lapsos editoriais de Bo1 na tradução apresentada, e de Bo2, sempre que aludido e referenciado em rodapé.

Para facilitar a leitura, na introdução de cada livro colocam-se algumas linhas sinóticas. Integram-se, outrossim, versos contemplados noutras edições do texto, dispostos entre parêntesis retos em Itálico, com referência indicada em nota de rodapé, e sem perturbar a numeração da edição seguida.

TRADUÇÃO

Nicetas Eugeniano.

Dos Enredos de Drosila e Cáricles

ARGUMENTO DE TODO O OPÚSCULO

Aqui, a história de Drosila e Cáricles,  
a fuga, digressão; tempestades; raptos; violências;  
ladrões; prisões; piratas; fomes;  
masmorras terríveis e retiradas,  
com escuridão mesmo sob o sol radiante,  
grilhão de ferro martelado,  
lastimosa separação desafortunada entre eles,  
mas, após muitos percalços, câmaras nupciais e laços matrimoniais.



PRIMEIRO LIBELO

[Cenário de Barzos: ataque dos partas, mesmo durante o festival de Dioniso – 1-104, 159. Cárices e Drosila são feitos prisioneiros – 74. Descrição de Drosila – 116-158. Ordens de Crátilo, rei parta, ao sátrapa Lisímaco, ação e louvor – 168-199. Regresso dos partas à sua pátria – 200-210. Lamentos dos prisioneiros – 211-258. Cárices e Cleandro compartilham desabafos – 258-284. Lamentos de Drosila – 285-383.]

Agora, o líder celestial que traz a luz,  
surgiu do hemisfério inferior,  
envolto pelos fluxos do Oceano,  
e espalhou-se pela largura da terra,  
elevando-se sobre os lugares cimeiros,  
Os Partas atacam a cidade de Barzos,<sup>1</sup>  
não para travarem um confronto direto,  
nem para lançarem pedras nas muralhas<sup>2</sup>  
com catapultas e armas de cerco,  
nem para derrubarem a partir de cima,  
com rochas, tartarugas<sup>3</sup> e carneiros com pontas de bronze<sup>4</sup>  
(não era, de fato, fácil para eles tomarem a cidade,  
pois ela estava cercada por todos os lados por precipícios restritivos),  
mas para levarem os homens de Barzos,  
que poderiam capturar fora dos confins da cidade,  
e todo o seu patrimônio.  
Então, espalhando-se e dispersando-se  
longe das muralhas da cidadela,  
a ala subordinada da filarquia<sup>5</sup> parta,

<sup>1</sup> Cf. τὸ βάρζον (8.222) e ἡ Βάρζος. Vd. cidade Ásia Menor, com porto (3.23-24, 9.2336), distante cinco dias de navegação de Lesbos (3.16-20), dez de Ftia (9.241); por terra, a cinco dias dos partos (1.206-207). Segundo Boissonade 21, corresponde à cidade de Bartin, parte do Império Romano e Bizantino, a norte da Turquia, perto do Mar Negro.

<sup>2</sup> Acerca de movimentos invasivos, cf. D.S. 20.41.

<sup>3</sup> Entenda-se ‘escudos de tartaruga’.

<sup>4</sup> Entenda-se ‘aríetes com pontas de bronze’.

<sup>5</sup> Vd. φιλαρχία, ‘comando, governo’. Considerem-se, ademais, da mesma família semântica, στραταρχία (6.115), relativamente ao exército; ληστρική ναυαρχία (4.4, 6.109, 7.17), no âmbito da pirataria; βαρβαρχία (5.330), no domínio bárbaro.

de repente, saqueou os lugares circundantes.  
Os bárbaros, reunindo-se de imediato,  
depositavam o saque dos mísios<sup>6</sup> junto aos portões.  
Dispersaram alguns homens miseráveis  
que tentavam resistir,  
e outros capturavam, levando-os acorrentados.  
Por avidez derrubavam árvores,  
mesmo que estivessem carregadas de frutos.  
Arrebatavam cabras, vacas,  
que não conseguiam alcançar as muralhas a tempo.  
Arrastavam mulheres que carregavam os seus infantes.  
As mães infelizes lamentavam-se  
e os bebês choravam junto com elas –  
afinal não conseguiam mamar o suficiente,<sup>7</sup>  
uma vez que o fluxo de leite materno  
se transformara num rio ensanguentado.  
Aí o milho era cortado antes do verão,  
para alimentar a cavalaria dos bárbaros;  
o cacho de uvas robusto fora esmagado antes da vindima,  
miseravelmente pisoteado pelos cascos dos cavalos,  
deixando a região circundante despojada  
os partos cruéis, hostis e de outra língua.  
E então, o que mais?<sup>8</sup> Os de fora das muralhas  
que conseguiram escapar da espada  
– Ah! –, colocam os seus pescoços  
sob o pesado jugo da infeliz servidão,  
chorando pela sua sorte terrível.  
Mas aqueles que se apressaram para o interior das muralhas,  
escapando da adaga parta,  
para um refúgio seguro no cimo das altas muralhas,  
correram, e pelos compatriotas que ficaram desalojados das suas casas

<sup>6</sup> Referência proverbial expressiva da destruição. Cf., em conformidade com algumas fontes, e.g. Apollod. *Epit.* 3.21, a existência de duas partidas de Áulide, rumo a Troia, para encetar o conflito, a primeira das quais conduziria a armada de Agamémnon, por engano, à Mísia, na Ásia Menor, vd. Str. 1.1.17.

<sup>7</sup> Cf. imagética similar em Plin. *HN* 35.36.

<sup>8</sup> Fórmula. Vd. 9.266.

lamentaram muito:

«Que maligna Sorte<sup>9</sup> selvagem – diziam –  
dilacerou agora os da nossa própria raça?  
Oh! que Erínia,<sup>10</sup> que Alastor,<sup>11</sup> que Sorte  
escraviza cidadãos livres a perversos Bárbaros!  
Por quais deles deverá deplorar-se largamente?  
Pelos mortos conjuntamente? Pelos cativos acorrentados?  
Pelas mulheres viúvas? Pelas donzelas sem maridos?  
Pela caterva de crianças sem malícia?  
Por nós? Oh, que terrível despojo!»  
Assim aguentavam a tensão,  
e um lamento surgia, misturado, profundo e grande,  
de homens, mulheres, donzelas, jovens.  
Contudo, os bárbaros não negligenciavam a colheita:<sup>12</sup>  
Ocupavam-se com pensamentos de pilhagem.  
Esse inimigo, de sentimento bárbaro e mente cruel,  
estava acostumado a devastar totalmente  
e a espoliar homens que não tinham feito mal nenhum.  
Então, após acorrentarem os cativos, só<sup>13</sup>  
tarde no dia olharam para a luxúria e para a bebida.  
Levavam consigo os despojos e também um estrangeiro,  
preso a eles por correntes inquebráveis,  
que lamentava junto com os cativos –  
o belo Cáricles e a ainda mais bela<sup>14</sup> Drosila.

<sup>9</sup> Vd. Τύχη, 'Sorte', aqui personalizada enquanto entidade atuante. Cf. distinção entre destino, lote pré-determinado – μοῖρα (e.g. 6.203) e acaso/sorte/fortuna – τύχη – denotando mudanças, normalmente seguindo uma tendência negativa, dependente da culpa e responsabilidade humanas.

<sup>10</sup> Vd. Erínias/Fúrias, divindades subterrâneas de justiça primitiva, que vingam os crimes de sangue e mortes injustas, A. *Eu.* 499; E. *El.* 113. Cf., na sequência ds eventos relativos ao julgamento de Orestes, a substituição da corrente automática interminável de crimes-castigos, pelo cortejo final de *Euménides* (A. *Eum.* 1021-1031; S. *OC* 128D) e a criação do Tribunal.

<sup>11</sup> Divindade vingadora. Cf. A. *Ag.* 1479, 1508; *Pers.* 343; E. *Ph.* 1550; S. *Tr.* 1092; Paus. 8.24.4.

<sup>12</sup> P *ad marg.*] Γνωμικόν, 'máxima'.

<sup>13</sup> Cf. fórmula reutilizada em 2.68, 3.146, 4.52, 7.152.

<sup>14</sup> Vd. expressão em Hor. *Carm.* 1.16.1.

Depois de se sentarem juntos na planície,  
devoravam a refeição que lhes fora servida.  
No meio do local, havia um prado muito agradável,  
rodeado por belos loureiros,  
ciprestes, plátanos, carvalhos,  
e no meio, agradáveis árvores frutíferas.  
Havia também lírios, assim como prazerosas rosas  
a brotar em grande número, no meio do prado.  
Os botões das rosas como que se encafuavam –  
    melhor dizendo, abriam-se pouco –,  
ficando fechados como uma donzela.  
Por certo, a razão disso deve  
ser o raio de sol que aquece,  
pois quando ele – e é bom que assim se mantenha –  
aplica calor no centro desses botões,  
eles soltam a encantadora fragrância das rosas.  
Havia ali também um riacho a fluir da nascente,  
frio, claro e doce como mel;  
um pilar projetava-se no meio da fonte,  
entalhado com muita habilidade no seu interior:  
comparava-se a um tubo grande,  
por onde a água subia fluente.  
Mas uma água, após receber isso  
(era de bronze, destramente trabalhada e posta no topo),  
expelia pela boca de novo o fluido.  
No meio das pedras brancas da bela fonte,  
surgia um círculo com figuras bem esculpidas:  
as estátuas eram criações de Fídias,  
e obra de Zêuxis e Praxíteles,<sup>15</sup>  
os melhores artesãos na arte da escultura.  
No lado direito do jardim,  
fora das cercas de madeira,  
havia um altar feito para Dioniso,  
cujo festival as gentes de Barzos celebrava.

---

<sup>15</sup> Vd., do séc. v a.C., Fídias; Zêuxis; do séc. iv a.C. Praxíteles, no contexto da escultura e pintura da Antiguidade Grega, reconhecidos no Período Bizantino.

No seu decurso, a horda de bárbaros sem lei  
avançou de repente sobre os habitantes locais,  
que estavam fora das muralhas de proteção,  
juntamente com as suas mulheres e crianças,  
e não só a celebração do deus Dioniso  
aí viviam, como também festejavam  
sob a cobertura de tendas.  
Devido a essa efeméride, igualmente a donzela Drosila,  
com raparigas e donzelas da sua idade,  
saiu da muralha da cidadela,  
dando início a uma bela roda de dança.  
A rapariga estava cintilante como o céu,  
com um manto dourado, brilhante, branco e roxo,  
escolhido para a ocasião.  
Era jovem bem proporcionada, com mãos cor de sardonix,<sup>16</sup>  
lábios e bochechas vermelhas como rosa,  
olhos bem delineados e negros,  
face ruborizada, nariz aquilino, cabelo brilhante,  
flexível e bem cuidado,  
com lábios tipo botão de flor – uma colmeia desvelada,  
derramando um mel agradável quando fala.  
Era como uma estrela cintilante na terra, rosa no céu,  
com um pescoço gracioso alongado.  
Tudo nela era agradável: sobranceiras arqueadas,  
Qual tição deslumbrante de cor branca e vermelha  
assim luziam as tochas das suas bochechas.  
O resto da face da rapariga brilhava como neve.  
Cabelo dourado, com tranças  
louras, parecendo mel, douradas, organizadas,  
longas e também perfumadas de bálsamo.  
Maxilar e pescoço brilhavam,  
o seu lábio era néctar a brotar.  
O peito tinha o orvalho de outra aurora,  
de vigor era proporcional a um jovem cipreste.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> P *ad marg.*] *Ecfrasis* de Drosila.

<sup>17</sup> Cf. Aristaenet. 1.1.

O nariz era bem torneado, dentes arranjados,  
como pérolas brancas,  
E as sobrancelhas circulares formavam  
um arco como o de Eros,<sup>18</sup> deleitado.  
Ela parecia uma mistura de leite e rosas,  
colorindo, como um pintor,  
a natureza, o seu corpo de branco e vermelho.  
De facto, ela impressionava as raparigas que dançavam juntas  
dentro do prado do templo de Dioniso.  
Por um lado, dedos e pontas, dos ouvidos  
tinham rubis, brilhantes como o fogo,  
pedras firmemente fixadas em ouro puro;  
as suas mãos brilhavam devido ao ouro,  
e os seus pés, por outro lado, eram prateados.  
Assim essa donzela Drosila<sup>19</sup>  
foi agraciada com beleza nunca antes vista.  
Depois de se deitarem com grandes bebedeiras  
até ao pôr do sol e alta noite,  
os hostis, a regozijando-se como o saque  
(afinal, o bárbaro, naturalmente, solta-se nas bebedeiras  
e gosta de entregar-se a libertinagens e embriaguez,  
especialmente se puder saquear com facilidade,  
após encontrar propriedade abundante dos outros),  
com dificuldade, levantaram-se da mesa,  
voltando-se de imediato para o sono.  
Então Crátilo (pois esse era o rei parta),  
depois de recuperar brevemente da bebedeira que o desnorteou,  
fala isto ao sátrapa<sup>20</sup> Lisímaco:  
«Nós, de bebida e de comida já  
estamos saciados por agora, mas outrossim de embriaguez,  
que também induz ao sono.

---

<sup>18</sup> Utensílio da divindade Eros, associada à esfera amorosa. Divindade representada como habilidoso arqueiro de flechas indutoras de paixão, e.g. Mosch. *AP* 9.440.

<sup>19</sup> P *ad marg.*] máxima.

<sup>20</sup> Vd., a partir do séc. V, governador persa de província.

Sátrapa, é altura de recuar para o descanso  
do sono, depois de termos nos entregado à luxúria.  
Mas tu, com um coração verdadeiramente vigilante,  
não deverás dormir ainda.  
Leva igualmente contigo os comandantes do exército;  
cavalga em redor dos cativos acorrentados,  
vigia, guarda, inspeciona, percorre,  
para que eles não escapem na escuridão  
e nos tornem motivo de riso,  
ou até mesmo realizem algo precipitado  
contra aqueles de nós que estão a dormir tranquilamente.»  
Tendo esse discurso doloroso do senhor  
o sátrapa Lisímaco recebido,  
afastando já o sono,  
dedica-se à guarda dos prisioneiros.  
Quando o brilhante auriga sol  
a sua tocha sobre toda a terra  
colocava, revelando o dia brilhante,  
o rei parta levanta-se imediatamente  
e, após felicitar Lisímaco pela guarda,  
congratula o homem com palavras brilhantes,  
cumprindo muitas promessas que lhe fizera.  
Na verdade, a maior parte do butim a ele  
e àqueles sob o seu comando declarou facultar:  
«Ora, os que se destacam entre os demais  
também devem ser recompensados com presentes mais generosos.»  
Dito isto, levantou-se da cama;  
a raça bárbara também se ergueu,  
pronta para regressar a casa sem demora.  
Reuniram o butim conquistado,  
cabra, boi, cativos agrilhoados,  
sob o comando do conquistador Crátilo,  
e partiram rumo à pátria.  
Ao quinto dia, chegados lá,  
entregaram os cativos à prisão,  
misturando-os com os confinados

prisioneiros miseráveis de uma primeira pilhagem.  
Arremessados para o interior da prisão,  
caídos no chão, curvados na direção do joelho,  
deploravam a sorte hostil,  
considerando dignos de louvores apenas  
aqueles sobre quem a espada desferiu o golpe assassino,  
designando o seu massacre um benefício,  
porquanto a alma perde o amor pela vida,  
após cair muitas vezes em tristezas sem fim.  
Drosila, desafortunadamente, por infelicidade,  
separada pela sorte assassina  
de Cáricles, seu noivo de nome,  
estava mantida nos aposentos femininos de Crisila,  
pois Crisila era a mulher do parta Crátilo.  
Cáricles, encerrado no interior  
da prisão, como referi, começou a lamentar:  
'Que Erínia, Zeus, Senhor do Olimpo,<sup>21</sup>  
retirou Drosila do abraço  
do seu tão desafortunado Cáricles?'  
O mencionado Cáricles gritou de novo ainda mais alto:  
'Ai de mim, Drosila! Aonde vais? Onde permaneces?  
A que tipo de trabalhos servis foste designada?  
Foste morta por algum dos inimigos selvagens?  
Ou vives oculta, como uma sombra em movimento?  
Lamentas? Ris? Estás morta? Foste salva da morte?  
Estás feliz? Estás aflita? Tiveste medo, não temes a espada?  
Estás a sofrer? Estás a ser espancada? Padeces agonias ou violação?  
Com que líder sátrapa compartilhas o leito?  
Que inimigo, agora revelado teu senhor,  
recebe a taça dos teus dedos?  
Ou, talvez muito embriagado, te  
punirá com o seu o punho bárbaro  
por uma falta não intencional? Ai de mim, pela sorte!  
Crátilo também um olhar lascivo  
te lançará, invejoso do casamento?

---

<sup>21</sup> Vd. A. *Th.* 116.



Porém, antes que ele atue, o ciúme de Crisila  
destruir-te-á com um copo de veneno.  
Oh, filho de Zeus, Dioniso, como prometeste  
a mim casamento com Drosila previamente,  
quando, com muitos sacrifícios por ela, te  
honrava, mensageiro de más notícias?  
Então, tens pensamento no coração,  
também tu, Drosila, pelo amigo Cárcles,  
que está a lamentar, a deplorar, enclausurado?  
Ou, na verdade, esqueceste o deus Dioniso  
e a promessa para com Cárcles através dele,  
pois estás restringida pelas necessidades de percurso –  
o infortúnio do aprisionamento e a dor?’  
Assim, Cárcles para Drosila, desgovernado.  
Enquanto descreve o seu lamento trágico,  
apresenta-se um valoroso jovem,  
de voz doce, nobre na aparência,  
companheiro cativo, companheiro aprisionado, estrangeiro,  
e, ao lado de Cárcles,  
apressava-se a consolar o parceiro de sofrimento,  
dizendo: «Cárcles, para de lamentar, já chega;  
dá-me a palavra, proporciona uma resposta,  
para que o grande peso da melancolia  
alivies, por meio de uma conversa espontânea.  
O discurso, de fato, é o remédio para todo o pesar,  
e a alma não conseguiria, de forma nenhuma,  
apagar o fogo das aflições, uma vez aceso,  
se não expressares a tua agonia a outro  
capaz de consolar os aflitos».

«Dizes bem, Cleandro – referiu Cárcles –;  
no entanto, a tua interpelação apenas é suficiente  
para aplacar a maior parte do meu fardo de sofrimentos.  
E já que a noite chegou, como vês,  
amigo, é apropriado que eu obedeça à noite;<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> Cf. *Il.* 7.282, 7.793, 8.502, 9.65.

deixa-me acalmar e deitar,  
para que, se conseguir atrair brevemente o sono para os meus olhos,  
possa esquecer um pouco os meus sofrimentos.  
Amanhã, quando a noite tiver passado,  
ouvirás a respeito dos acontecimentos de Cáricles.»  
Assim, Cáricles estendeu-se para dormir,  
ao passo que Drosila se lamentava amargamente do seu âmagô,  
deitada no aposento feminino de Crisila  
(com efeito, a rapariga não conseguiu deter  
o prazeroso sono que se abateu sobre os seus olhos).  
‘Querida alma – disse ela -, o meu marido Cáricles  
(Cáricles, meu marido, contudo apenas de nome),  
tu dormes num canto da prisão,  
sem ter, nem um pouco, Drosila em mente.  
Devido aos males que sucederam não tens, negligenciaste,  
quer a promessa voluntariamente estabelecida entre nós,  
quer o deus que, no passado, me uniu  
a ti, Cáricles, apenas por meio de uma promessa.  
Mas Drosila muitas coisas de Cáricles  
lamenta, cheia de lágrimas,  
e censura-te também, face às circunstâncias da Sorte,  
por esqueceres a promessa.  
Na verdade, a Sorte violenta  
avança com infortúnios contra ti, Cáricles,  
e antes de ti, contra mim, donzela Drosila,  
para a indissolúvel junção  
nossa apartar e dividir-nos em dois.  
Por que razão, Sorte maligna, não te dás como saciada,  
com a complexa circunstância que me atingiu  
e a punição que agora me deteve,  
mas estás a confinar-me longe de Cáricles?  
Para mim, a escuridão da prisão seria melhor do que a luz,  
se houvesse sido condenada a ficar com Cáricles,  
e ontem tivesse entrado na prisão com ele.  
Impunha-se, Cáricles, mesmo que a Sorte tanto  
ataque, separe os dois,

e planeje um rompimento final<sup>23</sup>  
dos que respiram como só através de um compromisso mútuo,  
não desistir, nem deixar cair o assunto no esquecimento,  
mas, diante dessa mesma Sorte beligerante,  
manter uma enorme firmeza.  
Contudo, tu estás a dormir e não lamentas Drosila,  
ela, porém, lastima-se e invoca os deuses para testemunhar  
que nunca se se separará de Cárcles.  
De fato, a hera é inseparável do carvalho,  
acostumada ao seu abraço desde jovem,  
incorpora-se e parece ter crescido  
no corpo, apresentando energia dupla;<sup>24</sup>  
assim Drosila, face ao noivo Cárcles:  
um corpo, mente e alma,  
ainda que ontem Crátilo, ao sentar-se à mesa,  
mostrasse uma terrível paixão  
e houvesse uma troca de olhares comigo.  
Ai de mim, Cárcles, nome devo amar,  
que fim terão os nossos infortúnios?  
Agora, não obstante, separada de ti, julgo  
um pequeno consolo só de ver  
a prisão onde foste enclausurado  
– sim, essa pequena coisa, e saber em geral  
onde moras agora, onde dormes, onde te sentas!  
Liberta-te do sono, se consegues dormir,  
pensa em Drosila: ela lamenta-te, deplora-te;  
sofre juntamente com ela, lamenta simultaneamente, sofre em concomitância.  
Talvez, Cárcles, não tenhas nascido de carvalhos,  
penso que lamentas, choras  
e que não dormes no meio da noite,  
lembrando muitas coisas da donzela Drosila.  
Oh, vá lá! Sono, detém-me demoradamente,  
caso um sonho ao aparecer me adoce,

---

<sup>23</sup> 314-315 Bo<sup>2</sup>] ataque para a separação do par, | intente a rutura entre os dois, // 316 om. MPBo<sup>1</sup>] e lute, Oh, por uma separação definitiva.

<sup>24</sup> Vd. Ach.Tat. 8.9.

mostrando-me o meu amado Cáicles.  
Com efeito, os que desejam ou amam frequentemente<sup>25</sup>  
anseiam, ao estarem sem se ver quando acordados,  
conversar e respirar juntos nos sonhos.’  
Assim falou a donzela Drosila,  
lamentado e deplorado.  
O dia voltou para os cativos,  
que dormiam miseravelmente na prisão,  
embora a profunda escuridão dela  
prevalecesse e escurecesse o dia.

---

<sup>25</sup> P *ad marg.*] máxima.

SEGUNDO LIBELO

[Lamentos de Cáricles – 8-27. Cleandro requer a narração de Cáricles – 28-39. Cleandro relata os seus amores com Calígone – 40-384.]

Após o dia ter brilhado rapidamente,  
e o sol gigante, portador de luz,  
pelas pequenas frestas da prisão  
haver lançado um pequeno raio àqueles que estavam no interior,  
imediatamente Cáricles levantou-se sozinho.  
Ao ver que todos tinham dormido bastante,  
lamentou brevemente<sup>26</sup> do fundo do coração,  
e disse: ‘Homens, companheiros de prisão,  
é razoável que ainda estejam a dormir?  
Não afetou os vossos corações  
o amargo encanto amoroso, nem a dor do desejo?’<sup>27</sup>  
O amor<sup>28</sup> não tocou as vossas almas?  
Por que razão acharia eu estranho que vocês abraçassem o sono  
Desde o início da noite até ao nascer do sol?  
Eros<sup>29</sup> à noite está pronto  
para voar, penetrando os corações apaixonados.  
A alma do amante então descansa,  
toda disponível para ele.  
Eros, porquanto tens vigor,  
não deves fazer os mortais apaixonarem-se!  
Porém, mesmo fazendo, porque não ages também para que tenham sucesso,  
mas trazes múltiplos sofrimentos a muitos  
até lograrem alcançar o que desejam?’  
Cáricles, suavemente, para consigo mesmo  
lamentou, derramando torrentes de lágrimas.<sup>30</sup>

<sup>26</sup> 7 ULBo<sup>2</sup>] grandemente.

<sup>27</sup> P *ad marg.*] máxima

<sup>28</sup> Vd. ‘afeto carnal’, ἔρως.

<sup>29</sup> Considere-se Eros, Ἔρως, qual personalização do desejo físico ‘vulgar’, que aproveita a divindade pagã pós-homérica num retrato violento, selvagem e bárbaro de uma figura alada, perturbadora, invasiva, responsável pela afeição amorosa agridoce.

<sup>30</sup> P *ad marg.*] máxima.

Eros, na verdade, causa sempre muitas lágrimas  
após cair pesadamente sobre almas aflitas.  
Mas o choro não passou despercebido a Cleandro.  
Então, levantando-se, alcança rápido  
o lugar no chão que Cárcles usa como cama,  
e diz: «Saudações, companheiro de prisão estrangeiro.  
Poderias contar-nos o prometido –  
os teus infortúnios, e trabalhos, Cárcles?  
Nesse caso, sentar-me-ia ao teu lado  
e prestaria atenção à tua tragédia.  
De igual modo, aliviar-te-ás dos lamentos,  
revelando-me claramente o que te aflige,  
e também a mim, Cleandro, o teu companheiro de prisão,  
irás aliviar dos meus próprios sofrimentos.  
De facto, não só tu entraste na prisão.  
Ou ficaste cativo diante dela,  
com a alma inflamada de amor?  
Cleandro de igual forma, não ficou cativo sem antes amar;  
ele não entrou infeliz na prisão  
sem participar nos desígnios amorosos,  
e inexperiente dos desaires que a Sorte provoca,  
tendo-me enredado nas infelicidades das paixões.  
Sofres? Sofro contigo. Choras? Choro junto.  
Sentes desejo? Sinto desejo e isso, por uma bela donzela,  
Calígone, que foi arrebatada de mim».

«Cleandro, meu salvador, alívio do meu coração aflito  
- disse Cárcles -, de todos os Olímpicos  
deuses, para trazer até aqui consolo à minha vida?  
Conta-me o que passaste, compartilha teus lamentos.  
É necessário que tu, que estiveste aprisionado antes, fales primeiro;  
depois eu, que enfrentei o cárcere contigo.»

«Cárcles, nasci em Lesbos,<sup>31</sup>  
de pais respeitáveis,

---

<sup>31</sup> Lema em V] Diegese de Cleandro face a Cárcles.

mãe Cidipe e pai Calístio.  
Calígone, uma donzela, vivia nas proximidades,  
protegida dos olhares indiscretos dos homens,  
guardada na mais recôndita câmara.  
A sua beleza, que eu não podia contemplar diretamente,  
era conhecida pelos seus cuidadores através do que ouviam.  
Cáricles, não tenho vergonha de admitir isso  
a quem compartilha da minha aflição.<sup>32</sup>  
Quando, através de presentes trazidos por mensageiros,  
finalmente a observei, Calígone, apenas  
ao inclinar-se com naturalidade das janelas,  
fui capturado pela sua delicadeza  
e pela expressão do seu rosto, conforme  
o rumor difundido reportava.  
Ai! Pelo poder de Eros!  
Oh! Oh! Pelas Graças!<sup>33</sup> – terias dito ao vê-la,  
também tu, Cáricles, se não estivesses a olhar para Drosila,  
que ela era a filha da mãe Selene e do pai Hélios.<sup>34</sup>  
Ela transformava em pedras os corações daqueles que a viam,  
lançava flechas aos que passavam,  
ignorava os que a observavam com luxúria,  
mas inflamava todos com o seu aspecto.  
Era uma miúda, uma jovem donzela,  
que até os que já não se excitavam devido à muita idade,  
homens velhos, arrastava para o amor,<sup>35</sup>  
e não apenas jovens vigorosos que ardem em paixão.

<sup>32</sup> Cf. amor enquanto ‘patologia’, νόσος, πάθος ἐρωτικόν) epidémica, porquanto comum a todos, à exceção de Ártemis, Héstia e Atena, cf. h.Ven. 5.7), privativa de alegria, apetite, sono e descanso, quando não correspondida. Vd. Troca Pereira, 2014.

<sup>33</sup> Graças, Χάριτες – divindades belas e auspiciosas, de ascendência variável na literatura.

<sup>34</sup> Σελήνη, ‘Lua’; Ἡέλιος, ‘Sol’. Divindades aludidas enquanto paradigmas de luminosidade noturna e diurna, respectivamente, de modo a ilustrar o rilho de Drosila.

<sup>35</sup> Pondere-se o valor da juventude apenso às figuras femininas, conforme Boissonade, 1819, p. 91: ‘iuencula’ como ‘uiguncula’. Vd. Nestor, Títono, Ov. Am. 7.41; Juv. 6.324; Mart. 11.60.

Era a imagem de Eros, a filha de Hélios,  
com a semelhança do pai Sol,  
ou melhor, rivalizando com ele.  
Ó Eros, descendente de feras, estavas prestes a  
golpear e a despedaçar o meu coração;  
havendo então bebido leite de uma leoa  
e talvez sugado o peito de uma ursa.  
Quando a vi, a angústia tomou conta de mim;  
um desejo infeliz consumia-me, envolvia-me;  
atacava,<sup>36</sup> caía, dispersava-me;  
não era apenas o desejo selvagem,  
(ou melhor, o próprio Eros, que estava a desgastar-me),  
mas também uma ternura pela inocência infantil  
e compaixão por ela, que me suspendia.  
Seria capaz de, com um simples beijo de vigoroso,  
enfrentar os ardentes dardos de Eros.  
Naquela época, não desejava dela  
nada, além de um beijo,  
e isso, apenas por compaixão, seria encantador.  
Falei-lhe assim – pois não pude conter-me:  
“Vejo, rapariga, um gesto mais importante do que o ato:  
beijar a tua boca é melhor do que lambe mel.”  
Mas a jovem ficou perturbada com as minhas breves palavras,  
pois ela ainda não compreendia o amor.<sup>37</sup>  
Então rapidamente escondeu-se (Ai de mim, pelo susto!)  
e as bochechas das suas escravas  
apertou, rindo-se. A vergonha, de facto,  
deteve-a. Na realidade, não sabia o que fazer  
a rapariga infantil e frágil.  
Costumam ficar pálidas

<sup>36</sup> Cf. amor enquanto guerra. No geral, denota-se uma equivalência do amor a um cenário bélico, qual *militia amoris*, e.g. Thgn. 949-954, 1278, *AP* 12.146; no plano latino, Ov. *Ars* 2.233, *Am.* 2.9; Hor. *Carm.* 3.26, donde a abundância de metáforas bélicas aplicadas ao erotismo, como uma ferida imposta pelas flechas de Eros e calor provocado como fogo, elemento purificador, mas também destrutivo.

<sup>37</sup> P *ad marg.*] máxima.



as donzelas, quando não esperam ser vistas,  
toda a vez que alguém se aproxima delas inesperadamente  
e fala em segredo.  
Em seguida, volto para a minha casa,  
entrego-me à cama,  
agarrando a grande fornalha do amor  
(porque Eros, mergulhando no coração através dos olhos,<sup>38</sup>  
não se detém, deseja queimar,  
penetra e inflama todos os membros).  
Assim contava a tragédia para mim mesmo serenamente:  
‘Que ninguém tema, no caso de estar envenenado,  
as flechas afiadas do desejo,  
porquanto a aljava cheia de dardos  
Eros, em delírio, agora esvazia na totalidade contra mim.  
Não tema o bater das asas,  
pois Eros, como se tivesse caído num campo de espinheiros,  
apodera-se do meu coração e permanece.’<sup>39</sup>  
Eros, miserável Eros! Eros cuspidor de fogo,  
se tivesses visto a região do peito com uma armadilha,  
não terias voado para baixo, capturado e desgraçado.  
Todo poderoso, ousado e dominante Eros;  
persegues-me vingativo com amargura, quando não te ataquei.  
Não cortas mãos nem talhas pés,  
tampouco arrancas as pupilas dos olhos,  
porém, atiras setas para o meio do meu próprio coração  
e matas-me. Hostil, de mão firme,  
matas, massacras, inflamas, deflagras,  
atacas, destróis, envenenas, derrubas.  
Que força a tua, portador de asas, fogo e arco!’  
Assim, desgraçado, eu ponderava.  
quando considerei que seria um remédio para a minha doença  
enviar uma mensagem escrita à rapariga  
– com efeito, ocorrem-me inferências estranhas;  
talvez Calígone também tenha sofrido,

---

<sup>38</sup> P *ad marg.*] máxima. Cf. Musae. 94.

<sup>39</sup> Cf. paráfrase AP 5.268: 2.125–131.

após vislumbrar o vistoso Cleandro.  
Não zombes, Cáricles, daquele que está a falar,<sup>40</sup>  
vendo que está abatido pelas circunstâncias,  
vendo que está escuro e coberto de fuligem  
[fechado numa prisão imunda],<sup>41</sup>  
pois quando a alma fica atormentada por pressões internas  
e privada por muito tempo do que deseja,  
todo o corpo precisa corresponder plenamente.»

«Como falas bem, Cleandro! – disse Cáricles –  
O rosto de um jovem floresce e permanece primoroso,  
se a alma adquire pontos de partida para a felicidade.»

«Após escrever o resto, enviei logo  
– disse Cleandro de seguida – para Calígone,  
tentando confirmar através das reações,  
se Calígone também sofreu conjuntamente.»

«Mas desfruta do desejo por Calígone<sup>42</sup>  
– disse Cáricles de novo ao estrangeiro –,  
Cleandro, não deixes por dizer nada disso<sup>43</sup>  
que escreveste e enviaste à donzela.»

«Ouve o restante – retorquiu Cleandro –  
‘Jovem inteiramente bela, lembro-me da tua  
aparência formosa, que quando contemplei me impressionou.  
Ontem, encontrando Caronte, fiz-lhe uma pequena pergunta,  
uma vez que, segundo afirmava, te conhecia antes de mim:’<sup>44</sup>  
<Mas, Caronte,<sup>45</sup> inimigo desprovido de alegria,

<sup>40</sup> P *ad marg.*] máxima.

<sup>41</sup> 153 Bo<sup>2</sup> *om.* MPBo<sup>1</sup>.

<sup>42</sup> Cf. Alciph. 3.19.

<sup>43</sup> Lema P] Epístola de Cleandro a Calígone. Lema V] Escrito de Cleandro a Calígone.

<sup>44</sup> No original grego, plural majestático.

<sup>45</sup> Barqueiro do mundo ctónico da mitologia tradicional algo tardia, que conduz as almas para o Hades. E.g. Verg. *A.* 6.295.

Calígone, destaque entre as raparigas,  
vais arrebatá-la desgraçadamente, com outros como nós,  
aquela reputada beleza  
destruirás, e as órbitas que me flecham  
desses seus olhos, Oh! arrancarás?  
Ou irás embora, ao vislumbrar a sua beleza?>  
Assim proferi; mas o nobre,  
malfadado Caronte, digno de triplo castigo,<sup>46</sup> afirmou <Sim>;  
e, de imediato, levando isso muito a sério, retorqui.  
Ai! Ai! Pior dos males, o que farás!  
O que resta? Acena com a cabeça, Calígone.  
A mim Cleandro, tu tens, a implorar por ti.’»

«O texto é breve, mas repleto de técnica  
– referiu Cáicles ao ouvir –,  
de modo que a rapariga da morte e de Caronte,  
que humilha as orgulhosas, lembrando-se agora,  
pode inclinar-se para ti, que escreveste.  
E então, o que é que Calígone a Cleandro  
respondeu e escreveu em retorno – diz-me, tu que sabes bem!»

«A rapariga, nada, ao que parece, Cáicles,  
seja porque não recebeu esta escrita,  
ou estava ocupada com todos os seus pares.  
Como tal, ouve outrossim a minha segunda missiva.»

«Mas, ó amigo Cleandro, nem mesmo a terceira  
missiva para a rapariga me recuses  
- disse Cáicles.» Cleandro respondeu:  
«Ouve, Cáicles, não nego isso,<sup>47</sup>  
pois falando contigo, sinto alívio da minha aflição.

---

<sup>46</sup> Literalmente, “morte”. Epíteto do barqueiro – τρισηνής.

<sup>47</sup> Lema P] Epístola terceira de Cleandro a Calígone.

‘Considero o canto das Sereias um mito,<sup>48 49</sup>  
desde que vi o teu rosto, donzela.  
Ostentas uma beleza acima da razão,  
proporcionas um encantamento acima da natureza,  
atacas a petrificar e, realmente, não permites fugir.  
Tens tranças douradas: mergulhem de novo na terra, ouro!  
Tens olhar brilhante: adeus, brilho de pedras!  
Tens tez branca: sai, graça das pérolas!  
Na verdade, Donzela, enquanto da tua luminosa  
aparência me lembrar em absoluto,  
do Eros hostil não consigo  
apagar os carvões em mim acesos.  
A minha mente observa a tua aparência,  
procurando a que possuías, quando outrora a vi;  
Todavia, dentro do meu coração infeliz  
o amargo Eros, o descendente ofídio,<sup>50</sup>  
enrola-se em mim obliquamente, como uma cobra,  
e o meu peito, bem como as minhas entranhas, Oh! devora.  
É tua tarefa cessar a doença.  
Apaga os carvões, refresca-me  
e a serpente enredada ao meu redor,  
Donzela, arranca com os teus encantamentos’.<sup>51</sup>

«Sim, sim, amigo Cleandro – disse Cáricles –,  
isso pertence ao que foi capturado e a um coração sofredor.  
Sofreste, como afirmas. Aprendo por mim próprio.<sup>52</sup>  
O governante, senhor absoluto dos mortais,<sup>53</sup>  
Eros, que me consome tanto,

---

<sup>48</sup> Considere-se, de um lado, a tradição mitológica da sedução feminina pelas vozes de danosas Sereias, vd. *Od.* 12.165–200; Aristéneto 1.1.43. Outrossim, *μῦθος* enquanto ‘palavra, história’.

<sup>49</sup> Lema VJ Escrito 2 de Cleandro a Calígone.

<sup>50</sup> Cf. Sapph, fr. 130.2.

<sup>51</sup> Cf. Ach. Tat. 2.7.

<sup>52</sup> Cf. X. Eph. 1.9.

<sup>53</sup> Cf. E. *Andr.* fr. 136 Kannicht. Vd. Luc. *Hist. Conscr.* 1.2.

o conjunto de Graças refreou-o,<sup>54</sup>  
e às belas donzelas, com bons rostos,  
ofereceram o senhor como serviçal.  
A Páfia,<sup>55</sup> que vagueia por toda a parte,  
também trazendo inúmeros presentes como resgate,  
procura o filho, perguntando muitas coisas;  
e se alguém for encontrado disposto a libertá-lo,  
não escapará. De facto, também como serviçal  
das Graças ele aprendeu a permanecer».

«Ouve – afirmou Cleandro –, também a terceira<sup>56</sup>  
mensagem minha<sup>57</sup> para a rapariga, Cáricles.  
‘Através de ti, lua, julgo ver a luz.  
Movo-me contigo, respiro por ti, respiro contigo.  
Tu és a minha alegria e igualmente o fármaco da minha enfermidade.<sup>58</sup>  
Tu és o meu cuidado, também num ápice, vida descuidada.  
Tu, de igual modo, dás vida a mim, morto – assunto extraordinário!  
E matas-me ao estar vivo – maravilha! Com efeito, a natureza,  
Apossou-se de todos os adornos<sup>59</sup> para a tua conformação,  
tornando-te uma imagem radiosa vermelha e branca.  
Oh! Que estrela tão brilhante e grandiosa,  
a Mãe lua, portadora de luz e geradora de vida,  
trouxe aos nossos tempos!  
Estás doente? Eu estou. Estás alegre? Eu também me alegro muito.  
Sofres? Eu sofro. Choras? Eu choro contigo.  
Isto é pungente, nisto fui ferido e desgastado;

<sup>54</sup> Vd. Anacr. 30. Cf. paráfrase de *Anacreont.* 19 West: 2.227–235.

<sup>55</sup> Acerca de Afrodite emanada da junção do órgão viril castrado de Órquis com as ondas do pélagos, na zona de Pafos, vd. Apollod. 3.14.3; Ov. *Met.* 10.243 sq.; Arnóbio 6.22. Cf. Afrodite Urânia. De outra sorte, Afrodite *Pandemos*. Concernente a Eros, divindade pueril, vd. Mosch. *AP* 9.440. Cf. Hes. *Th.* 176–206.

<sup>56</sup> Lema P] Epístola terceira de Cleandro a Calígone. Lema V] Escrito 3 de Cleandro a Calígone.

<sup>57</sup> No original grego, plural majestático.

<sup>58</sup> 242-243 Bo<sup>2</sup>] Tu, minha alegria, e dardo da minha desgraça. | Tu, minha enfermidade e tu, fármaco da minha maleita. 243 Bo<sup>2</sup> *om.* PBo<sup>1</sup>.

<sup>59</sup> Cf. *Il.* 14.214–215.

desde que vi, miserável, fui atingido por setas,  
tu, todavia, permaneces sempre com coração de pedra para mim,  
pois não ofereceste imediatamente remédio  
ao meu coração ferido.  
Agora, atacado no sítio da gangrena,  
as larvas que surgiram devoram-me.  
Eros, estendendo sempre o seu arco assim,  
massacra, mata, fere, espanca, oprime,  
aguça, perfura, mata, corta, consome.  
Aproxima-te, vê um coração ferido,  
e este peito fatalmente atingido.  
Derrama o doce orvalho no peito,  
como vinho, como azeite para a minha ferida.<sup>60</sup>  
Traz para cá os dedos cristalinos,  
agarra todo o meu coração sofredor;  
estende um manto fino sob mim.  
Do meu coração, as devoradoras, atormentadoras  
e robustas larvas, limpa rapidamente.  
Assim, poderias beneficiar da minha salvação,  
e poderias, dessa forma, disfrutar da tua caridade.  
Faz, de igual modo. Mas sob um manto<sup>61</sup>  
podemos estar com desejo ardente de coração,  
a entrelaçar uma união louvável.’  
Mas, ó Cáricles, se julgas, deverei calar-me;  
contudo, se não, dá ouvidos à quarta mensagem.»

«Podes falar, Cleandro – referiu Cáricles»

«Ouve o resto das palavras angustiantes  
que enviei para Calígone.  
Cleandro, após ter afirmado, começou a tragédia:

---

<sup>60</sup> Cf. *Lc.* 10:34.

<sup>61</sup> Vd. Archil. fr. 196a, 29–30 West. Cf. Theoc. 18.19; *AP.* 5.169.3–4.

‘Aceita a maçã dourada<sup>62</sup> não inscrita,<sup>63</sup>  
Calígone, cujo corpo é inteiramente formoso.  
E se estivesse inscrita, que tipo de conflito terias?  
Aceita, bela, a maçã, pois és a única bela;  
tu, a mais formosa das donzelas nos coros.  
O próprio Momo<sup>64</sup> testemunha, calmamente,  
olhando conosco para o conjunto,  
ao subirem e inclinarem-se para baixo;  
e, mordendo o lábio, espantou-se.  
Não franzas excessivamente as sobancelhas para mim;<sup>65</sup>  
dissolvido pelos venenos de Eros,  
queimado pelos carvões daquele,  
como um viajante no sol ardente,<sup>66</sup>  
encontrei-te, qual árvore frondosa,  
em que possa entrelaçar-me toda a noite, como uma hera face a um carvalho.  
Convém que eu fale a verdade: assim como  
a primavera é superior ao inverno,<sup>67</sup>  
o rouxinol aos pardais, uma doce maçã aos abrunhos,  
uma virgem às mulheres três vezes casadas,<sup>68</sup>

<sup>62</sup> Considere-se a funcionalidade da maçã, fruto desencadeante de discórdia. Cf. a simbologia da maçã, nas culturas da Antiguidade Clássica, prêmio denotativo beleza, ἡ καλὴ λαβέτω, Luc. *DMar.* 5. *Malum discordiae*, Justino 12.15.11. Cf. Hyg. *Fab.* 92; Tz. *ad Lyc.* 93. Assim, o pomo entregue por Éris, aquando do enlace de Peleu e Tétis (Tz. *ad Lyc.* 93; Serv. *ad A.* 1.27. Cf. Luc. *DDeor.* 20 Macleod), com a inscrição ‘à mais bela’, que a tradição conserva no ‘julgamento de Páris’, entre as deusas Palas, Hera e Afrodite (e.g., Apollod. *Ep.* 3.2; Palaeph. 10; Fulg. 2.1). Cf. maçã como presente com inscrições juramentais de amor, atiradas para o interior de templos (viz. de Ártemis), em histórias de amores, como Atalanta/Milanion; Hermócares/Ctésila; Acôncio/Cidipe. Vd. Ant.Lib. 1. Vd., *mutatis mutandis*, a sua representatividade no panorama judaico-cristão, com uma certa aproximação do Jardim das Hespérides ao Jardim do Éden; o ‘pecado original’.

<sup>63</sup> Lema P] Epístola quarta de Cleandro a Calígone. Lema V] Escrito 4 de Cleandro a Calígone.

<sup>64</sup> Cf. Momo, Hes. *Th.* 214; Aristéneto 1.1.45–47, 1.12.7.

<sup>65</sup> Cf. Ar. *Pl.* 291.

<sup>66</sup> Cf. Theoc. 12.8; Ael. 5.3.

<sup>67</sup> Cf. Theoc. 12.3.

<sup>68</sup> Cf. Theoc. 12.3–5.

tanto assim é o teu rosto, a sombra apenas<sup>69</sup>  
encanta os apaixonados; Oh, visão estranha!  
A Cípria,<sup>70</sup> ela mesma, ao que parece, Donzela,  
colocou as mãos no teu colo<sup>71</sup>  
e toda Graça te embelezou.  
Chegou-me o pensamento de que tu serias Pandora,<sup>72</sup>  
que a arte mítica denota;  
de toda a forma, embora o próprio mito a retrate,  
ainda assim, o evidente argumento da verdade  
apresenta-nos e revela como uma estátua  
similar ao sol, adornada de estrelas,  
a ti donzela, a bela Calígone.’  
Então, Cáricles, sem suportar,  
eu enviava cartas, umas atrás das outras.  
O que mais fazer?! Desgraçado, disseram-me por fim,  
para ir à noite aos aposentos da donzela,  
onde a doce rapariga passava o tempo.  
Assim, ao anoitecer,  
com uma cítara pateada,  
tocava notas de uma forma muito bela,<sup>73</sup>  
e, enquanto dedilhava, cantava para Calígone  
e, porque desprezava os deuses do Olimpo,<sup>74</sup>  
inicieis estas agradáveis canções:  
‘Tocha da lua, ilumina o estrangeiro.  
A chorosa Níobe foi transformada em pedra,’<sup>75</sup>

---

<sup>69</sup> Cf. 304 Bo<sup>2</sup>] encantou-me ontem, ao observar-te atentamente.

<sup>70</sup> Afrodite.

<sup>71</sup> Cf. Theoc. 17, 36.

<sup>72</sup> Concretização da ira de Zeus face a Prometeu, extensa aos agraciados humanos, pela oferta a Epimeteu de uma dádiva ‘com cariz simbólico e representativo, imprimindo desde logo, uma distinção entre o masculino (ἄνθρωπος) e o feminino (γυνή), pela figura de Pandora, criação tão bela quanto nefasta - καλὸν κακόν, “belo mal”, Hes. *Th.* 585. Vd. Hes. *Th.* 560–612, *Op.* 80–105.

<sup>73</sup> Cantiga *ad. marg.* PV] Cantiga de Cleandro a Drosila.

<sup>74</sup> ‘Hinos celebrativos de deuses, Olímpicos)? E.g. Paus. 10.7.2.

<sup>75</sup> Paráfrase *Anacreont.* 22 West: 2.327–345. Cf. atitude hubristica Níobe, característica tantálida, reveladora de orgulho desmedido e insolente da sua progénie, vd. A. fr. 154a6-7 Radt; Apollod. 3.5.6; Parth. 33.



não tendo conseguido suportar a perda dos filhos.  
A filha infanticida de Pandíon<sup>76</sup>  
tornou-se um pássaro, após requerer para voar.  
Tocha da lua, ilumina o estrangeiro.  
Que eu me torne um espelho, senhor Zeus,  
para que sempre me vejas, Calígone!  
que eu seja uma túnica multicolorida, decorada com ouro,  
para poder tocar a tua pele!  
Tocha da lua, ilumina o estrangeiro.  
Que eu seja água, para toda a porção da tua face  
banhar todos os dias afortunadamente!  
Que eu seja um unguento, para ungir  
os teus lábios, bochechas, mãos, olhos e boca!  
Tocha da lua, ilumina o estrangeiro.  
Porque desejo coisas grandiosas e difíceis de alcançar?  
Seria suficiente tornar-me um sapato de ouro  
e aceitar ser pisoteado  
pelas solas brancas dos teus pés.  
Tocha da lua, ilumina o estrangeiro.  
Em vez do fogo, Zeus deu vida<sup>77</sup> a  
outro fogo terrível, na forma de mulher.  
Que esse fogo, a raça feminina, não  
tivesse descido à terra e alcançado a vida!<sup>78</sup>  
Tocha da lua, ilumina o estrangeiro.  
Na realidade, o próprio fogo, uma vez aceso,  
também pode ser imediatamente apagado por alguém.  
Contudo, a mulher é um fogo inextinguível na alma,  
se possuir uma beleza de semblante gracioso e primoroso.  
Tocha da lua, ilumina o estrangeiro  
De facto, aqueles que foram salvos da luta pela virilidade,

<sup>76</sup> Cf. mito de Tereu, Procne, Pandíon e Filomela, e.g. Apollod. 3.14.8.

<sup>77</sup> Paráfrase AP 9.167: 2.347–355. Vd. Hes. *Op.* 57–58.

<sup>78</sup> Vd. a misoginia das civilizações da Antiguidade Clássica refletida literariamente em diversos autores, Hp. *Virg.*; Arist. *GA* 775a. Constate-se, no contexto romano, e.g. V. Max. 9.1.3. Cf. graciosidade perniciosa de Pandora paradigmática do género feminino, Hes. *Th.* 590-592. Vd., relativamente ao contexto bizantino, LAIOU, 1981.

cujas cabeças a espada não cortou,  
que a doença não deixou de cama,  
que a audaciosa mão<sup>79</sup> protegeu de perigos,  
[Tocha da lua, ilumina o estrangeiro]<sup>80</sup>  
que as mudanças de circunstâncias não subjugaram,  
que a corrente não prendeu, nem o peso de grilhões  
feitos de ferro e forjados pelos martelos,  
Tocha da lua, ilumina o estrangeiro,<sup>81</sup>  
mas sempre sem as preocupações que ocorrem,  
vivem a vida agradável de Cronos<sup>82</sup>  
[Tocha da lua, ilumina o estrangeiro,]<sup>83</sup>  
– esses, uma mulher a falar com um discurso encantador,  
através de belos raios que emanam de si,  
queima, como se fosse um trovão flamejante.  
Tocha da lua, ilumina o estrangeiro.  
A fornalha entre os teus lábios acendeu-se,  
Calígone, terror para que eles que te contemplam,  
trazendo ao mesmo tempo fogo e orvalho,  
chamando-me com um, mas afastando-me com o outro.  
Tocha da lua, ilumina o estrangeiro.  
Aquele inflama quem olha de longe,  
mas quem se aproxima da tua boca  
ou apenas consegue um beijo,  
recebe com uma gota de chuva fria e orvalho.  
Oh, fogo refrescante! Oh, orvalho fogoso!<sup>84</sup>  
Tocha da lua, ilumina o estrangeiro.  
Mas o que está a arder e a queimar  
pelos carvões dos teus lábios conforta  
e concede-lhe o teu orvalho, para o seu refrigério,

<sup>79</sup> 360 Bo<sup>2</sup>] mente.

<sup>80</sup> 361 Bo<sup>2</sup> *om.* MPBo<sup>1</sup>.

<sup>81</sup> 361-362 Bo<sup>1</sup> *om.* Bo<sup>2</sup>.

<sup>82</sup> Cf. percurso degenerativo desenhado no ‘mito das idades’ – cinco, na versão hesiodíaca *Op.* 109-201; quatro contempladas por Ov. *Met.* 1.89-150), a partir da áurea, de Cronos.

<sup>83</sup> 366 Bo<sup>2</sup> *om.* PBo<sup>1</sup>] Tocha da lua, ilumina o estrangeiro.

<sup>84</sup> 378 Bo<sup>1</sup>] 382 Bo<sup>2</sup> // 379 Bo<sup>1</sup>] 381 Bo<sup>2</sup>.

*Do romanesco grego por Nicetas Eugeniano [...] | Reina Marisol Troca Pereira*

Calígone, lindíssima e primorosa rosa.  
Tocha da lua, ilumina o estrangeiro’.<sup>85</sup>

---

<sup>85</sup> 386 PBo<sup>2</sup> *om.* Conca.

TERCEIRO LIBELO

[Sonho de Calígone – 2-12. Relato da chegada de Cleandro e Calígone a Barzos – 13-42. Cáricles narra os seus amores com Drosila – 43-410.]

Cantando assim, como um rouxinol na primavera,  
aproximei-me, encontrei e vi a própria rapariga.  
“Saudações – diz –, noivo dos meus sonhos  
– pois sonhei com o nosso encontro.  
Eros apareceu na noite de anteontem  
e uniu-te, Cleandro, comigo em matrimônio,  
uma vez que, segundo referiu, ficou comovido com as tuas lágrimas.  
E sim, Cleandro, debes considerar  
como providenciar a segurança dos nossos assuntos.  
Na verdade, nem fogo, nem mar, nem espada  
temeria, para obter a união com Cleandro  
– afinal, quem poderá separar aqueles que Eros uniu?”.<sup>86</sup>  
Ao ouvir estas palavras, Cáricles,  
respondi: “Saudações, Calígone,  
vem para o porto aqui perto,  
navegaremos juntos de Lesbos,  
decisão do tirano<sup>87</sup> Eros, Donzela.”  
Embarcámos então num navio –  
pois Eros ansioso não deseja esperar –  
e navegámos juntos por cinco dias,  
até que, quando o sol tinha começado a pôr-se,  
uma tempestade destruidora de navios nos atingiu,  
e fomos impelidos involuntariamente para a cidade de Barzos,  
em cujo porto atracamos,  
escapando, por pouco, à força da tempestade.  
Passou-se assim: os partos hostis naquela altura  
cercavam violentamente a cidade –  
pois ameaçavam com frequência os habitantes de Barzos,  
atacando de súbito, quando menos espelhavam –;  
capturaram todos nós,

<sup>86</sup> Cf. *Mt.* 19:6.

<sup>87</sup> Vd. *τύραννος*, título nobiliárquico de autoridade superior, ‘rei, monarca, senhor’.

que escapámos à boca do mar:  
Calígone, Cleandro, outros embarcados;  
e queimaram o navio em que viajávamos.  
Calígone, escondida entre as murtas  
(pois eram espessas perto do porto),  
escapou da arrogância parta.  
Eu, contudo, até hoje,  
desde a altura em que me separei dela – Oh, deuses! –,  
tenho morado nesta prisão escura,  
sofrendo uma pesadíssima desgraça dupla.  
Fui privado da donzela Calígone  
e estou agora nas mãos dos mais odiosos inimigos.  
Agora então, Cáricles, conta-me, como prometeste,  
da tua vida dolorosa e cheia de lágrimas.»

«Não é sem lágrimas que me fazes falar,<sup>88</sup>  
Cleandro, sobre o que me consome e aflige  
– disse Cáricles, começando a proferir–,  
mas, já que alivia o coração  
desabafar os seus sofrimentos,<sup>89</sup>  
presta atenção, Cleandro, pois não estou a esquivar-me de contar.<sup>90</sup>  
A minha mãe é Cristale; o meu pai, Frator,  
de uma família de boa reputação; a minha pátria é Ftia.<sup>91</sup>  
A adolescência eu já tinha  
atingido, criado de maneira nobre.  
Gostava da companhia dos jovens com os quais convivia,  
cavalgava, praticava desporto, como é costume para os jovens,  
caçava lebres, e tornava-me um cavaleiro habilidoso  
- pois possuía companheiros nobres.  
Mas ainda não detinha experiência de amor,  
nem a penugem adornava o meu queixo.

---

<sup>88</sup> Lema V] Narração de Cáricles a Cleandro. Número de verso erroneamente registado Bo<sup>1</sup>.

<sup>89</sup> *Tropus uerbi*, 'forma de expressão'.

<sup>90</sup> Lema P] Narração de Cáricles a respeito dos seus assuntos.

<sup>91</sup> Ftia, sul da Tessália.

Quando o festival de Dioniso aconteceu,  
saímos juntos por diversão,  
em direção ao seu altar que ficava em Ftia,  
fora da cidade, e estava coberto com lajes de mármore colorido.  
Havia naquele lugar dedicado ao deus<sup>92</sup>  
uma árvore que florescia sempre como na primavera,  
carregada com frutos e próspera em folhas  
– na realidade, o rio Melíroa<sup>93</sup> fluía aí  
doce de se ver e melhor ainda de beber.  
O doce rio Melíroa a maior parte  
dos vaqueiros chama de Trepsagrostis,<sup>94</sup>  
quando pastoreiam gado na região,  
uma vez que flui calmamente dentro das suas margens.  
De fato, não é alimentado por neve derretida,  
nem descem das montanhas grandes enxurradas  
e inundam os campos com o seu fluxo.  
É o único rio de Ftia  
que mantém um fluxo constante e flui em redor.  
É próspero todo o pastor e todo o agricultor  
cujas terras estão dentro dos seus cursos.  
Do céu, cai o mais doce orvalho,  
que mantém o fluxo constante.  
Nas suas margens, uma espécie de plátano dourado  
florescia com vigorosas folhas douradas.  
Em comparação com ele, não é nada  
o afamado plátano de Xerxes,<sup>95</sup>  
pois a extremidade do seu tronco alcança o céu,  
enquanto as folhas sombreiam o chão em redor,  
tudo o que o fluxo de Melíroa abarca.  
Das raízes do plátano jorrava uma fonte,

<sup>92</sup> Cf. jardins do palácio de Alcínoo, rei dos Feaces, na Esquéria, Trácia, território último de acolhimento odisséico antes do *nostos* a Ítaca, *Od.* 7.112–132: 3.65–108.

<sup>93</sup> Cf. Μελιρρόας: μέλι, ‘mel’ + ὄη ‘rio, corrente’. Vd. *Ex.* 3:8.

<sup>94</sup> f. Θρεψάγρωσις: τρέφω, ‘criar, engordar’ + ἄγρωσις, ‘pasto, erva *Cynodon Dactyloni*’.

<sup>95</sup> Cf. *Hdt.* 7.27, 31.

do tipo que normalmente flui aí.  
A terra floresce e nutre os animais  
com satisfatória abundância de alimento  
e com o curso do belo Melíroa.  
A cabra, balindo, se bebe, fica inebriada  
e frequentemente saltita nas ervas verdes.  
Um guarda do templo, recrutado a serviço do deus,  
permanece a guardar, mantendo uma vigília incansável  
sobre o plátano sagrado, de viajantes,  
para que nenhum pé descuidado se aproximasse dele.  
Então, reuniram-se todos fora de Ftia,  
para o festival do deus Dioniso  
(homens, mulheres, donzelas, rapazes,  
outros jovens e raparigas).  
Eu, ia observando, não sendo ainda iniciado  
no que poderia chamar-se de ‘investidas amorosas’.  
Quem me dera não ter saído  
do portão de Ftia<sup>96</sup> com os nobres jovens!  
Eu e um grupo de jovens amigos dirigimo-nos  
ao guarda do lugar e do plátano  
e, apresentando presentes, obtivemos um lugar excepcional para sentar  
– e um tirano do coração ou loucura destemperada –,  
que permitia contemplar a beleza da donzela.  
Também se acostumou Eros de mão forte,<sup>97</sup>  
a criança envelhecida,<sup>98</sup> o neonato antes de Cronos,  
investindo através de olhos, como se fossem janelas,  
a queimar as entranhas, a inflamar o coração e  
a transformar quem estivesse atingido pelo desejo num cadáver.  
E assim, imediatamente, sob esse plátano

<sup>96</sup> Vd. Ftia, região aqui enquanto cidade.

<sup>97</sup> P *ad marg.*] máxima.

<sup>98</sup> A julgar por Hesíodo, *Th.* 116-120. Cf., no panorama latino, Cic. *ND.* 3.60, entre as primeiras deidades geradas (*protogenoi*), inclui-se Eros, afinal princípio indutor de relacionamentos capazes de garantir a continuidade das espécies. Vislumbra-se Parm. fr. 13 Diels: Πρώτιστον μὲν Ἔρωτα θεῶν μητίσαστο πάντων, “Primeiro de entre todos os deuses, gerou-se Eros”. Vd. Arist. *Metaph.* 1.984b; Pl. *Smp.* 178b-c.

sentando-me com amigos da mesma idade,  
compartilhei um manjar com várias iguarias,  
desconhecendo, miserável, o que me aconteceria,  
que tanta alegria e riso  
chegaria ao fim numa torrente de lágrimas.  
No entanto, alegrava-me uma vez mais com aqueles, ao comer:  
tal é o coração ignorante<sup>99</sup>  
do mal futuro, havendo estado sentado na alegria.  
Ouvi palavras divertidas  
de amor, mas especialmente canções agradáveis.  
Um daqueles que estavam a conviver comigo  
casualmente dirigiu estas palavras<sup>100</sup>  
para as donzelas que se juntaram ali  
ou para os diversos grupos de mulheres  
que seguiam de um lado para o outro:  
‘Ontem uma sede ardente apossou-se de mim, e, tomando água  
(pois aconteceu assim, por acaso, estar a passar pela estrada),  
bebi até ficar satisfeito, como se fosse uma dádiva divina.  
Lembra-te de ontem: com efeito, tu deste-ma.  
Mas o alado, o destemido<sup>101</sup> modo singular,  
Eros, arqueiro difícil de enfrentar,  
apareceu como um mosquito, escorregou no copo.  
Eu, desgraçado, bebi-o e sinto cócegas<sup>102</sup>  
devido às asas, no coração,  
e até agora (Que dor! Que sofrimento!)  
arranha-me, morde-me e estou num estado deplorável.  
Até ao momento, após acalmar finalmente com dificuldade,  
Eros, o insensível senhor dos mortais,  
envia-me diante de ti, que sozinha poderás curar  
a minha ferida, a picada e o meu coração  
– envia-me, então recebe-me nos teus braços,

---

<sup>99</sup> Lema V] máxima.

<sup>100</sup> Lema V] Gracejo próprio de simpósio 1.

<sup>101</sup> Cf. paráfrase de *Anacreont.* 6 West.

<sup>102</sup> Cf. *AP* 16.318.



sem nenhuma relutância; sim, recebe-me, recebe-me!'.<sup>103</sup>

Outro, prontamente, postou-se depois dele,  
'Oh, o que é isso? A rapariga estelar,  
que após um longo período está em grande frenesi báquico em beleza,  
como a coríntia Laís<sup>104</sup> em tempos idos,  
uma infeliz maleita consome-a. – Oh, doença terrível! –,  
a carne bem nutrida, conforme observo, está a definhar.  
Que isso não aconteça! Não! Que isso não aconteça! Fortalece-te, carne, recupera!  
Que toda a indisposição definhante pereça,  
pois não é a carne de uma mulher que perece,  
mas, certamente, com ela, uma grande quantidade de amigos.'

Então outro, olhando outra rapariga, contrapôs:<sup>105</sup>  
'Olhas para baixo, tu que desejas e és desejada,  
quando o amado passa a caminhar muitas vezes,  
e queres esconder peito e rosto,  
mas imediatamente desatas a brincar com as pontas da tua cinta,  
e com os dedos delicados dos teus pés,  
atinges uma porção da poeira no chão e fazes marcas.  
Esses são sinais de vergonha, mas não é suficiente:<sup>106</sup>  
Cípris não conheceu vergonha, nem Eros hesitação;  
de toda a forma, se queres tanto honrar a vergonha,  
concede-me apenas o teu aceno de cabeça'.<sup>107</sup>

Outro, por seu turno, afirmou em alto e bom som:  
'Como estou infinitamente grato ao grisalho do cabelo'<sup>108</sup>  
– julga bem e decide tudo adequadamente.  
É ajudante da Cípris, como vejo,  
perseguido, com fúria, aquelas que são soberbas em relação ao amor.

<sup>103</sup> Lema V] Gracejo próprio de simpósio 2.

<sup>104</sup> Laís de Corinto, séc. v/iv a.C.), famosa meretriz grega. Vd. Plu. *Amatorios* 750e, 759e, 767f; *Nic.* 15; Paus. 2.2.5; D.L. 2. 74-75. Cf. paráfrase AP 5.271.

<sup>105</sup> Lema V] Gracejo próprio de simpósio 3.

<sup>106</sup> Lema V] Gracejo próprio de simpósio 4.

<sup>107</sup> Cf. paráfrase de AP 5.253.

<sup>108</sup> Cf. paráfrase de AP 5.273.

Aquela que, orgulhosa com o garbo dos seus cachos de cabelo,  
vê que a longa trança agora descai,  
e que outrora loura se tornou branca.  
Ela que alteara e destacara as sobrancelhas,  
atualmente perdeu toda a graça da sua beleza.<sup>109</sup>  
O peito da rapariga que antes estava empinado  
caiu: o tempo derrubou-o.  
Ah! Tu possuis voz velha, senecta;  
os lábios antes úmidos, quão secos estão agora!  
A testa franziu, traz desagrado;  
toda a tua beleza, mulher, foi-se.  
O que te resta? Vá, alcovita para mim.  
Ultrajavas-me; agora sê ultrajada, três vezes miserável.  
Desprezavas-me; mas agora eu desprezo-te igualmente.  
Atingias-me, sabias; sê, por tua vez, atingida.  
Sofres? Antes eu sofria. Sentes dor? Eu sentia dor.  
Tendo sofrido e agora aprendido,<sup>110</sup> conforme o ditado,  
ensina todas as restantes donzelas  
a entregarem-se rapidamente aos amores.’

«Ai de mim, Cáricles, que tipo de alegria neste instante me  
chegou a partir das tuas doces histórias!  
- referiu Cleandro – Oh, pelos males previstos!  
Mas pelo menos agora observo que tu estás a sorrir;  
Além disso, no início do discurso, mencionaste  
que não contarias os males sem lágrimas».

Cáricles interveio: «Vou deixar de lado o longo discurso  
que um outro nobre companheiro de bebida me contou».

«Não, por Drosila! – referiu Cleandro».

«Ouve o resto das palavras melífluas:

---

<sup>109</sup> Cf., na sequência do anterior, Laís, face à perda de beleza: *AP* 6.18, 20. Vd. ensinamentos de Escafa a Filemácio, *Pl. Most.*

<sup>110</sup> Cf. conceito de *πάθει μάθος*, ‘aprendizagem pelo sofrimento’. Vd. *A. Ag.* 176.

‘Gostas do hermafrodita, conforme ouvi,<sup>111</sup>  
ménade<sup>112</sup> insolente, miserável solteirona.  
Confia no teu útero, pois não engravidarás,  
mesmo que te deites com uma miríade de homens.  
Ainda que durmas com Héracles,<sup>113</sup> mulher,  
ou até mesmo com o lascivo Priapo do mito,<sup>114</sup>  
sem filhos, não obstante, em tempos passados, haveres gerado muitos filhos,  
sem filhos permanecerás. Na verdade, Plutão,<sup>115</sup> no mundo ctônico, chama.  
Pára de comportar-te como uma miúda; navega, mulher.’  
Afirmou isso e imediatamente dirigiu-se a outra:  
‘Xi! Como aquele antigo discurso se enganou!<sup>116</sup>  
Refere que há três Graças, mas, Rapariga<sup>117</sup>, o teu  
olho vangloria-se de uma miríade de Graças.<sup>118</sup>  
Ai, Ai! Tornas-me em cinzas na fornalha do desejo,  
e queimas-me as entranhas e o coração.  
Oh, miúda repugnante, isto é próprio de grande amor?<sup>119</sup>

<sup>111</sup> Lema V] Gracejo próprio de simpósio 5.

<sup>112</sup> Cf. ménades, o culto dionisiaco e Orfeu, Apollod. 1.3.29. Vd. Erínias, apelidadas de ménades, em *A. Eu.* 500. Cf. menadismo associado a Clitemnestra, vestida como uma ménade em *Ag.* 1235.

<sup>113</sup> Considere-se Héracles, valoroso herói filho de Zeus, também reconhecido por múltiplos relacionamentos, Apollod. 2.7.8.

<sup>114</sup> Cf. de entre figuras divinas do plano afetivo, deuses maiores (e.g. Afrodite, Eros), Hermafrodito, Hímero, Priapo, notável pelo carácter desproporcionado e exponencial dos membros fálcos resultante e erotismo descontrolado (e.g., Luc. *DDeor.* 3 Macleod. Vd. ‘priapismo’ e ‘satiríase’. Cf. *Carmina Priapea*, séc. I/II)

<sup>115</sup> Cf. Plutão, divindade ctónica suserana do Hades. Vd. E. *Alc.* 262.

<sup>116</sup> Lema V] Gracejo próprio de simpósio 6. Cf. *Salm.* 44.

<sup>117</sup> κόρη.

<sup>118</sup> Cf. *Musae.* 64–65.

<sup>119</sup> Cf. vários tipos de amor, desde o afeto não libidinoso da *φιλία* (entre parentes, amigos, compatriotas, camaradas) e o desejo físico *ἔρος*. Ainda assim, vocábulos da família de *φιλέω*, ‘gostar de’ são utilizados para denotar paixão e afeto entre pares. Vd., por referência, Pl. *Smp.* 180c. Outro tipo de amor ora aludido é *ἀγάπη*, presente no âmbito da tradição judaico-cristã, sobretudo no *Novo Testamento*. Não obstante, *φιλέω*, *έράω*, *ἀγάπη*, na obra de Eugeniano (e.g. 5.201), são aplicados indistintamente e por vezes até de modo sinonímico, para denotar afeição, cabendo ao leitor, mediante o contexto, concretizar o sentido, entre ‘amizade’ e ‘amor carnal’, à parte de conotações do credo judaico-cristão. Vd. Troca Pereira, 2013b.

Não me ergues os sobrolhos; teme a Cípria;  
une-te aos apaixonados: pensa em coisas moderadas.  
As ameaças da Rapariga – verdadeiramente, da agitadora  
Cípria – percebi que muitas vezes são mensageiras,<sup>120</sup>  
ao passo que a diversidade de gestos  
e o silêncio são uma estranha promessa.<sup>121</sup>  
E em relação a ti, cruel, vê esses  
sinais muito belos para mim. Saudações, coração!  
Oh! Que conversa maravilhosa, Donzela!  
A tua recusa inexorável porventura  
moveria até mesmo uma pedra para a dor.  
Então, o que alguém sofrer? Mas, Eros, arqueiro,  
apenas tu, cura a minha ferida!  
Por ti atravessarei as enchentes dos mares  
e enfrentarei o fogo para aproximar-me de ti.  
Dá-me um aceno agradável, e tenho tudo.  
Não me atinjas; não te desgastes (não tens proveito)  
contra as intrincadas armadilhas de Eros’.  
Após relatar isso,  
Outro jovem declarava outra história para outra<sup>122</sup> rapariga:  
‘O teu olho está pesado e cheio de desejo,<sup>123</sup>  
a muita palidez esmorece a face.  
Pareces precisar de dormir, mulher.  
Se passaste toda a noite em escolas de treino,  
quão afortunado é aquele feliz mortal  
que colocou as suas mãos nos teus ombros!  
Mas se Eros, lançando fogo ao teu fígado, te queima,  
que ardas ainda mais por mim.<sup>124</sup>  
Tu agora és Aquiles; vê Têlêfo,<sup>125</sup> mulher;

<sup>120</sup> Cf. Musae. 130–132.

<sup>121</sup> Cf. Musae. 164–165.

<sup>122</sup> Paráfrase de *AP* 5.259.

<sup>123</sup> Lema V] Gracejo próprio de simpósio 7.

<sup>124</sup> No original grego, plural majestático.

<sup>125</sup> Figura incontornável na cena trágica de Ésquilo, Sófocles e Eurípides, atualmente apenas fragmentária e parodiada pela comédia aristofânica, e.g. *Ach.* 204–625, *Th.* 204625. O drama de Têlêfo fica a dever-se ao ataque sofrido no

sim, já que me feriste, põe fim aos sofrimentos do meu fígado;  
porém, se isso não te agrada, lança-me outro dardo;  
deixa o fígado e também o coração'.<sup>126</sup>  
Enquanto os jovens assim gozavam,  
um dos companheiros da mesma idade apareceu,  
Barbitíon, com uma magnífica voz,  
sentou-se perto e falou:  
"A amizade é sempre espontânea, amigos".<sup>127</sup>  
Tendo colocado bem a lira nas mãos  
e ajustado adequadamente para tocar,  
entãoou uma canção de amor agradável e doce:  
'Ama Barbitíon, senhora Mirto de formosa compleição!<sup>128</sup>  
Outrora, Ródope<sup>129</sup> não honrou os domínios de Cípria,<sup>130</sup> nascida da espuma,  
E, durante todo o ano preferiu viver com  
Ártemis, desejando cães, veados e cavalos,  
transportando arco e flechas; escalou grandes montanhas.  
Ama Barbitíon, senhora Mirto de formosa compleição!  
Cípria franziu o sobrolho e instigou o filho,<sup>131</sup>  
com arco nos ombros, armando-o contra aquela.  
Ródope empunhava uma lança contra um veado do monte;  
o filho de Cípria estica pesarosos arcos na direção de Ródope.

---

confronto com Aquiles, aquando do 'desvio' que havia conduzido a armada grega à Mísia. Nove anos após o início da campanha, Télefo, em Argos, por aconselhamento oracular, guia os gregos até Troia. Cf. Dictis Cretensis, *Ephemeris belli Troiani* 2. Vd. O ferimento de Télefo por dardo, enquanto símbolo dos ataques eróticos pelas flechas de Eros: AP 5.225.5–6, 291.5. Cf. Troca Pereira, 2013a.

<sup>126</sup> Paráfrase de AP 5.224.

<sup>127</sup> *Ad marg.* V] máxima. Vd. Diogenian. 1.60.

<sup>128</sup> Lema V] Cantiga de Barbitíon 1.

<sup>129</sup> O afastamento voluntário de relacionamentos afetivos incorre num ato *contra naturam* de insolência face a certas divindades negligenciadas e desconsideradas, e.g. Afrodite e Dioniso: Penteu, Leucipo; Miníades; Afrodite e Eros, em detrimento da deusa virgem Ártemis: Hipólito, Ametista, Ródope-*Ῥοδῶπις/Ῥοδόπη*. Episódio do relacionamento de Ródope/Eutínoco numa proficiência retórica ilustrativa, de forma a persuadir o desejado comportamento afetivo da rapariga. Vd. Ach.Tat. 8..12.

<sup>130</sup> Afrodite.

<sup>131</sup> Filho de Cípria, Eros

Ama Barbitíon, senhora Mirto de formosa compleição!  
Vangloriava-se, mas fora atingida – a lança de Eros foi mais rápida.  
O cervo sentia dor no ombro e corria para o meio da floresta;  
Ródope estava ferida no coração e na sua mente,  
onde Eros fixou o dardo mortal e insuportável.  
Ama Barbitíon, senhora Mirto de formosa compleição!  
Ferida, lamentava-se. Ainda assim, moveu-se em direção ao desejo.  
amou Eutínico; ele também estava ferido.  
De facto, o Miúdo atirou nele e conduziu-o ao amor por ela.  
Viram-se um ao outro, mas Eros prontamente acendeu o fogo.  
Ama Barbitíon, senhora Mirto de formosa compleição!  
O trabalho estava feito, e ambos alcançaram o desejo.  
Ela renunciou à sua insuportável virgindade<sup>132</sup> pela imposição de Eros.  
Priva-te, tu também, do Cípria,<sup>133</sup> depois reconheces o seu temperamento forte!  
Não rejeitas os discursos e deixa-te influenciar pelo meu.  
Ama Barbitíon, senhora Mirto de formosa compleição!'.  
“Adoçaste-nos, caro Barbitíon  
- dissemos imediatamente -, participa do servido  
banquete variado dos companheiros.  
Persuadido, comeu até ficar saciado.  
Então, ajeitando a lira pela segunda vez,  
deixou cair o cotovelo direito em direção ao chão,  
usando a esquerda para tocar,  
e entoou uma agradável e melosa melodia:

---

<sup>132</sup> Cf. normas éticas sociais de castidade e virgindade até à celebração do matrimónio ainda presentes em gerações mais recentes, na sociedade helénica, manifestada em comportamentos de pudor e reserva, bem como em atitudes e sentimentos de ciúmes. Qual estado de iniciação, antecipa a mudança da condição de παρθένος/κόρη, ‘donzela/rapariga’ (cf. 9.270) a γυναίκα, ‘mulher’ (9.272). Porém, vd. tratamento de Drosila, ainda virgem, por Cleandro (6.414-415). Comportamentos tanto femininos como masculinos menos reservados (e.g. Marilis) e disruptivos encimam o desejo à fidelidade matrimonial, contemplando mesmo atos homicidas, e.g. Crisila, Calidemo. Diferentemente do romance de Macrembolites, mais focado no oráculo de Apolo e apresentando a prova de virgindade de Hismine, em Eugeniano, a contenção e a palavra de Drosila bastam. Vd. Garland, 1990); Egger, 1994); Goldhill, 1995); James, 1999.

<sup>133</sup> Filho de Cípria, Eros.

‘Quem viu aquela que desejo? Canta para mim, caro companheiro.<sup>134</sup>  
Existiu, a certa altura, Siringe,<sup>135</sup> uma encantadora e adorável donzela,  
uma rapariga, mestre de almas, de formosa compleição e de pés de prata.<sup>136</sup>  
Pã, ao vê-la, correu atrás dela, com o coração palpitante.  
A afortunada fugiu antes; ele, mais forte, seguiu atrás.  
Quem viu aquela que desejo? Canta para mim, caro companheiro.  
Siringe chegou a um canavial no prado;  
a terra acolheu a donzela no seu seio.  
Pã estava louco, pois perdera a rapariga Siringe.  
No entanto, agarrou a folhagem e cortou juncos.  
Quem viu aquela que desejo? Canta para mim, caro companheiro.  
Com cera, uniu-as e adaptou-as aos seus lábios robustos,  
beijou-as e soprou; o sopro percorreu o junco  
e produziu uma doce melodia, o remédio de amores.  
E tu odeias-me a mim, que te amo e não me desejas a mim, que te desejo?  
Quem viu aquela que desejo? Canta para mim, caro companheiro.  
O quanto sofri, miserável! Porque rejeitas aquele que ama?  
Que uma cana para mim, ou um loureiro exuberante pudesses  
tu ser também, cipreste de longa sombra, alto topo  
que Febo<sup>137</sup> outrora feriu, quando ela não desejou unir-se sexualmente.<sup>138</sup>  
Quem viu aquela que desejo? Canta para mim, caro companheiro.  
Também eu, que tenho uma mente sofredora, um dia, desejoso de alegrar-me,  
tocaria continuamente com juncos de carne,<sup>139</sup>  
ou, usando-te como uma grinalda, teria orvalho para o fogo do amor.  
Tal força manteve-te a circundar à volta do meu coração.

<sup>134</sup> Lema V] Cantiga de Barbitión 2.

<sup>135</sup> Cf. Pã, inventor da siringe, a partir da metamorfose de Siringe. Vd. Theoc. 4; Ov. *Met.* 1.689-712; Serv. *ad Ecl.* 2.31. Considere-se a flauta de Pã, feita a partir de cana, correspondente à metamorfose de uma ninfa da Arcádia, perseguida por Pã e afogada no rio Ladon, Ov. *Met.* 1.690. Vd. Arist. *Aud.*

<sup>136</sup> Vd. ἄργυρόπεζα, epíteto substantivado, que denota tradicionalmente divindades, e.g. Afrodite, Pi. *P.* 9.9; Tétis, *Il.* 1.538; Ártemis, Nonn. *D.* 34.447. Cf. ἄργυρόπεζος, ov, adjetivo de atribuição feminina humana, *AP* 5.60.1.

<sup>137</sup> Febo, epíteto de Apolo: Φοῖβος, 'Febo' ~ φοῖβος, 'brilhante'. De igual modo, lembrando a descendência de Febe. Cf. Corn. *Epítome de Tradições Teológicas Gregas* 32; Isid. *Etym.* 8.9.54.

<sup>138</sup> Cf. hemistíquio homérico *Il.* 6.165.

<sup>139</sup> Cf. *AP* 9.136.

Quem viu aquela que desejo? Canta para mim, caro companheiro'.  
Após cantar isso, levantou-se do lugar  
e disse: "Para aqui! As raparigas a dançar,  
entrelaçadas pelos dedos vamos ver,  
a formarem um círculo dócil."  
Ao falar, os jovens seguiram,  
e o primeiro entre eles, o estrangeiro que se dirige a ti,  
Cáricles, que está nesses apertos.  
De facto, o que sofreu o meu coração miserável  
julgas tu, amigo Cleandro, companheiro de prisão,  
ao ter sido atingido por histórias de amor?  
Nessa altura, empolei-me, correndo à frente,  
para ficar com um bom lugar e ver  
as raparigas a dançarem juntas nessa ocasião.  
Vi aí a lua em baixo, na terra,  
a mover-se em círculo com as próprias estrelas  
– assim era Drosila, com as demais donzelas –.  
Que os fardos do amor trazem dor, já  
sabia, pelos relatos antes ouvidos.  
'Teria sido bom, Drosila – expus à minha mente –,  
que não tivesses despertado a atenção de Cáricles agora.  
Mas, como isso era do deus Dioniso  
vontade – O quê?! Cleandro, não chores também –,  
tu não tens culpa, Donzela, do sofrimento que suporta  
o teu noivo Cáricles, noivo atribuído pelo deus,  
e que também aguente fuga, perigos,  
bem como o teu rapto, antes de conseguir casar contigo;  
e todas as outras coisas terríveis que tece<sup>140</sup> para mim  
o doloroso fio da Fortuna vingativa.'  
Dizendo isso pra mim mesmo, de forma calma,  
corri de novo para o recinto ancestral,  
olhei para a estátua de Dioniso,  
a cujos pés me atirei  
(um cadáver vivo que respira), e gritei:

---

<sup>140</sup> Vd. no âmbito da mitologia tradicional, a fiação do destino tradicional, mas pelas Moiras. Vd. *Il.* 16.334, 24.49, 24.209.



‘Ó filho de Zeus, lembra agora os sacrifícios  
e o incenso que outrora ofereci  
e ajuda-me quanto ao meu casamento com Drosila. Vem  
a mim, Cáricles, jovem no tocante a desejos.  
Se eu conseguir alcançar o que anseio,<sup>141</sup>  
não mais vou negligenciar sacrifícios para ti.  
Executei, ó filho Dioniso, a tua veneração  
e obtive como recompensa um dardo amargo.  
De fato, alimenta-se no meu coração um fogo  
que apenas um beijo, não água, apagará’.<sup>142</sup>  
Depois de falar assim para o deus Dioniso,  
eu estava pronto para o rapto da donzela,  
desejoso de conseguir tomá-la com ambas as mãos,  
e escapar dos criados de forma perspicaz.  
Na verdade, o coração apaixonado faz votos de  
aproveitar o mais rápido possível o dia em que  
possa disfrutar do ser amado.  
Então, entendendo a situação e contemplando a audácia,  
e que de maneira fácil e desimpedida não  
poderia alcançar a totalidade do que era pretendido,  
a menos que a rapariga se tornasse minha cúmplice,  
coloco o desejo claro à donzela,  
revelo o propósito, o que deveria ser feito,  
e indico o rapto que tinha em mente.  
Ela, quando recebeu a mensageira  
(de fato, era uma mulher muito hábil em tais assuntos),  
foi prometida a outro pelas leis de casamento.  
A donzela revelou isto àquela com sofrimento.  
Nesse caso, olho para um segundo artifício,  
através do qual, ajudado por amigos cúmplices  
tomaria a minha amada sem perigo.  
Mas ela, antecipando isso também,  
revelou sinais de uma alma sofredora,  
através de um mensageiro que me mandou,

---

<sup>141</sup> P *ad marg.*] máxima.

<sup>142</sup> Cf. AP 9.420,

contando os sofrimentos secretos do seu coração,  
que viu, que sofreu imediatamente por causa do mesmo,<sup>143</sup>  
que, por seu turno, ficou ferida ao ver Cáricles,  
e queria tomar-me pelas leis do casamento.  
Por conseguinte, marquei um momento  
em que poderia conversar com a donzela.  
Fui, encontrei-a, vi-a com prazer,  
troquei ideias. Em troca, ouvi discursos;  
estávamos vinculados com juramentos mútuos.  
Dioniso confirmava as nossas palavras,  
tendo sido invocado por nós para os juramentos prestados;  
e até ao próprio porto de Dracon<sup>144</sup>  
(assim chamado pelos moradores locais)  
corri com a donzela Drosila.  
Ao avistar um navio que zarpava  
[após libertar os cabos na proa],<sup>145</sup>  
nós mesmos embarcámos,  
partindo com um vento muito favorável,  
sob escolta do deus Dioniso.  
Na verdade, ele guiava-me para casar com a rapariga,  
havendo aparecido nos meus sonhos,  
antes de trocarmos palavras entre nós.

---

<sup>143</sup> 391 Bo<sup>2</sup>] que viu, que sofreu, que foi capturada,

<sup>144</sup> Serpente.

<sup>145</sup> 405 Bo<sup>2</sup> *om.* Bo<sup>1</sup>.

QUARTO LIBELO

[Chegada de Cárcles e Drosila a Barzos – 1-67. Lamentos – 68-70. Crátilo ordena o sacrifício de prisioneiros – 71-76. Crisila apaixona-se por Cárcles – 77-85. Distribuição de prisioneiros – 86-104. Paixão de Clínias por Drosila – 105-208. Cárcles, apresentando-se como irmão de Drosila, apoia Clínias – 109-327. Cárcles encontra Drosila a dormir – 318-411.]

Atravessamos num navio mercante  
o trajeto úmido do mar com ondas baixas,  
até à tarde do quarto dia.  
O barulho dos remos de uma frota de piratas  
repercutiu-se sobre nós, ao seguirmos em diante, perturbando  
não apenas a nossa audição, mas também a razão  
da nossa parte, no interior do navio mercante que mencionei.  
Quando a escuridão da noite se espalhou por toda a parte,  
com o poderoso portador da luz<sup>146</sup> a mergulhar debaixo da terra,  
não podíamos mais vê-los claramente.  
Mas eles, inclinando-se para o meio do mar,  
estendendo mãos e pés,  
para que os trirremes navegassem mais rápido,  
remavam com toda a força,  
a baterem o fundo do mar  
com cotovelos robustos e desnudos para navegar.  
Ao aproximarem-se de nós, no navio mercante,  
desembainharam as suas próprias espadas.  
Os que estavam conosco, excelentes marinheiros,  
pese embora, diante desses afortunados portadores de espadas,  
serem em pequeno número,  
agarraram os escudos de maneira viril  
e travaram uma batalha naval contra eles,  
derrubando e sendo derrubados, sem se abalar diante  
da desproporção dos piratas.  
A água do mar tingia-se de púrpura,  
e continuaram a atacar com sucesso até à noite.  
Após longo período, conseguiram afastar o navio.  
Muitos caíram na luta,

---

<sup>146</sup> Sol.

e renderam-se, enfraquecidos, em terra firme,  
deixando-o repleto de carga.  
Sem um capitão para comandar,  
fugiam para as ravinas, para o meio das montanhas.  
Procuravam a salvação pela fuga. Com eles,  
eu também, ferido da luta,  
seguia com a donzela Drosila.  
Apressei-me, parei, arrastei a rapariga,  
e conduzi-a para lugares íngremes  
até que encontramos um denso matagal de ramos,  
onde nos sentamos juntos, escondidos.  
Ao nascer do dia,  
inclinados sobre as montanhas,<sup>147</sup> vi abaixo  
um fogo que ardia alto;  
conjeturamos que atearam fogo ao navio mercante  
aqueles piratas, tendo reforçado a sua ferocidade,  
deixando-o vazio de toda a carga.  
Então, perdidos como estávamos, olhamos de um lado para o outro,  
direcionando as pupilas dos nossos olhos que trazem luz,  
até que rapidamente avistámos um penhasco bem fortificado,  
embora de forma fraca e obscura, pois estava muito distante de nós.  
Ambos corremos em direção à cidade.  
Aproximamo-nos dela, após muito tempo e com dificuldade,  
desde o início da luz até ao seu anoitecer.  
Finalmente, chegamos juntos a cidade, escapando  
da falta de afeição natural dos piratas,  
mesmo que a cidade Cárices, assim como Cleandro,  
pretendesse ter consignado a mãos partas,  
e, embora tivesse escapado dos perigos do mar,  
atirar-me para segundos constrangimentos de sofrimentos  
com – Oh deuses! – a minha mais querida Drosila.  
Quando os habitantes saíram da cidade,  
partimos juntamente de novo, para celebrar  
o brilhante festival do nascimento de Zeus.<sup>148</sup>  
A tribo parta muito hostil

---

<sup>147</sup> Cf. Hld. 1.1.

chegou, não sei de onde, e domina-nos, apenas  
levando-nos até à sua pátria,  
e inserindo-nos na atual prisão». Envolvidos em muitos discursos,  
entregavam-se a lamentações mútuas os jovens  
e os estrangeiros, Cleandro e Cárcles.  
O bárbaro Crátilo, com arrogância,  
sentado com Crisila pela manhã,  
também tinha consigo o filho Clínias;  
e os presos cativos que tinham capturados  
ordena que se tragam da prisão.  
Os prisioneiros, ao terem sido trazidos, posicionam-se.  
No peito sofreu do Bárbaro a  
mulher, Crisila, logo que Cárcles  
viu, e foi ferida pelo dardo do desejo.  
Ela era uma pessoa sem decaimento, cabelos dourados, tez corada,  
costas largas, cachos de cabelo louro  
possuindo, até aos quadris.  
Detinha mãos delgadas, com dedos brancos,  
incontáveis estrelas dispersas,  
cobrindo com a beleza e luminosidade o seu rosto.  
O governante parta, vendo os posicionados,  
distribui-os entre os sátrapas abaixo de si,  
«Os enormes presentes da Fortuna pela vossa cooperação  
recebestes – afirma –, filarquia parta».  
Outros envia para contemplar a luz da liberdade;<sup>149</sup>  
outros retorna miseravelmente à prisão,  
para serem libertados por presentes dos progenitores;  
contudo, a muitos dá destino<sup>150</sup> com a espada,  
considerando o sangue dos estrangeiros um sacrifício aceitável  
para os deuses cooperantes para o retorno ao lar.  
Concede Cárcles a Clínias,

---

<sup>148</sup> Entenda-se ‘do nascido de Zeus’, vd. 71157), o mesmo equivale a afirmar ‘Dioniso’. Cf. celebração de festival de Dioniso, 1.107, 113, 151.

<sup>149</sup> Vd. *Il.* 6.455.

<sup>150</sup> Vd. *μοίρα*.

não porque ele tivesse pedido isso  
(pois a sua mente contemplava Drosila,  
que era a mais formosa de todas as mulheres),  
mas como um grande presente generoso de pai para filho.  
Na realidade, de entre os que tinham sido presos anteriormente, ele era  
garboso de ver-se, o mais belo de todos.  
Tendo feito isso, levanta-se do trono  
e oferece brilhantes sacrifícios aos deuses.  
Então, ferido no meio do coração,  
Clínias, filho do bárbaro Crátilo<sup>151</sup>  
(na verdade, também conquistado pela donzela que havia capturado),  
muitas coisas – estas e tantas outras –  
murmurava, com sofrimento trágico:  
“Todo o desejo é terrível; contudo, se é por uma amada,<sup>152</sup>  
é duplamente terrível; mas se é por uma rapariga jovem,  
o aguilhão é triplo; contudo, se ela é cheia de beleza,  
o terror é pior; e se conduz ao casamento,  
um fogo interior alimenta o próprio coração.  
Não há força que escape do arqueiro<sup>153</sup>  
alado, que também atíça fogo,  
que com as suas asas me alcança, e com a sua chama me incendeia,<sup>154</sup>  
atirando com o arco na direção do coração.

---

<sup>151</sup> P *ad marg.*] Amor de Clínica por Drosila.

<sup>152</sup> V *ad marg.*] Máxima.

<sup>153</sup> De facto, Ninguém (cf. Hera a Atena, *Il.*14.198-199), humano ou divino (Pl. *Smp.* 186b) pode julgar-se eximido da afeição/afecção imposta pela Cípris ou por Eros, nem a divindade suprema – Zeus e até o próprio Eros, cf. Psique (Ov. *Ep.*11). Não obstante, a exceção impõe-se à regra, dada a existência de três entidades impossíveis de submeter ao jugo do amor (*h. Ven.* 5.7), a saber, Atena, embora tradicionalmente perseguida por Hefesto. Cf. Erictónio (considerem-se Apollod. 3.14.6; E. *Io* 20 sq., 266 sq., Eratosth. *Cat.* 13; *Schol. Il.* 2.547). Vd. tentativa de estupro pelo gigante Palas (cf. Apollod. 1.6.2; Tz. *ad Lyc.* 355), Ártemis e Héstia (vd. E. *Io* 269).

<sup>154</sup> P *ad marg.*] Sinais.

O néctar, a bebida dos deuses,<sup>155</sup> parece-me tratar-se de um mito,<sup>156</sup>  
comparado à tua doçura, estrangeira de peito cristalino.  
Pois, se te olhar como uma vinha amadurecida,  
quem apertará o teu peito como um doce cacho de uvas,<sup>157</sup>  
ou verterá vinho novo agradável como o néctar  
ou um favo de mel muito aromático?  
O teu rosto parece-me um prado, Donzela,  
a mais graciosa serva da minha mãe Crisila.  
A tua cor prazerosa é como a do narciso,  
o florescer das bochechas, como uma rosa vermelha,  
os dois olhos, como uma violeta brilhante na escuridão,  
os teus cachos de cabelo, como hera entrelaçada.  
Oh! Como posso desviar as pupilas dos olhos  
da tua beleza, da visão do teu rosto?  
Quando desviadas, elas permanecem,  
não se rendem contra a vontade.  
Pois Eros, de plantas, ferro e pedra,<sup>158</sup>  
aparenta ser senhor, e não apenas de homens.  
Na realidade, o ferro é atraído em direção ao ímã,  
parecendo-me comportar um fogo interior de paixão;  
inclina-se para ele e apressa-se ao longo de um estranho percurso;  
isso parece-me ser um beijo entre os dois:  
a amada e o que ama. Oh, estranha condição!  
Uma planta muitas vezes ama outra planta;<sup>159</sup>  
uma palmeira<sup>160</sup> reluta em criar raízes na terra,<sup>161</sup>  
a menos que plantes uma fêmea por perto.

<sup>155</sup> Segundo a tradição mitológica, a alimentação divina baseada em ambrósia e néctar assegura uma consistência distinta, desde logo pelo tipo de sangue – o ícor –, donde a essência imortal. Cf. *Il.* 340; *Plu. Alex.* 28. Pondere-se, todavia, a ingestão de leite e.g. Zeus a partir de cabra Amalteia; dolo da carne de Prometeu a Zeus; consumo inadvertido de carne (corpo de Pélops) por Deméter (*Pi. O.* 1.50-52). Ademais, atos hubrísticos de desrespeito, testando a amplitude dos conhecimentos divinos (*Apollod.* 2.3) e (ou) compartilha do segredo com a raça humana, e.g. deuses: Prometeu; homens: Tântalo. Vd. Troca Pereira, 2013a.

<sup>156</sup> Cf. *μῦθος* enquanto ‘história, confabulação’.

<sup>157</sup> P *ad marg.*] De estação.

<sup>158</sup> V *ad marg.*] Máxima.

<sup>159</sup> *Aristaenet.* 1.10.

E o mar aberto sabe do casamento de Aretusa,<sup>162</sup>  
para a qual avança o largo e doce noivo,  
o vasto Alfeu,<sup>163</sup> cujo fluxo de água numa correnteza  
a sua união não pretende transformar.  
Escuta, rapariga de peito de pedra, coração de bronze,  
e permite-me compartilhar da tua incomparável beleza.’  
Sofrendo assim tal paixão, Clínias  
voltou-se rapidamente para a lírica melódica,  
[produzindo, com dedos brancos e delicados,  
este canto e harmoniosa melodia,  
com o claro e doce som da lira:]<sup>164</sup>  
gerando toques que soavam assim:  
‘Oh, Drosila, como inflamas Clínias!  
A Cípria, para o seu descendente Eros,  
costumava chamar em alta voz, no meio das ruas:  
<Se alguém agarrar a criancinha errante,  
nas vielas estreitas ou no meio das estradas,  
o fugitivo Eros, o malfeitor,<sup>165</sup>  
o delator, receberá de mim uma grande recompensa,  
levará o beijo de Cípria como pagamento<sup>166</sup>  
Oh, Drosila, como inflamas Clínias!  
Fica apenas ciente de que o meu filho é esse arqueiro,  
o fugitivo Eros, o malfeitor,  
e toma cuidado para não seres mortalmente atingida por ele.  
Ouve-o e aprende os seus caminhos –  
Se o avistares a sorrir, alegre por algo,

<sup>160</sup> Cf. imagética da palmeira para expressar a necessidade de união entre o masculino e o feminino, aplicando no plano afetivo o expresso, no mundo botânico, por autores como, Ps. Arist. *Περὶ Φυτῶν* 1.6, a respeito de palmeiras macho e fêmea.

<sup>161</sup> P *ad marg.*] Sinais.

<sup>162</sup> Cf. ninfa Aretusa, tradicionalmente avessa ao amor, e o rio Alfeu. Vd. Ov. *Met.* 5.572-678; *AP* 9.362, 683.

<sup>163</sup> Deus-rio. Vd. Ps. Plu. *De Fluvíis* 19.

<sup>164</sup> 153 Bo<sup>2</sup> | 154-155 Bo<sup>2</sup> *om* MPBo<sup>1</sup>.

<sup>165</sup> 159 Bo<sup>1</sup> *om.* Bo<sup>2</sup>.

<sup>166</sup> Cf. paráfrase de *AP* 9.440: 157-183.



fulmina muitas coisas e deseja matar.  
Oh, Drosila, como inflamas Clínias!  
Se, após capturá-lo, vires que quer brincar,  
atira em ti, atinge-te. Então, ouve isto e toma cuidado.  
Caso se prepare para beijar-te calorosamente,  
foge: inflama-te e queima.  
É uma criança, mas traz fogo, arcos e asas;  
inflama, fere, persegue, ataca;<sup>167</sup>  
não se manifesta a partir de extensões<sup>168</sup> invisíveis.  
Oh, Drosila, como inflamas Clínias!  
Sorri enquanto permanece de peito feroz,<sup>169</sup>  
e parece brincar jogando de modo selvagem  
o arqueiro, o ousado, o portador de fogo.  
Aquele que, o encontrar, o apanhar e me informar,  
receberá a paga, como referi, com satisfação.  
Oh, Drosila, como inflamas Clínias!  
O mesmo mito diz que surgiu  
de Zeus a rapariga Palas Atena,<sup>170</sup>  
a partir da cabeça, como uma donzela inteligente totalmente armada;  
todavia, Eros pinta-te como maior beleza,  
havendo colocado os dedos no ventre da tua mãe,  
havendo aplicado uma cor dupla, leite e rosa.  
Oh, Drosila, como inflamas Clínias!  
E pinta-te na totalidade, não atribuindo armas.  
Com efeito, não te distribui arco nem espada afiada –  
como seria melhor que tu atirasses para matar!  
Mas arqueiam-se as tuas sobrancelhas,  
os clarões dos olhos são amargas flechas,  
com as quais me atinges o coração.

<sup>167</sup> 175 *add.* M Bo<sup>1</sup>] 178 Bo<sup>2</sup>.

<sup>168</sup> Entendam-se ‘asas’.

<sup>169</sup> P *ad marg.*] Sinais.

<sup>170</sup> Vd. nascimento de Atena, armada, a partir da cabeça de Zeus, auxiliado pelo machado de Hefesto (*h.Hom.*28; Luc. *DDeor.* 8 Jacobitz). Cf. Atena através do epíteto ‘Palas’, porventura decorrente do étimo πᾶλλας, ‘juventude’ (Tz. ad Lyc. 355), ou quiçá obtido quando o gigante Palas tentou violá-la, havendo a deusa matado, esfolado e retirado as asas do agressor (cf. Apollod. 1.6.2).

Oh! Drosila, como inflamas Clínias!  
Quão bem apontado está aquele arco,<sup>171</sup> Donzela!  
quão bem-talhada lança! Fui atingido, percebo.  
Quão amarga a ferida, mas também grande!  
Quão novo o assunto, mas também estranho!  
O dardo não mata – Oh, que tipo de discurso!  
Porém, quando perfura, derrete eternamente.  
Oh, Drosila, como incendeias Clínias!  
Mas olha, ao que parece, é noite, Rapariga!  
contudo, eu ainda tenho longos caminhos;  
accita-me como teu companheiro de refeição ou de cama,  
ou, se não tens esse poder, numa outra opção,  
acende a minha tocha com os teus lábios.  
Sei que acenderás, se quiseres.  
Oh, Drosila, como inflamas Clínias!  
Ilumina-me o presente anoitecer,  
clareia-me a escuridão que desgasta,  
e permite, ó lanterna radiante, que para casa  
me apresse sem divagação nem tropeços.  
Padeço de frenite e de delírio;<sup>172</sup>  
não me recuses fármacos que cessam a dor.  
Oh, Drosila, como inflamas Clínias!  
Cáricles, tendo percebido que o seu senhor estava apaixonado,  
aproxima-se, falando-lhe com grande sinceridade:  
«Observei que estás apaixonado, Clínias, meu senhor,  
estás apaixonado pela donzela minha irmã,<sup>173</sup>  
pela bela Drosila, completamente formosa.  
Nada de novo nisso, pois eu mesmo, teu servo,  
escravo Cáricles, infeliz, sofredor estrangeiro,  
há muito, fui tomado cruelmente por uma delicada rapariga.  
Também sem forças para discursos,

---

<sup>171</sup> Cf. Aristaenet. 1.1.

<sup>172</sup> Cf. Ioan. Chrys. *Ecl.* p. 98.

<sup>173</sup> Cf. *topos*, Hld. 1.22.2, 1.25.6, 5.26.3, 7.13.1, 7.26.5. Vd. *Gn.* 20:2, com Abraão e Sara. No romance bizantino, considere-se a pseudofraternidade de Hismínias/Hismine.

ainda que desejando – pois, de facto, não podia contemplá-la –,  
[assim como tu também não contemplas Drosila]<sup>174</sup>  
vi, inclinada<sup>175</sup> nas janelinhas  
para o crescido jardim de rosas e flores,  
aquela sempre presente no meu espírito,  
a verter delicado orvalho nos manjericões  
e a umedecer o bálsamo com o aroma das rosas,  
lotos, jacintos, assim como de uma abundância de plantas,  
lírios brancos, açafrões e narcisos,  
bem como uma grande quantidade de flores perfumadas.  
Aí contemplei-a com braços meio descobertos,  
com os quais nem a neve consegue competir;  
aí contemplei os seus dedos cristalinos,  
que rivalizam também com o leite branco.  
Ao ver, fui tomado pela sua imensurável beleza.  
De facto, não sou feito de carvalho nem nasci de rocha.  
Ficando aprisionado, dirigi-me a ela, não conseguindo conter-me:  
“Saudações, jardineira de tantas flores:  
Porque não abres a porta também para mim?”<sup>176</sup>  
Talvez te recordes do sofrimento de Narciso,<sup>177</sup>  
atirando-se ao poço por amor?  
Lembras-te dos odem Jacinto,<sup>178</sup>  
dos seus azarados lançamentos de disco  
e de como ele suportou o ciúme, após inveja  
pela paixão de Zéfiro?<sup>179</sup>

<sup>174</sup> 230 *om.* PBo<sup>2</sup>].

<sup>175</sup> 232 PULBo<sup>1</sup> Bo<sup>2</sup>Conca] inclinado.

<sup>176</sup> Vd., no original grego, o uso de ‘plural majestático’.

<sup>177</sup> Cf. metamorfose em planta com o seu nome, do autoenamorado Narciso punido por Némesis, ou quiçá pela sua irmã gêmea (Paus. 9.31.6; Luc. *DDeor.* 14 Jacobitz; Eustath. *ad Hom.* p. 266).

<sup>178</sup> Relativamente à disputas entre amantes, cf. amores de Apolo e Tâmiris por Jacinto (Apollod. 1.3.3). Zéfiro, porém, de igual modo apaixonado, desviou o disco lançado em jogo por Apolo, vitimando o jovem depois epónimo da flor resultante da sua metamorfose (Ov. *Met.* 10.184; Luc. *DDeor.* 2 Jacobitz; Philostr. *Ep.* 41). Vd. Homoerotismo.

<sup>179</sup> Vento de este. Cf. Arist. *Vent.*

E tens em mente Cípria,<sup>180</sup> a mesma que há muito  
tingiu de vermelho (com o sangue  
derramado que correu dos seus pés,  
devido aos espinhos) a tonalidade branca da rosa,  
quando soube da morte cruel de Adónis,<sup>181</sup>  
atacado por Ares?<sup>182</sup> Oh, maligna inveja,  
que muitas vezes causa a morte de apaixonados!  
O jardim está cheio de alegria e lágrimas,  
vangloria-se da linda donzela jardineira.  
No entanto, está cheio de infortúnios dos apaixonados.  
tu, porém, pareces desconhecer as histórias estranhas que estás a ouvir.”  
Eu mesmo falei assim a essa rapariga.  
Ela respondeu prontamente:  
“Como adoçaste o meu coração sofrido!  
És um astuto encantador, conforme vejo, miserável!  
Tornas a desgraça em alegria.  
Infeliz, o dizes? Entra pela porta,  
admira o jardim, contempla o leito  
e corteja-me com os teus contos,  
já que aprendeste, por experiência, quão grande mal é o desejo.  
Colhe rosas<sup>183</sup> do meu roseiral;  
reclina-te e juntar-me-ei a ti.  
Mas o que irás comer, desgraçado? Não há fruta nenhuma.  
Mesmo que não haja nenhuma maçã madura no jardim,  
aceita o meu peito, em vez da maçã.  
Se te agradar, miserável, depois de apanhar, come.  
E se não houver um cacho de uvas maduro nas vinhas,  
espreme as uvas do meu peito firme.  
Aceita um agradável beijo meu, no lugar de um favo de mel.

<sup>180</sup> Cf. coloração das rosas, a partir de Afrodite, ferida na perseguição a Adónis.  
Vd. Apollod. 3.14.4.

<sup>181</sup> Belo jovem decorrente da punição incestuosa pela inobservância do culto de Afrodite por Esmirna. Amado por Afrodite e Perséfone.

<sup>182</sup> Divindade associada à guerra. A tradição varia, reportando a morte de Adónis a um javali, porventura a forma assumida por Ares ou Apolo (Serv. *ad Verg. Ecl.* 10.18).

<sup>183</sup> Vd. rosa, símbolo de virgindade.

Ao invés de te enrolares em torno de árvores e ramos,  
como faz alguém que deseja colher fruta,  
vem, abraça-me: eu sou a árvore.  
Tens os meus cotovelos em substituição de ramos.  
Eu sou a árvore: trepa-me também  
e arranca o fruto que é mais doce do que o mel.”  
Confia-me todos os teus assuntos  
e verás, pelos meus atos, que sou um servo confiável.»

«Não um cativo nem um escravo, como disseste  
– respondeu Clínias, filho do Bárbaro –,  
mas um homem livre, compatriota, amigo,  
e um participante de categoria de a estima sátrapa  
virás por certo a tomar-te, assim como senhor de grande propriedade,  
bastando apenas unir-se com Drosila  
Clínias conseguisse, mediante a tua cooperação.  
Cárcles, quando te encontrares com a donzela,  
conta-lhe o meu fardo.  
A maleita consome-me. Entende este breve discurso;  
Hades<sup>184</sup> agarra-me e carrega-me antes do meu tempo.  
O brilhante portador de luz que governa as estrelas,  
defletiu-se para mim, enquanto emite raios para todos os outros.  
Que as águas correntes dos rios fluam para o alto;  
pois eu morro como está destinado,<sup>185</sup> mas antes do tempo.  
Que o arbusto floresça com rosas perfumadas;  
que na vida<sup>186</sup> tudo aconteça agora de forma contrária,  
uma vez que Clínias morre, caso não tomes, em compensação, a iniciativa  
de, com a tua força, Cárcles, salvá-lo.»  
«Quanto a Drosila, Clínias, tem confiança,

---

<sup>184</sup> Local do inframundo, que acolhe os mortos na sua generalidade. Também outra denominação de Plutão, deus da esfera ctónica.

<sup>185</sup> À parte de divinizações reportadas pela tradição mitológica, bem como da imortalização por feitos, através da sua lembrança, contrariamente aos divinos imortais, a morte é considerada uma inevitabilidade (cf., porém, Zeus face a Sarpédon, *Il.* 16.439-449) equalitária imposta pelo destino da raça humana tecido pelas *Moirai* (*Il.* 24.525-526). Vd. *Pi. I.* 7.42; *D.* 258.

<sup>186</sup> Cf. *Theoc.* 1.131–135.

não esmoreças – disse Cáricles,<sup>187</sup>  
acrescentando às suas observações outra história<sup>188</sup> linda e encantadora:  
‘Uma abelha que outrora dormia nas rosas –  
Eros, filho de Afrodite nascida do mar –,<sup>189</sup>  
não viu, mas foi ferido no meio do seu dedo  
e, retraído, voou rapidamente  
para a genitora, dizendo: <Mãe, estou morto!  
Feriu-me uma pequena cobra alada,  
do tipo que os homens que trabalham a terra chamam de abelha.>  
Mas a bela Citereia, para aquele que tinha sido ferido,  
rindo-se elegantemente, respondeu o seguinte:  
<Se a picada da abelha te oprime,  
quanto julgas que sofrem os atingidos  
pelas tuas desgraçadas flechas, meu filho Eros?>»  
Isto afirmou Cáricles a Clínias,  
e, após prometer casamento com Drosila,  
retirou-se rapidamente um pouco para analisar,  
não como poderia unir Drosila com Clínias,  
mas sobretudo desejando escapar do seu deplorável stratagem.  
Tinha-se também apressado para contemplá-la em privado,  
Com o propósito de lamentar juntamente com ela o infortúnio.  
Encontrou-a deitada sozinha num prado,  
adormecida profundamente devido às preocupações,  
rivalizando com as flores brancas das rosas,  
parecendo sorrir enquanto ouvia  
o mélico som das belas andorinhas.  
Oh, que espanto, mas também quanto tremor  
se apoderou totalmente de Cáricles,  
quando viu que havia dormido no jardim  
aquela, brilhante como o sol, após lançar  
aos homens a chama primaveril de luz!

<sup>187</sup> Lema V] Consolação de Cáricles face a Clínias.

<sup>188</sup> Considere-se *topos* do amor agri-dulce - doce pela abelha e colmeias; agre pela dor infligida quando penetrado esse domínio. Vd. Theoc. 120; *Anacreont.* 34 Lindau/40 Davidson; Marc. Arg. *cap.* 2. Cf. em sonho, a écloga ausónia *Cupidus Cruciat.*

<sup>189</sup> Paráfrase de *Anacreont.* 35 West: 313–324.

Sentando-se perto de Drosila  
(pois a parcimônia impediu-o de acordá-la),  
disse, olhando-a atentamente:  
‘Aqui também, ó desejada, as Graças<sup>190</sup>  
acompanham suavemente, enquanto tu dormes,  
cuidando para que não venha a abater-se algum mau  
acontecimento nefando, de modo nenhum.  
Oh, quão suavemente tu respiras, rapariga!  
Oh, quão docemente pareces sorrir agora!  
De quem a natureza há muito tingiu de vermelho  
lábios, faces, para que pareçam nutrir uma chama,  
e estendeu os caracóis de cabelo até aos quadris,  
com que nem o ouro pode rivalizar.  
Fica tudo em silêncio, quando tu estás em silêncio, donzela,  
não cantando o pardal, não correndo o viajante,  
ninguém a conversar, não rastejando a serpente.  
Até o sopro dos ventos cessou, suponho que  
por respeito pela beleza da adormecida.  
Oh, como todo o pequeno pardal melodioso agora se mantém silencioso!  
Apenas os riachos fluem, ó desejada,  
para tornarem o teu sono mais doce;  
e o seu fluxo é uma voz que te diz:  
<Ó dotada de toda a beleza,  
manténs silêncio; a fria briza também está em silêncio para ti.  
Dormes e a raça dos ventos repousa outrossim.  
Apenas os riachos te murmuram agora.>  
Então, uma vez que já não te têm para cantar em resposta,  
as raças das aves que amam as Musas ficam em silêncio.  
Todavia, não prefiras o sono do esquecimento a mim!  
Ao que parece, agonizas os rouxinóis,  
com os quais a tua boca muito doce rivaliza<sup>191</sup>  
pois as tuas palavras pingam mel, donzela.<sup>192</sup>  
Porém, caros colegas e companheiros,

---

<sup>190</sup> V Lema] Discurso de Cáricles para Drosila adormecida.

<sup>191</sup> Cf. Longo 18.

<sup>192</sup> V *ad marg.*] Máxima.

afortunadas Graças, raparigas com seios de pérola,  
vigiem e guardem com segurança  
o peito e as costas da donzela que está adormecida,  
afastando para longe a insaciável raça das moscas.  
Não há nenhum outro remédio estranho para Eros<sup>193</sup>  
a não ser canção e música, que pausam os sofrimentos.<sup>194</sup>  
Certa vez, Polifemo,<sup>195</sup> ferido  
no peito por Eros, arqueiro de homens,  
e nutrido uma ampla paixão pela Nereida,<sup>196</sup>  
não encontrou nenhum outro fármaco para a doença,<sup>197</sup>  
exceto canção, siringe, música encantadora  
e uma rocha como assento, para olhar o mar.<sup>198</sup>  
Suponho – e talvez bem – que mais rapidamente  
as pedras voariam para o céu  
e a pedra mais dura seria dividida por uma espada  
do que Eros cesse de apontar o arco aqui para baixo,  
enquanto a beleza existir e os olhos puderem ver.<sup>199</sup>  
Até o mar interrompe a tempestade,  
as rajadas de vento também param  
e o fogo aceso é apagado de novo.  
Mas a tempestade e o fogo nunca cessam na totalidade  
para os peitos atingidos pelo arco de Eros,  
pois ele consegue derreter – tal como o fogo a cera –  
aqueles que apanhou, dentro da sua fornalha.  
O arqueiro Eros é um ser<sup>200</sup> problemático,  
uma vez que, implantado como uma sanguessuga pantanosa, suga<sup>201</sup>  
toda a gota de sangue. Pináculo da doença!

<sup>193</sup> P *ad marg.*] Sazão.

<sup>194</sup> Paródia Theoc. 1.1–20: 380–386.

<sup>195</sup> Ciclope, criatura monocular, da raça dos titãs, *Od.* 1.69, 9.383; Cf. *Ant. Lib.* 26.

<sup>196</sup> Nínia Galateia. Vd. Theoc. 6, 11, quanto a Polifemo/Galateia. Cf. *Il.* 1.264, *Ov. Met.* 13.750. Considere-se outrossim *Ant. Lib.* 17.

<sup>197</sup> Cf. *E. Hipp.* 481; *Ach. Tat.* 5.26.

<sup>198</sup> Cf. Theoc. 11.17.

<sup>199</sup> Cf. Longo *Proem.* 2.

<sup>200</sup> Cf. Theoc. 2.55–256.

<sup>201</sup> Cf. Theoc. 2.15.



Eros, Eros, como aqueles que tomas subitamente  
inflamas, queimas, incineras, carbonizas!  
Como, a partir daqueles anteriormente carbonizados,  
caso deseje, qualquer um poderá acender uma lamparina enorme!  
Fazes crer levar ao colo  
o apaixonado muitas vezes a sua amada.  
Assim, todo o que ama (como o desejo é algo inevitável!).  
na verdade, está apanhado pelas redes de Eros,  
como um rato, que caiu num pote de pez líquido.<sup>202 203</sup>  
Parece-me que, se alguém pudesse passar e escapar  
do tirano alado Eros,<sup>204</sup>  
conseguiria até calcular as estrelas do céu'.<sup>205</sup>

---

<sup>202</sup> Cf. Theoc. 14.51; Diogenian. 6.41.

<sup>203</sup> P *ad marg.*] Sazão.

<sup>204</sup> Vd. CUPANE, 1974.

<sup>205</sup> Cf. Theoc. 30.25–27.

QUINTO LIBELO

[O acordar de Drosila – 1-24. Cárcles e Drosila conversam acerca do sentimento de paixão de Crisila e Clínias – 25-167. Morte de Crátilo – 168-188. Crisila afirma a sua paixão por Cárcles, tomando Drosila como mensageira – 189-268. Árabe Cagos, exige a submissão de Crisila recorrendo ao sátrapa Mogo – 269-298. Guerra entre árabes e partas – 299-440: destruição, morte de Clínias 427-428, suicídio de Crisila 429-431.]

Esse tanto e muito mais  
declamava suavemente para si mesmo,  
até que Drosila se levantou.  
Permaneceu em silêncio por muito tempo,  
quando viu Cárcles presente,  
uma alma que ama um coração desejado.  
E a pingar como pérolas o  
delicado suor limpou com os seus dedos.<sup>206</sup>  
Se alguém a se tivesse visto então, saindo do sono,  
teria dito: ‘Zeus, pai dos Olímpicos,<sup>207</sup>  
sei que todos os prazeres da vida acarretam deleite –  
canções, luxos, um deslumbrante banquete e bebida,  
uma grande casa, ouro, prata, uma pedra preciosa,  
e toda a outra riqueza de bens e posses.  
[Sim, e isso agrada – quem poderia negá-lo? –]’<sup>208</sup>  
Mas não tanto como uma rapariga de tez rosada,  
quando acorda ao meio-dia,  
com gotas de suor a escorrer,  
como a erva na primavera com o orvalho matinal.  
Se alguém tentasse beijar o seu maxilar,  
que derrama um suave orvalho de gotas de suor,  
umedeceria o fogo e apagaria a chama  
que arde no interior do seu coração,  
infeliz e consumido pelo fogo,  
como se tivesse sido carbonizado pela paixão.’  
[Com a brasa dos lábios da rapariga

<sup>206</sup> Cf. o singular δακτύλῳ Bo<sup>2</sup>.

<sup>207</sup> P *ad marg.*] Sinais.

<sup>208</sup> 15 Bo<sup>2</sup> *om.* MPBo<sup>1</sup>.

extingue a brasa do seu coração’].<sup>209</sup>  
Com dificuldade, disse isto a Cáricles:  
«Tu, Cáricles, pareces estar ao meu lado.  
És tu mesmo que agora estás perto de Drosila,  
ou a imagem da tua aparição<sup>210</sup> pretende zombar de mim?  
Mergulha o teu lábio no meu lábio; estende os dedos;  
toca o meu pescoço e o meu maxilar.  
Cáricles, permite-me retribuir o amor daquele que me ama.  
Não querendo tu, do fundo da tua alma, amar-me,  
considero que possuo apenas metade da vida que desejava.<sup>211</sup>  
Como pode ser bom lamentar a amada?  
Põe um ninho num ramo  
que não consiga alcançar facilmente  
nem um pássaro alado nem uma serpente rastejante.  
Fica envergonhado ao ouvir aquela que te amou primeiramente;  
não me coloques em segundo lugar, depois de Crisila,  
não prefiras uma velha a uma rapariga!  
Aprende que Eros, o fulminador, é alado —<sup>212</sup>  
como poderia uma mulher passada do seu primor  
cativar um arqueiro alado?»  
Cáricles falou assim, brincando um pouco,  
e não prevendo nem antevendo o futuro,  
pois o que Drosila estava a revelar —  
a terrível paixão de Crisila por si, desconhecia.  
«Que ridicularias tu inventas!<sup>213</sup>  
Porém, não ignoro, sendo experiente na paixão,

<sup>209</sup> 26-27 Bo<sup>2</sup> *om.* MPBo<sup>1</sup>.

<sup>210</sup> Pondere-se o fenómeno de *poltergeist*, com aparições, εἰδωλα, φάσμα, φάντασμα (vd. latim *effigies*, *simulacrum*, *imago*), no âmbito das culturas da Antiguidade Clássica, tomando por base o dualismo ontológico do ser humano e a sobrevivência da alma (cf. Pl. *Men.* 81b). A literatura conserva notícias de diversos tipos de aparições de divindades, humanos e animais, acentuadas com a paradoxografia, retratando ressurgimentos, oráculos, sonhos.

<sup>211</sup> Cf. Theoc. 29.5.

<sup>212</sup> P *ad marg.*] Sazão.

<sup>213</sup> P *ad marg.*] Censura falaz V *ad marg.*] Havendo zombado com sinais.

quão ciumento o gênero feminino:<sup>214</sup>  
sabe criar argumentos fictícios,<sup>215</sup>  
pressuposições inventadas na sua mente,  
que se habitua a ver sempre como determinações,  
pois julga-as com fundamentos reais.  
Mas, quando desdenhado, também suporto o que tem de ser suportado,  
desprezando prudentemente as demais mulheres.  
Desejo uma única: és dona de toda a minha vida.»

Drosila, contudo, respondeu: «Sim, Cárcles,<sup>216</sup>  
poderia concordar plenamente com os teus argumentos,  
se Crisila o seu esposo Crátilo não  
se apressasse a matar com venenos,  
uma vez que está apaixonada – Oh! Oh! – pelo belo Cárcles».

«Ai de mim! – interrompeu Cárcles –  
Drosila, o que estás a dizer? – prosseguiu de imediato –  
afirmas algo que é uma mistura de prazer e de lágrimas.  
Matar o tirano Crátilo seria  
uma benesse para nós, desafortunadamente escravizados:  
talvez libertássemos os pescoços do jugo,  
pois temos pouca consideração por Clínias.  
Mas que a enrugada Crisila  
agora sinta uma pungente paixão por Cárcles,  
não parece abominável?! Não, por Témis,<sup>217</sup>  
não, não, pela fornalha de Eros,  
não hás de unir-te ao meu coração, velha miserável,  
mar pungente, turvo, selvagem.<sup>218</sup>  
O teu beijo é um completo castigo, mulher;  
os teus lábios são rígidos, a tua boca, seca;  
o tempo impeliu as tuas mandíbulas;

---

<sup>214</sup> Cf. E. *Ph.* 206.

<sup>215</sup> P *ad marg.*] Máxima.

<sup>216</sup> V *ad marg.*] Explicação do amor de Crisila para Cárcles.

<sup>217</sup> Vd. Témis: Θέμις, 'o estabelecido, lei'.

<sup>218</sup> Cf. Pl. *As.* 1.2.8.

já possuis olhos ofuscados, apesar da carregada maquiagem púrpura;<sup>219</sup>  
com efeito, és pálida, ainda que com uma espessa quantidade de urzela.  
E mesmo que mais bela do que Ártemis<sup>220</sup>  
Crisila se torne, novamente, ainda que agora seja miserável,  
Drosila, onde os seus dizeres juramentados  
Cáricles porá, uma vez unido à bárbara?  
Morre, tirania! Desaparece, satrapia!  
Riqueza, afasta-te de Cáricles!  
Não irei preferir a fama à castidade.  
Fui ligado a Drosila pelo desejo.  
Que eu não fique privado de ti, donzela!  
Garboso descendente de Zeus,<sup>221</sup> vês?  
Tu prometeste-me casamento com Drosila,  
e agora uma mulher velha bárbara e selvagem  
procura separar Cáricles dela.  
Vês a angústia que ela traz, vês a doença.  
Mata Crátilo e Clínias –  
Sim – e tu própria também, senhora Crisila.  
Assim agradecerás o teu servo Cáricles,  
assim alegrarás a tua serva Drosila.  
Que isso então fique a cargo dos deuses, ó donzela;  
mas quanto à paixão do dominante Clínias,  
tendo em conta a nossa Sorte terrível, onde iremos colocá-la?  
Fala um pouco, pois fui enviado sozinho  
para unir-vos e preparar tudo.»  
Perante isso, a rapariga, chorou um pouco  
e afirmou: «Zeus Olímpico, governante dos céus,<sup>222</sup>  
porque admities que eu ainda viva na miséria,  
exilada, afastada de casa, uma estrangeira?

<sup>219</sup> Cf. Pl. *Most.* sc. 3. e o uso de cosméticos por Filemácio. Acerca do início do uso feminino de cosméticos, vd. Pandora, a partir da terra (Palaeph. 34. Cf. Ar. *Ec.* 878, 929; *Lys.* 1.24).

<sup>220</sup> Vd. deusa virgem Ártemis, associada a atividades venatórias, cuja contemplação insolente desencadeou castigos preservados na tradição mitológica (e.g. Actéon da Beócia, Cálidon, cretense Siproites).

<sup>221</sup> Dioniso.

<sup>222</sup> P *ad marg.*] Treno de Drosila,

Por que razão a boca do mar não me engoliu?  
Por que razão a espada bárbara não me matou?  
[Uma vez que desejas que eu viva de modo desafortunado,]<sup>223</sup>  
Por que razão não me transformas em pedra?  
Por que razão não me dás asas,  
como as filhas do ático Pandíon?<sup>224</sup>  
Por que razão um leão forte e corajoso,  
saído da mata, não me despedaçou num ápice,  
quando para bosques e precipícios  
fugia da insolência pirata?  
Como teria sido melhor, ó deuses, que, havendo morrido então,  
tivesse encontrado libertação dos sofrimentos,  
do que viver perpetuamente em tormento, na terra de bárbaros.  
como escrava, humilde, prisioneira, miserável!  
Mas, desejado olho e caro semblante,  
tudo isso é muito agradável. Não chores por mim.»  
(De facto, tendo sabido<sup>225</sup> que sofrera isso devido a ele,  
envergonhado, derramava uma lágrima)  
- afirmou Drosila. E Cáricles respondeu,  
olhando para os ninhos das andorinhas:  
«Tu, após chegares, nos dias de primavera,  
bela andorinha,<sup>226</sup> com um chilreio pródigo,  
construíste um ninho para dois filhotes;  
ao chegar o inverno, foges.  
Mas o alado, o arqueiro Eros  
encontra-se sempre a tecer um ninho na minha alma.  
Um desejo gera uma plumagem densa;  
outro, todavia, ainda não incubou;  
e um outro está a sair da casca.  
Contudo, no interior do meu coração sempre sofredor,  
ressoa o grito proferido pelas crias,<sup>227</sup> pois

<sup>223</sup> 113 Bo<sup>2</sup> *om.* PBo<sup>1</sup>.

<sup>224</sup> Vd. Procne e Filomela, respetivamente metamorfoseadas em rouxinol e andorinha. Cf. Apollod. 3.14.8.

<sup>225</sup> Reporte-se 'Cáricles'.

<sup>226</sup> Paráfrase de *Anacreont.* 25 West: 131–145.

<sup>227</sup> Cf. Ach.Tat. 4.19.

porque já estão criadas, geram-se outras novas,  
no coração. Que solução poderá existir para mim?  
Na realidade, não tem força para jovens Eroles<sup>228</sup>  
estar sempre a gerar, inflamar, trazer, fazer crescer.  
É terrível amar, mas não amar, mais ainda  
– considero mais doloroso do que todos os males<sup>229</sup>  
que aqueles que amam não consigam ser bem sucedidos com facilidade.  
A Natureza proporcionou aos touros chifres;<sup>230</sup>  
aos cavalos, cascos; a ligeireza de patas  
a miseráveis lebres; à manada de leões,  
uma afiadíssima agonia das garras;  
ao mudo cardume dos peixes, a natação;  
aos pássaros, o voo; à humanidade, inteligência;  
a Drosila, não dispondo de mais,  
deu beleza, em vez de qualquer escudo,  
em vez de flechas, em vez de muitas lanças,  
e drasticamente acendeu um fogo voraz  
que vence o ferro<sup>231</sup> bem afiado.  
Drosila, ao dominador Clínias  
prometi um casamento próspero contigo,  
não porque tencionasse isso (que tal não aconteça!),<sup>232</sup>  
mas para facultar ao furioso coração bárbaro  
algum tempo para descansar,  
e a nós, alguma forma de pensar no melhor a fazer.  
Mas agora, é altura de considerar  
como é que o amor de Crisila e do seu filho Clínias  
podemos extinguir.»  
Ocupados assim com isso

<sup>228</sup> Cf. vários *Eroles* assistentes de Afrodite (Corn. 25). Tradicionalmente, é possível considerar três fases distintas na abordagem de Eros: primeiramente, princípio cosmogónico; outrossim, a mais jovem das divindades (e.g. Cic. *N.D.* 3.23); por último, deidade juvenil alada, arqueira, retratada na época alexandrina por epigramatistas e poetas eróticos.

<sup>229</sup> Vd. *Anacreonte* 29.1–2 West.

<sup>230</sup> Paráfrase de *Anacreont.* 24 West: 149–159.

<sup>231</sup> Vd. *Ov. Rem.* 229.

<sup>232</sup> Vd. *A. Th.* 158.

(o casto amor era uma condição comum a ambos)  
Cáricles e a donzela Drosila,  
eis que um clamor ruidoso se espalhou:  
que Crátilo padecera, em virtude de uma doença repentina.  
Então eles, separando-se um do outro,  
voltaram para os seus senhores  
a fim de saber o que havia acontecido, e comportando-se de modo pesaroso.  
Os subordinados, de imediato, acorreram em conjunto  
(homens, mulheres, sátrapas e bárbaros)  
e em simultâneo ao local onde jazia Crátilo, diante de todos.  
Crisila lamentou no meio de todos,  
preocupada com o seu marido,  
mas, na verdade, ao ver Cáricles:  
“Tu partes antes da tua esposa e do teu filho,  
miseravelmente abandonados, Crátilo, meu marido.  
Não foi a mão do chefe sátrapa que te matou,  
a empunhar uma adaga, em tempo de batalha,  
[nem outro inimigo foi capaz de agir contra ti,]<sup>233</sup>  
mas a providência dos deuses do Olimpo,  
que te enviou para a fria morada de Plutão!  
Quem sucederá ao teu governo?  
Quem será senhor de mim, Crisila?  
Quem demonstrará afeição paterna  
àqueles do teu âmago: à tua Crisila e ao teu filho Clínias?’  
[Havendo o governador Crátilo morrido,  
recebeu todas as honras fúnebres, conforme a lei bárbara].<sup>234</sup>  
Após proferir essas palavras de forma lamentosa, destinada a Cáricles,  
envia<sup>235</sup> uma mensagem cheia de amargor  
para os jovens Cáricles e Drosila:  
‘Sei (digo a verdade) que és capaz de mover  
até estátuas de bronze, Cáricles.  
[até estátuas de bronze de donzelas

---

<sup>233</sup> 187 Bo<sup>2</sup> *om.* MPBo<sup>1</sup>.

<sup>234</sup> 196-197 *add.* ULBo<sup>2</sup>.

<sup>235</sup> Reporte-se a ‘Crisila’.



em direção ao amor inevitável, miserável Cáricles].<sup>236</sup>  
Mas quanto aos mortos, considera como são desesperançados:  
há esperança entre os vivos, mas não entre os mortos.<sup>237</sup>  
Sirene<sup>238</sup> doce como o mel, encanta o viajante,  
petrificando mortais e vivificando rochas;  
rochas também cantam ao som dos teus pés.<sup>239</sup>  
Ó estrela brilhante, brilha de igual modo sobre mim, estrangeira.  
Canta,<sup>240</sup> andorinha; entoia uma melodia encantadora;  
pois as próprias Musas derramam néctar sobre ti  
e adoçam a tua boca melosa.  
Mas o que é isso para mim? Aprende o meu propósito.  
A seca é nociva para o rio e a neve para a árvore,  
o laço, para os pardais, a doença para o corpo,<sup>241</sup>  
e para as mulheres o amor por rapazes.<sup>242</sup>  
Por que razão, quando te olho com genuíno prazer,  
tu ergues as sobrancelhas e respondes com olhar selvagem?  
A cigarra é querida para as cigarras, o pastor para pastores,  
a formiga para formigas;<sup>243</sup> mas para mim apenas existes tu.<sup>244</sup>  
Porém, Eros é cego, e não apenas Plutão.<sup>245</sup>  
O lobo persegue a ovelha; a cabra, erva verde;  
os cães, lebres; o urso selvagem, o cordeiro;  
o falcão de garra curvada, os filhotes dos pardais;  
Eu aumento a minha afeição por ti apenas.  
Mas tu continuas a ser sempre indolente para mim,<sup>246</sup> ainda agora.  
Embora conquistado, não pensas como as rãs,  
pois aquelas que ficam a olhar boquiabertas para a água, não

<sup>236</sup> 200-201 Bo<sup>2</sup>.

<sup>237</sup> Vd. Theoc. 42.

<sup>238</sup> Cf. *Od.* 12.41–45, Heraclit. 14, Ps.-Plut. 147.

<sup>239</sup> Cf. Theoc. 7.25–26.

<sup>240</sup> 200 Ἀσὸν Bo<sup>1</sup>] 208 *corr.* Ἀσὸν Bo<sup>2</sup>.

<sup>241</sup> P *ad marg.*] Sinais.

<sup>242</sup> Vd. 204-206: Theoc. 8.57-59.

<sup>243</sup> Cf. Theoc. 9.30–31.

<sup>244</sup> Entenda-se ‘Cáricles’.

<sup>245</sup> Cf. Theoc. 10.19–20.

<sup>246</sup> Plural majestático, no original grego.

sentem aversão nem rancor; nem tu deverias:  
Não há nenhuma boa razão para temer, Cáricles,  
já que, como vês, o meu marido morreu.  
Então, faz uso das minhas coisas e da sua dona;  
governa; exerce uma autoridade de sátrapa; obtém grande honra;  
em vez de cativo, torna-te senhor de todos  
os meus<sup>247</sup> bens, da minha propriedade.  
Pela tua irmã donzela, Drosila,  
olha, livre de mim e a governar contigo,  
casada com qualquer sátrapa que ela queira.  
Quem não iria decidir-se por aceitar tal bem-aventurança comigo?!  
Recebe isso e, em retorno, promete-me casamento,<sup>248</sup>  
Cáricles, meu marido, meu glorioso noivo.’  
Afirmou isso e, de bom grado, Drosila  
(pois também utilizava a donzela como mensageira)  
toma nos braços e refere: «Sê minha  
ajudante no casamento com Cáricles,  
que amo mais do que todas as mulheres;  
já que das promessas de presentes confiáveis  
tiveste conhecimento – que necessidade tenho eu de mais argumentos?»  
Ao ouvir esses amargos argumentos,  
um furacão, um raio incinerou a donzela;  
[Ela ficou, então, dividida numa luta apaixonada com dois pensamentos opostos.]<sup>249</sup>  
dividiu-se numa dupla via de pensamentos:  
‘Referir o objetivo da bárbara  
a Cáricles não quero agora – afirma;  
se digo, ele não aguentará.  
Todavia, é um pretexto para encontrar Cáricles;  
irei de boa vontade ao seu encontro.’  
Então vai até Cáricles,  
já o com o sol inclinado para o ocaso,  
pois Crátilo, pelos seus comandantes

<sup>247</sup> Vd. Buckler, 1936.

<sup>248</sup> Cf. 238 Bo<sup>2</sup>: indicação numérica de verso errática e numeração a partir de 240 Bo<sup>2</sup>, deficitária.

<sup>249</sup> 250-251 Bo<sup>2</sup>.

em conjunto, fora enterrado, segundo o costume dos bárbaros.<sup>250</sup>

Falou e reportou, expressando dor,  
despedaçando ao meio a alma de Cáricles  
com a espada mental de notícias difíceis de lidar.  
Dizia: «Ai de mim, pelo dia que se apresenta!  
Oh, doce luz! Oh, donzela Drosila!  
Que som amargo me trouxeste, ao revelar-me a mensagem!  
Ah! Ah! Andorinha de apenas doce som,  
amarguraste a minha alma com as tuas palavras,  
boca melosa e dourada de discurso sutil.»

«Ah! Ah! Cáricles, a Fortuna dos homens,  
pressiona-me com grandes cuidados!  
Oh! Qual será dos nossos perigos  
e angústias multifacetadas o fim?  
Qual dos deuses e em que altura  
trará o termo das nossas desventuras?  
Até quando continuarás, Fortuna enfurecida,  
a mover expedientes multiformes contra nós  
e a subjugar-nos com sucessivos sofrimentos?».  
Lamentando assim grandemente em conjunto,  
somente passaram duas vezes nove dias,  
desde o passamento do bárbaro Crátilo,  
e o sátrapa do governante árabe Cagos  
envia uma carta a Crisila a requerer escravidão.  
Crisila ouviu e ficou prostrada  
ao ver Mongo (este era o sátrapa).  
Assolada com a visão do sátrapa,  
ficou perturbada; o seu filho Clínias  
chama para junto de si e pega na carta,  
que possuía no seu interior as seguintes palavras:  
‘Eu, Cagos, trigrandioso governante dos árabes,  
exijo tributos e ordeno tomá-los  
de Crisila, esposa do senhor parta

---

<sup>250</sup> 260 ULBo<sup>2</sup>] como referi, foi enterrado pelo contingente geral, segundo o costume dos bárbaros.

e da filarquia parta sujeita a ela.  
Escolhe, então, um de dois caminhos:  
ou fazer parte daqueles que ao senhor Cagos  
prestam serviço com tributos anuais  
e rapidamente ganhar a minha  
boa vontade imediata, caso me obedechas,  
ou ver o exército de Cagos  
a pisar-vos, uma vez que não obedeceram.’  
Quando Clínias ouviu estas palavras  
(ele era, de facto, um indivíduo ousado e de vigor bélico),  
rasgou essa carta ao meio  
e Mongo, sátrapa de Cagos,  
com agressividade, convenceu a regressar.  
Ao chegar à pátria, contou tudo isso  
o sátrapa Mongo ao seu governante Cagos  
e o relato encheu Cagos de ira.  
Tendo-se reunindo os comandantes rapidamente,  
foram incitados para a ofensiva  
pelas ordens do seu governante Cagos.  
Este posicionou-se a cavalo no meio do exército  
de infantaria, disposto num amplo círculo,  
cheio de orgulho e arrogância,  
certo de que iria erguer um grande troféu.  
Trazia, no seu lado esquerdo, um escudo de ouro,  
que envergava com um porte digno de um general,  
qual Héracles a matar a Hidra de Lerna,<sup>251</sup>  
incitando o espírito e a mente para a luta  
– era adequado (como era adequado!) que um artista gráfico  
retratasse no escudo desse homem bem armado  
o maior feito do vigoroso Héracles.  
Tal foi a forma como o brilhante cavaleiro Cagos aí se postou,  
equipado com arco, aljava e espada,  
afirmando: «Generais e comandantes das falanges,  
que se alegram com os ritos dos feitos de Ares,

---

<sup>251</sup> Segundo dos doze trabalhos tradicionalmente reportados a Héracles. Cf. *Il.* 18.478–608; *Palaeph. PA*; *Apollod.* 2.5.2; *Corn.* 31; *Ant. Lib.* 30.

o vosso colega general Mongo, por ordem minha,  
foi enviado ontem àquela ninharia parta,  
que agora é possuída pelo filho Clínias,  
juntamente com a sua progenitora Crisila,  
exigindo tributos e ordenando de imediato  
os partas a prestar serviço aos árabes.  
Todavia, não foi permitido que permanecesse nem por um curto período de tempo,  
nem na presença de Crisila, nem na presença de Clínias,  
mas foi antes mandado embora com insolência.  
– Cagos levanta-se, proferindo – De resto, o que tendes a dizer,  
congregação de prazerosos lutadores e portadores de espadas?»

«Abençoado governante – afirmaram os comandantes –,  
por cujo poder estremecem, outrossim, os confins da terra,  
todos os exércitos, todos os reinos bárbaros  
e líderes sátrapas dos governantes persas,  
bem como todo o inimigo, todo o governante, todo o sátrapa,  
seria a nossa ruína e motivo de muita chacota,  
para os que estão longe de nós, os que estão em redor e os que estão próximo,  
sermos menosprezados pelo governo parta,  
quando nem sequer precisamos da tua presença  
para pô-los em fuga, com a cooperação dos deuses.  
Agora, por nossa conta, devemos fazer uma expedição  
para atacar a propriedade do inimigo,<sup>252</sup>  
estando nós comprometidos com o teu muito grande poder.  
Não é contra esses camponeses armados,  
a viverem à maneira de piratas, a partir do espólio,  
que o teu poder absolutamente aterrorizante deverá pôr-se em movimento.»

«Louvo-vos pela vossa vasta virilidade –  
retorquiu Cagos, governante dos árabes –,  
raça companheira litigante, portadora de escudos,  
autóctones de uma próspera terra criadora de cavalos.  
Apesar disso, na realidade, Epaminondas,<sup>253</sup> varão nobre,  
ao ver um exército repleto de muita coragem

---

<sup>252</sup> 339-340 Bo<sup>1</sup>] 349-350 Bo<sup>2</sup>.

mas sem um comandante,  
disse: ‘É uma grande fera, mas não tem cabeça’.<sup>254</sup>  
Por conseguinte, é apropriado que eu parta convosco,  
meus companheiros guerreiros e caros compatriotas».   
Assim afirmou o governante dos árabes  
e inspecionou o seu exército.  
Todos os homens do contingente árabe  
aclamaram os discursos do soberano,  
mas permaneciam ainda sem montar,  
ao som e ruído da salpinge de boca de bronze,  
treinando os cavalos, limpando os capacetes  
e exercitando os dedos para o combate.  
O comandante acenou a cabeça para que as salpinges ressoassem de seguida;  
todo o exército dos árabes cavalgou  
e à miserável pátria de Pártia,  
no oitavo dia chegaram.  
No meio da planície,  
próximo da corrente do rio Saro.<sup>255</sup>  
A hostil filarquia parta  
não tinha confiança nenhuma numa batalha em campo aberto com os árabes,  
considerando a presença da grande cavalaria do sátrapa.  
Então, fechando os portões com habilidade,  
cobriu as paredes com pedras menhires,  
e máquinas de arremesso de pedras com quatro cestos;  
posicionou os lançadores  
(homens armados atiradores de pedras com boa pontaria),  
arqueiros, fundeiros, hoplitas;  
ergueu torres de madeira firmes;  
amarrrou com um entrelaçado de vimes as  
torres; suspendeu das paredes  
estruturas como baluartes de proteção;<sup>256</sup>

---

<sup>253</sup> Epaminondas, séc. V-IV a.C., general tebano, modelo para generais, como Filopómenes, séc. III/II a.C. Vd. Plu. *Phil.*; Paus. 8.49.3.

<sup>254</sup> Cf. máxima tradicional.

<sup>255</sup> Vd. percurso através de Tauro e Cilícia, rumo ao Mediterrâneo.

<sup>256</sup> 390 Bo<sup>2</sup> ordenação vocabular distinta.

fortificou com elas toda a cidade,  
contra o combate árabe deveras invasivo.  
Mas avançaram rapidamente contra eles as miríades  
de falanges árabes portadoras de escudos  
e pilharam com violência os lugares em toda a volta.  
Alguns dos fortes cederam à conquista;  
mas outros não conseguiam capturar de imediato com as suas armas.  
A terra circundante e os habitantes camponeses  
escravizavam, incineravam, arrasavam com fogo.  
Assim, muita chacina de homens difícil de contar  
os árabes causaram, com as suas grandes lanças.  
Porém, no dia seguinte, máquinas de boca de bronze  
posicionaram perto e diante dos próprios portões;  
formaram uma grande parede de vimes  
e criaram um abrigo contra as máquinas de lançamento de pedras,  
pondo fim às descargas partas de pedra.  
Os árabes atiravam pedras contra a muralha;  
os arqueiros acertavam neles<sup>257</sup> com precisão;  
os atingidos caíam das muralhas,  
com os seus arcos e as suas pedras.  
Nessa altura, atiravam-se pedras às fortificações,  
golpeavam e despedaçavam-nas com precisão.  
Contudo, um doloso esquema noturno é empregado  
pelos partos, contra os equipamentos dos árabes  
(a filarquia parta é terrível  
a inventar meios e fornecer dolos,  
através dos quais põe os inimigos em fuga).  
Posicionados no alto e a olhar para baixo,  
para apontarem com sucesso os dardos na direção dos vimes  
usados na proteção dos árabes,  
atiram ferro quente  
e queimam todas as máquinas dos árabes.  
Como as folhas dos vimes estavam secas  
e fáceis de queimar, logo que se ateasse o fogo,  
foram postas a arder e uma organização incendiaram facilmente

---

<sup>257</sup> Entenda-se ‘nos partas’.

todo o painel de equipamentos defensivos.  
Então, sons e toques de címbalos  
ressoaram, na sequência do júbilo dos partas.  
Porém, chegado o terceiro dia da expedição,  
os árabes equiparam-se e, enfurecidos,  
cercaram a cidade inteira com armamento.  
Havendo deflagrado uma luta muito violenta,  
a fortificação parta foi capturada.  
Aí, Ares com dente de bronze,  
entre partas e guerreiros árabes  
tendo estado, não encontrou nenhuma falha enquanto a batalha se travava.  
Crisila, quando Clínias tombou  
(de facto, também foi morto no fulgor do conflito),  
agarrou uma adaga bem afiada  
e, enfiando no seu próprio coração,  
desafortunadamente expele a alma junto com ele.<sup>258</sup>  
Drosila, contudo, embora no âmago do massacre  
(as espadas, na realidade, enfraquecem diante da beleza)<sup>259</sup>  
e no meio de espadas, permaneceu sem ferimentos.  
Todavia, quanto à maioria daqueles que estavam refugiados no interior,  
o seu corpo recebeu o punhal.<sup>260</sup>  
Sobre a hostil filarquia parta  
prevaleceu a ruína completa.  
Mas Cáricles, a rapariga Drosila  
e, com eles, o estrangeiro Cleandro  
ficaram juntos com correntes, de facto indissolúveis,  
havendo escapado da adaga árabe,  
e safa! Os três foram condenados pela terceira vez  
a partilhar de novo um terceiro cativo.<sup>261</sup>

---

<sup>258</sup> Entenda-se 'com Clínias'.

<sup>259</sup> P *ad marg.*] Máxima. Vd. E. Or. 1287.

<sup>260</sup> Vd. Lc. 21:24.

<sup>261</sup> Cativos alegados: de Eros/Amor; dos partos; dos árabes. *Topos* também aplicado no romance de Macrembolites.



SEXTO LIBELO

[Retorno de Cagos – 1-7. Drosila cai ao mar, sem que Cárcles se apercebesse, mas com o testemunho de uma criança – 8-30. Lamentos de Cárcles – 31-92. Cagos ouve Cárcles e Cleandro – 93-134. Libertação – 135-172. Procura por Drosila – 173-177. Drosila: salvação e dor – 178-230, 299-322; sonho – 239-241. Receção oferecida por Marilis – 231-238. Estalagem de Xenócrates – 242-257. Encontro com Calidemo – 258-295; paixão, com incentivo inicial de Marilis – 323-601. Cárcles no interior da estalagem – 296-298. Regresso de todos aos respectivos lares – 602-606. Cárcles: meditações e sonho – 607-626.]

Então, Cagos, poderosíssimo governante dos árabes,  
com misericórdia, de imediato, as mulheres  
e toda a propriedade móvel  
ordenou que colocassem nas carruagens.  
Separando, todavia, os homens cativos das mulheres,  
ordena que prossigam a pé sozinhos.  
Além disso, retirou-se rapidamente para a sua pátria.  
E, indo por uma zona escarpada,  
densamente coberta por muita floresta,  
um ramo, enredando-se no braço de Drosila,  
empurrando-a com facilidade da carruagem,  
impulsionou-a para a frente desde o meio do seu assento.  
A ela, a onda selvagem do mar  
primeiramente atira contra as rochas da costa.  
– O mar em torno do sopé das montanhas  
não tinha areia espalhada pela costa,  
mas rochas negras proeminentes e fendas profundas. –  
Todavia, um pouco depois, agarrou-se a  
uma casca grande de carvalho preservada,  
através da qual chegou a uma terra silenciosa,  
flutuando, livre de perigo até ao anoitecer.  
Isso passou despercebido a Cárcles.  
Devido à madeira densa, observar não  
pôde que Drosila caíra do assento,  
caso contrário, ter-se-ia prontamente lançado  
e juntar-se-ia a ela, nas profundezas do mar.  
Mas uma pequena criança de coração meigo,  
sentada sozinha com Drosila,

na mesma carruagem, gritou,  
ao ver que ela caíra para as profundezas do mar.  
Terminado o dia, através dessa criança, Cáricles  
ficou a saber da queda de Drosila.  
O seu coração ficou despedaçado até o âmago.  
Gritava: ‘Oh, desastre! Oh, pungente do coração!  
Ai, desgraçado de ti, miserando Cáricles!  
Estavas também destinada, depois de tão grandes andanças,  
Fortuna dolorosa, hostil e vingativa,  
depois de prisões e cativos,  
depois de variados perigos do mar,  
depois do derrame de tantas lágrimas,  
depois da horrível crueldade pirata,  
depois do jugo servil a seguir a uma súbita guerra,  
a lançares-me um infortúnio ainda mais pesado,  
que Cáricles não consegue suportar?  
Estavas destinada, Oh! Oh! também a dilacerar por fim  
a nossa inseparável união,  
a perfeita harmonia?  
Adicionaste fogo ao fogo, chama à chama,<sup>262</sup>  
entregando a rapariga às profundezas do mar  
e preservando-me a mim, Cáricles, entre os vivos.  
Não é hesitação, nem demora, nem frouxidão  
morrer afortunadamente com Drosila;  
então, por que motivo, furiosa comigo, privaste  
o desafortunado Cáricles dessa benesse?  
Gostaria de ver ou Drosila enquanto vive,  
ou nem sequer a mim mesmo, na ausência da rapariga.<sup>263</sup>  
Oh, donzela, única para mim na vida!  
Meu olho, luz, respiração e coração,  
apagaste-te, afogaste-te, cessaste, arrefeceste subitamente!  
Como era há pouco afortunado, donzela,<sup>264</sup>

---

<sup>262</sup> Cf. Diogenian. 6.71.

<sup>263</sup> 56 ULBo<sup>2</sup>] ou nem sequer a mim mesmo, havendo ela morrido.

<sup>264</sup> Mais condicente com a tradução, 60 Bo<sup>2</sup> substitui o nominativo παρθένος por vocativo, παρθένε.

quando partilhavas da minha boa disposição!  
Fugindo do sol, como um viajante  
para a sombra, caía nos teus braços,<sup>265</sup>  
lindo plátano dourado, do desalento  
evitando o calor e o peso da dor.  
Jazes uma árvore jovem e grande,<sup>266</sup>  
só que já seca e morta, não vivendo mais,  
vista misericordiosa para aqueles que estão por perto,  
se alguma vez o vaivém das ondas do mar  
te lançar para fora; porém, vejo que repousas;  
mas de ora em diante eu verto dilúvios de lágrimas.  
Questiono-me – o assunto deixa-me surpreendido:  
Árvore, como secaste no meio de águas?!  
[Como desvaneceste, rosa de odor adocicado?]<sup>267</sup>  
Se antes de ti – Oh! – partisse, afastando-me dos mortais,  
qu~~is~~á, ao ~~morrer~~ viveria, mesmo que não houvesse nenhuma necessidade de viver.  
Não é sequer suportável em parte  
uma ausência da donzela, que presentemente é minha companheira no respirar.  
Ah! Ah! Precedeste-me e desejo acompanhar-te.  
Ai de mim! Foste levada de mim dolorosamente,  
como um ramo arrancado a força do seu galho congênito.  
Oh! Caras união e ligação natural,<sup>268</sup>  
conjugação de duas almas e harmonia,  
um espírito, uma mente, uma razão e um intelecto,  
um pensamento sempre em dois corações!  
Que tipo de boca natatória te enclausurou?  
Que tipo de criatura marinha te sorveu?  
[Que cardume de peixes te engoliu?]<sup>269</sup>  
Encontraste talvez no mar o fim da vida,  
ou qu~~is~~á um penhasco escureceu as tuas pupilas, rapariga,  
e jazes como um cadáver, exposta às feras

<sup>265</sup> Cf. Theoc. 12.8–9.

<sup>266</sup> V *ad marg.*] Jovem e vasto.

<sup>267</sup> 74 Bo<sup>2</sup> *om.* MPBo<sup>1</sup>.

<sup>268</sup> P *ad marg.*] Sazão.

<sup>269</sup> 88 Bo<sup>2</sup> *om.* MPBo<sup>1</sup>.

e a ser objeto de piedade, em virtude de tua desafortunada vida?  
Oh! Onde estás agora? Não tenho força para correr,  
nem para procurar-te, donzela, uma vez que estou preso por correntes.’  
Ao ouvir essas palavras, Cagos –  
pois o sono ainda não se tinha apropriado das suas pupilas –  
chamou Cáricles para que viesse a sua presença,  
já que se tinha aplacado por misericórdia e estava a sofrer no seu coração.  
Ele<sup>270</sup> ouviu e veio vestido de luto.  
Cagos disse: «Quem és? De onde vens? Porque choras?»  
Cáricles afirmou: «Sou prisioneiro de Crátilo,  
agora teu escravo; a minha pátria é Ftia;  
lamento-me pela minha irmã, de quem fiquei privado,  
quando caiu – Oh! – na água do mar.  
Odeio a vida, não desejo mais olhar a luz.»

«Não sendo um parta, mas de pátria Ftia,  
- afirmou Cagos -, como é que Crátilo te conquistou?»

«Os meus familiares, para o solo da Cária, a mim,<sup>271</sup>  
juntamente com Drosila – disse ele<sup>272</sup> –, atraíram com os seus argumentos.  
Ao navegarmos na sua direção, com um navio mercante  
no comando de uma frota pirata – Oh! – deparamo-nos,  
eu e também Cleandro, companheiros de escravidão,  
bem como a minha irmã Drosila, conforme referi.  
Escapamos deles com dificuldade, o navio  
nosso habilmente desviando para o largo,  
e, contra nossa vontade, fomos em direção à cidade de Barzos.  
A hostil expedição parta  
deteve-nos pela lei de cativo,  
e até à tua chegada afortunada,  
submetendo os nossos pescoços ao jugo  
suportávamos sucessivos agravos.  
De facto, o assunto não nos afligia assim tanto,

---

<sup>270</sup> Entenda-se apesar de ‘Cáricles’.

<sup>271</sup> 106-107 Bo<sup>1</sup>] 109-108 Bo<sup>2</sup>.

<sup>272</sup> Entenda-se ‘Cáricles’

vendo-nos conquistados com violência,  
comparado àquilo que sofrermos por causa de Drosila,  
que era mulher, jovem e donzela.  
E agora, por causa dela, odiamos ver a luz,  
abominamos, lamentando e deplorando.»

«Falaste bem! – retorquiu Cagos –  
Mas onde está esse Cleandro? Que venha rapidamente!»  
Ele<sup>273</sup> apresentou-se de imediato, cheio de lágrimas,  
pois como se fosse seu o muito pungente  
desastre de Cáricles considerava.  
Uma alma que tem a sua própria dor<sup>274</sup>  
está pronta a chorar,  
quando os outros estão a falar e a lamentar-se alto  
das suas próprias sortes deveras hostis.  
Observando os que sofriam, sentiu pena,  
chocado com a beleza que possuíam,  
pois os jovens tinham alguma parecença.  
Então, com simpatia,<sup>275</sup> proferiu estas palavras:  
«Visto que fostes anteriormente tomados pela mão de Crátilo,  
após escaparem, por pouco, da batalha marítima  
(visto que uma prisão, mesmo antes de Cagos,  
vos deteve como cativos miseráveis),  
e, em particular, porque tendes uma amizade mútua,  
ide livres, com votos de boa sorte.  
Que Cagos nunca se desvie para longe  
do padrão próprio da simpatia,  
que cativos, não tendo feito nada de errado,  
opondo-se ao poder dos árabes,  
estrangeiros, que há muito se mostraram desafortunados,  
continue a deter com pesadas correntes,  
transgredindo as leis da natureza.

---

<sup>273</sup> Entenda-se que 'Cleandro'.

<sup>274</sup> P *ad marg.*] Máxima.

<sup>275</sup> Vd. simpatia, no sentido de 'sofrer com', συμπάθεια: σύν, 'com' – πάθος, 'dor'.

Ofereço também uma mina de ouro<sup>276</sup>  
pela lamentada Drosila,  
que, se protegida pelos deuses entre os vivos,  
será um amuleto da brilhante sorte de Cagos.  
E preservai a sua liberdade  
caso os deuses desejem resgatá-la do mundo inferior.»  
Consequentemente, os estrangeiros Cáricles e Cleandro  
inclinaram os pescoços diante dos pés de Cagos  
e inundaram a terra com lágrimas.  
Com dificuldade, Cleandro levantou-se a certa altura, respondendo,  
uma vez que Cáricles ainda não parara com as lágrimas:  
«Que o próprio Zeus governante te conceda,  
Cagos, poderoso senhor dos árabes,  
todos os desígnios da tua alma,  
te dê um grande tempo de vida próspero  
e subjugue todo o inimigo ao teu poder.»  
A isso, Cáricles acrescentou o seguinte:  
«Que te alegres, Cagos, abençoado governante dos árabes,  
que a dor não se aposse do teu coração,  
já que, em troca, irmãos de tríplice sofrimento e de tríplice infortúnio  
agora libertaste, graças ao teu espírito salvador.»  
Então, soltos da Arábia,<sup>277</sup>  
ambos percorriam o caminho de volta,  
empreendendo uma busca muito diligente  
da donzela Drosila,  
que eles supunham já estar sem vida, em virtude da queda.  
Todavia, embora tivesse caído, foi salva  
e, uma vez três dias  
mais outros seis completados nas vastidões  
(não tinha força nenhuma para andar,  
devido à luxação dos membros e dos ossos  
causada pelos penhascos que suportou),

<sup>276</sup> Cf., por ordem de valia, da menor para a maior, consideravam-se as seguintes moedas: o dracma, a mina e o talento; 100 dracmas equivaleriam a 1 mina e 60 minas a 1 talento.

<sup>277</sup> Conta-se, a partir de 175-180 Bo<sup>2</sup>] numeração de versos errada, deficitária de 1 número. De ora em diante, todas as referências corrigem o lapso.

dispondo apenas de um único alimento – a verdura da terra  
[juntamente com frutos de árvores selvagens],<sup>278</sup>  
com dificuldade, ela conseguiu chegar a um local  
com abundância daquilo que é preciso para a vida.  
Ali, existia uma panóplia de sementes,  
[abundância de todos os tipos de guarnições],<sup>279</sup>  
mulheres, homens, crianças, em maior número do que as estrelas,  
e uma estalagem que acolhia bem os estrangeiros.  
Vendo a localidade de longe,  
tinha receio de aproximar-se sozinha.  
Não obstante, correu até aos limites do lugar  
e, com muito retraimento e covardia,  
refugiou-se dentro de uma casa sem telhado.  
Não comeu nada além de gemidos e dores;  
não bebeu nada, além do trago de lágrimas,  
pois, uma vez que a respeito de Cárcles e dos assuntos de Cárcles  
estava insciente, emitia um lamento horrível,  
julgando que morrera, quando fora capturado:  
‘Porém, eu, a três vezes amaldiçoada desde o próprio nascimento,  
Porém, eu, a que tem chorado múltiplas calamidades não saradas, permaneço.  
Repouso, a definhar e a gemer continuamente;  
pois o negro e odioso destino circundou-me e  
ainda não cessaram todos os dias de ira destrutiva.  
No entanto, aquele que a desafortunada anteriormente olhava e que trazia  
alívio para as preocupações decorrentes dos sofrimentos de amor;  
aquele que desejava incessantemente, Cárcles, repousa, necessariamente  
envolto nas negras nuvens da morte,  
jaz cadáver desesperançado para além do meu<sup>280</sup> olhar;  
a ele, ao que parece, privou de luz o odioso, sempre indestrutível  
Fado negro, causador de dor, por meio da espada árabe.  
Dos lábios encantadores, que muitas vezes beijeí,  
apossou-se um fogo atroz e queimou.  
Uma escuridão sempre lacrimejante cobriu os seus olhos brilhantes e radiosos.

<sup>278</sup> 188 Bo<sup>2</sup> *om.* MPBo<sup>1</sup>,

<sup>279</sup> 192 Bo<sup>2</sup> *om.* MPBo<sup>1</sup>.

<sup>280</sup> No original grego, plural majestático.

Um coágulo de sangue negro tingiu os cachos de cabelo estendidos.  
Ai de mim, desafortunada, sempre sofredora Drosila!  
Afastei-me dos meus pais de forma inesperada;  
atravessei a grande ondulação ruidosa do mar;  
fugi de piratas, percorrendo grandes montanhas;  
Ah! Ah! Lacrímosa, por causa do rapaz Cáricles,  
Vi o dia da escravidão; fui maltratada com violência,  
e o grilhão, objeto do ferreiro, subjugou-me;  
caí da carroça na montanha alta;  
aproximei-me da ondulação e de rochas costeiras  
da estéril profundidade, bem como de um agitado redemoinho  
– uma casca de carvalho por acaso estava ali e salvou-me.  
Ai de mim, lavada em lágrimas por causa de ti, Cáricles,  
que, quando anteriormente olhava, acabava o dia feliz!  
Contudo agora, estando ausente, sofro uma dor contínua,  
não desejando ver o sol, que é estrela portadora de luz.’  
Ao chorar assim, desde o fundo da sua alma,  
uma velha, de bom coração, apercebendo-se,  
veio, encontrou-a, viu-a, aproximou-se,  
lamentou, acariciou-a e abraçou-a.  
Levou-a para dentro da sua própria casa  
e permitiu-lhe que compartilhasse da sua alimentação.  
Comeu um pouco e foi dormir  
(de facto, a escuridão da noite já prevalecia).  
Após reclinar-se num leito estendido no chão,  
teve um sonho agradável e aproveitou até à saciedade  
o sono libertador da dor, fármaco que cessa o sofrimento.  
A luz surgiu e a escuridão desfez-se;  
ela levantou-se e referiu: «Velha, abençoada mãe,  
como estou grata pela hospitalidade  
e por esta poltrona aqui estendida,  
na qual me veio um doce sonho,  
a consolar o meu coração sofredor!  
Mas podes dizer-me se existe aqui um  
bom homem – o estalajadeiro Xenócrates?».



«Sim – diz a velha –. Mas porque é que queres saber isso?».

«Esclarece-me isso, continuo a pedir-te  
– disse Drosila –, pois também quero ver  
se o sonho que me surgiu me enganou.»  
A velha rendeu-se e, pegando na rapariga,  
levou-a à casa de Xenócrates.  
Posicionando-se à frente das portas da casa  
e tendo a donzela desejado esperar lá,  
chamou para vir até si Calidemo,  
o filho nascido de Xenócrates,  
fazendo sinal ao jovem com um aceno de mão.  
Ele saiu e perguntou à rapariga:  
«Quem és tu e de onde és? Quem são os teus pais e qual é a tua pátria?»  
De facto, ao vê-la, simultaneamente espantado  
e impressionado com a beleza que ela possuía ficou.  
Drosila prontamente respondeu:  
«Deixa-me em paz, Calidemo. Diz-me isto –  
se há aí dentro um jovem de terra estrangeira,  
chamado Cáricles, de aspecto nobre.»  
Mas ele, tendo-se apaixonado pela inigualável beleza,  
e guardando rancor por Cáricles, devido à rapariga,<sup>281</sup>  
causou incontáveis sofrimentos a Drosila  
e afirmava nem sequer conhecer o nome,  
nem se existia um Cáricles na vida.  
«Mas, Calidemo, porque é que com a espada não  
me atacas e destróis? Porque não me entregas ao mar?  
Porque não me matas, provando ser um assassino?  
– respondeu, com lamentos e lágrimas –  
Ao saudares-me agora com palavras amargas,  
instigas-me – Ai de mim! – uma destruição sem medida.»

«Rapariga, mesmo que tenhas perdido Cáricles,  
não sofras, não lamentos, não te abatas

---

<sup>281</sup> 274-275 Bo<sup>2</sup> *contr.* MPBo<sup>1</sup>] Mas ele, tendo-se apaixonado pela formosa donzela, | ficando completamente tomado pela incomparável beleza.

- retorquiu Calidemo, face a Drosila -,  
não prefiras a morte a viver.  
Muitos entre nós são mais fortes do que Cáricles,  
provocando ciúme às donzelas apaixonadas». <sup>282</sup>  
Assim falou ele. Porém, a donzela  
Drosila, sorrindo um pouco, diz  
(de fato, tornou-se hábito que, mesmo constrangida por sofrimentos, <sup>283</sup>  
uma pessoa pode ser muitas vezes vista inesperadamente a sorrir,  
como se sentindo alegria, e também a chorar):  
«De que forma jovens compatriotas da cidade,  
como, designadamente, Calidemo, filho de Xenócrates,  
conseguiriam ser mais valorosos do que estrangeiros?  
Estou com dores de cabeça, <sup>284</sup> Calidemo, e  
por ora, não consigo mais falar contigo.»  
Então, Cáricles, no interior da casa de Xenócrates,  
dormia um pequeno sono, sem saber,  
oprimido por sofrimento, trabalhos e preocupações.  
Drosila, suspirando um pouco,  
sentara-se longe da casa de Xenócrates,  
‘Ó filho de Zeus – dizia a lamentar-se –  
aonde me levarás, miserável que sou,  
para encontrar Cáricles? Por certo, não para casa de Xenócrates;  
ou enganas-me completamente com as visões?  
Era preciso tu vires prestar auxílio à doente;  
era preciso libertar-me de infortúnios,  
fardos e grandes lamentos  
Era preciso que viesses em minha ajuda aliviar-me,  
não juntar necessidade às minhas necessidades,  
enganando-me com visões em sonhos.  
Mas se tu és um deus e descendente do divino Zeus, <sup>285</sup>

<sup>282</sup> 290 Bo<sup>2</sup>] provocando ciúme às donzelas vistas.»

<sup>283</sup> V *ad marg.*] Máxima.

<sup>284</sup> Vd. Theoc. 3.52.

<sup>285</sup> Na generalidade, o sonho é a ação desenvolvida num estado transitório de morte. Vd. Tânato: θάνατος, ‘sono’, irmão de Hípnos: ὕπνος, ‘sono’. Em termos de importância social, distinguem-se da regularidade (e.g. *Il.* 22.18, *Od.* 14.462 sq.) alguns visionamentos oníricos mais relevantes, designadamente os que

diz-me se Cáricles ainda vive;  
pois, quando de aproximaste esta noite,  
mostraste que ele vive e que pelo próprio Cagos  
foi libertado, com o estrangeiro Cleandro,  
e foi acolhido na estalagem de Xenócrates.  
Mas o teu presságio não se revelou verdadeiro.  
E agora, uma vez que Cáricles não está aqui,  
não está vivo, nem permanece livre,  
ou partiu da vida pela espada,  
ou as correntes oprimem o seu pescoço  
e vive uma vida dolorosa e muito lamentável.  
Estando perto dela, Calidemo  
ouvira os argumentos aflitivos  
e, não sendo capaz de conter-se, diz assim:  
«A tua beleza prova, rapariga, que eu<sup>286</sup>  
fiquei conquistado pelo que referi ter sido um súbito ‘adeus’.<sup>287</sup>  
Eu mesmo, três vezes irracional, supunha,  
por um raciocínio infundado, permanecer imune à beleza.  
Inexperiente nas experiências amorosas e sem ser afetado pelo desejo;  
desprezava as dores dos amantes  
e desprezava os seus matrimônios.<sup>288</sup> Desgraçado!<sup>289</sup>  
Porém, agora estou preso como um escravo miserável,  
pela força, estou completamente ao serviço de Eros,<sup>290</sup>  
a florescência de outrora foge do meu rosto,  
e o esplendor do meu olhar apaga-se

---

atingem pessoas de elevado estatuto, como faraós (e.g. Hdt. 1.34.1-3), generais (e.g. Hdt. 3.149), tiranos (e.g. Hdt. 5.56), reis (e.g. Pi. O.13.63-90). Pelo cargo que ocupam, são normalmente incitados a desencadear ações (vd. Artem. 1.2) com reflexos comunitários. Embora por vezes de cariz divino (e.g. II.2.42-47), de teor premonitório, ominoso ou informativo quanto a eventos futuros, tal não garante a veracidade. Vd. as duas portas dos sonhos: uma, a ebúrneia, falaz; outra, de natureza cornígera, conotada com a verdade, *Od.*19.559-569; Verg. *A.* 8.22-28. Vd. Macalister, 2013.

<sup>286</sup> No original grego, plural majestático.

<sup>287</sup> Alusão ao momento em que viu Drosila e a cumprimentou.

<sup>288</sup> Cf. 326-332 *imitatio* Heliod. 3.17.

<sup>289</sup> Vd. 338 ULBo<sup>2</sup>] outrora.

<sup>290</sup> Cf., relativamente a 339-343, Heliod. 3.19.1.

por uma torrente de lágrimas, como um dilúvio de águas.  
Assim, eu não consigo suportar a minha angústia  
e culpo a Calíope<sup>291</sup> de Homero,  
que disse existir abundância de tudo no mundo,  
até mesmo de amores – insaciáveis, ao que julgo.  
O amor não me parece trazer saciedade,  
quer o prazer seja alcançado, quer seja falado.  
Lançarei daqui em diante, como diz a máxima,  
novamente, a minha última âncora no perigo,<sup>292 293</sup>  
embarcarei na minha segunda viagem (de fato, o que posso fazer?)<sup>294</sup>  
e falarei contigo, que amo completamente  
(na realidade, sei que o silêncio é alimento da doença).<sup>295 296</sup>  
Oh, tu, que és abençoada com todas as graças da beleza,  
e cravas todas as partes do meu coração,  
ostentas lábios mais macios do que rosas,<sup>297</sup>  
tens uma boca mais doce do que favos de mel.  
O teu beijo é como uma picada de abelha,  
pungente, mortal, venenosa, dolorosa.  
Possuis uma boca cheia de venenos,  
mesmo que besuntada de mel por fora.  
E, quando aparentemente consegui um beijo dela,  
Oh! Oh! recebo, em troca, um fardo lamentável.  
Sofro do meu peito; o meu coração<sup>298</sup> agita-se;  
parece que pus corpo e mente de cabeça para baixo.  
Ninguém pode escapar, mesmo que pense ter evitado,  
do tirano Eros armado com o seu arco,  
enquanto luz e beleza permaneçam na terra  
e o olhar dos mortais as contemple.

<sup>291</sup> *Il.* 13.636. Cf., relativamente a 345–349, *Heliod.* 4.4.3. Considere-se Calíope uma das nove musas, Vd. *Hes. Op.* 25 sq., 915.

<sup>292</sup> Vd. *Heliod.* 8.6.9.

<sup>293</sup> P *ad marg.*] Sazão.

<sup>294</sup> Vd. *Pl. Phd.* 99c; *Heliod.* 1.15.8.

<sup>295</sup> Vd. *Heliod.* 4.5.7.

<sup>296</sup> V *ad marg.*] Máxima.

<sup>297</sup> Vd. *Longo* 1.18.1.

<sup>298</sup> Vd. *Longo* 1.17.2.

O próprio Eros, o ousado, o arqueiro,<sup>299 300</sup>  
é retratado no mito como um jovem deus bonito,  
detém um arco e traz uma aljava.  
Regozija-se maioritariamente com os jovens;  
onde quer que haja beleza, persegue e alcança,  
e também excita a mente e o coração.  
Ninguém na vida encontrou um fármaco,  
exceto em abraços e cerimônias<sup>301</sup> de casamento.<sup>302</sup>  
Rapidamente percebi que tu és um deus forte, Eros;  
descobri que és uma criatura da floresta, descendente de uma fera.<sup>303</sup>  
Como és selvagem, fingindo em vão seres agradável!  
Daqui em diante, ouve, aprende e entende,  
rapariga de peito de pérola, que te encontras agora diante de mim,<sup>304</sup>  
que obtiveste por natureza cachos de cabelo dourado,  
quão grande é a onda, o vagalhão, a tempestade.  
Suplico-te que tenhas em mente aqueles outrora  
unidos por amor numa só alma;  
considera, entre os demais dos tempos antigos,  
o amor de Arsace por Teágenes,  
o desejo de Arquemanis por Caricleia.<sup>305</sup>  
Mesmo que não queiras tê-los em mente, porque impuros,  
observa aqueles que hão sido castos nos amores,  
cujos próprios juramentos, sempre que necessário,  
repeliam o indecoroso e conduziam legitimamente  
à firme união do casamento legal.  
O amor sabe que não difere nada da intoxicação;  
só que Drosila é para mim uma pedra sóbria.<sup>306</sup>  
O amor sabe acender um fogo ardente;

<sup>299</sup> Relativamente a 371–376, vd. Longo 2.7.1.

<sup>300</sup> P *ad marg.*] Sazão.

<sup>301</sup> 378 ULBo<sup>2</sup>] casamento doce.

<sup>302</sup> Vd. Longo 2.7.7.

<sup>303</sup> Cf. 373–374 influência de Theoc. 3.115.

<sup>304</sup> No original grego, plural majestático.

<sup>305</sup> Relativamente à paixão de Teágenes por Arsace, irmã do rei, e à do escravo Arquemanis por Caricleia, cf. Heliod. 7, 8.

<sup>306</sup> P *ad marg.*] Sazão.

mas tenho-te como uma pedra rubi índica,<sup>307</sup>  
e o fogo evitar-me-á ao levar-te.  
A dor que me desgasta, para a vasta superfície do chão<sup>308</sup>  
arrasta-me os olhos, rapariga;  
mas a visão das tuas graças arrasta-os de volta.<sup>309</sup>  
Eu não tenho vigor para ser casto ao olhar-te,  
e sou essencialmente incitado a não olhar,  
para que a chama do desejo não seja aumentada,  
tendo na visão o seu alimento completo,  
– inevitável assim é a rede do desejo,  
que lançaste a partir dos teus olhos sobre mim, tua presa!<sup>310</sup>  
A tua boca está cheia de modéstia,  
a tua mão é avessa a salvar imediatamente  
aquele que foi apanhado pela tua estranha rede.  
Dessa forma, tiranizas aquele que apanhaste suspenso;  
nem desejas que seja trazido para o solo,  
nem salvas prontamente aquele que foi tomado!  
Que tipo de artifício deverei pôr em movimento e onde<sup>311</sup>  
encontrarei feitiços de amor, miserável,  
para que te persuada e obrigue a sofrer  
através de feitiços de amor de revirar o coração?  
Tu és uma mulher – conhece a tua própria natureza –,  
uma mulher mais bela do que todas as mulheres,  
[uma criação prodigiosa de natureza estranha,  
um exemplo extraordinário de raça feminina,]<sup>312</sup>  
como a lua, face às restantes estrelas.<sup>313</sup>  
Concede-me tudo; não me atinjas apenas com palavras.  
[(Pois parece ser o teu meio de esconder o sofrimento da alma,

<sup>307</sup> Cf. Philostr. VA 3.46; Heliod. 4.8.7, 8.11.2.

<sup>308</sup> Vd. Heliod. 1.2.3. P *ad marg.*] Sazão.

<sup>309</sup> P *ad marg.*] Sazão.

<sup>310</sup> Vd. Heliod. 2.25.1.

<sup>311</sup> Vd. Heliod. 2.33.6.

<sup>312</sup> 423-424 Bo<sup>2</sup> *om.* MBo<sup>1</sup>]

<sup>313</sup> Cf. Hel. 3.6. Vd. Anon. 376, *Parisinus Graecus* 2506 f. 135v, a respeito do sol e da lua, a par de estrelas brilhantes fixas.

e feres-me ainda mais com as tuas palavras de negação)]<sup>314</sup>  
Na verdade, usaste uma medida de boa vontade,  
ao dizeres-me, anteriormente, quando estavas perturbada,  
que te doía a cabeça, que é querida para mim.<sup>315</sup>  
E isto não é nada estranho, ó donzela Drosila,  
pois, tendo chegado a uma região desconhecida,  
e aparecido numa zona de muitos estrangeiros,  
provocaste rapidamente o mau-olhado;  
e hoje eu quero que tu, que és a minha doença,  
sejas libertada dessa perturbadora maleita,  
mas que a minha a enfermidade se precipite outrossim para a saúde,  
para que ambos não fiquemos terrivelmente doentes.  
Aquele jovem Dfnis e Cloé<sup>316</sup>  
uniram-se em casamento numa tríplice bênção.  
O doce Dáfnis, apenas um pastor,  
ignorante das flechas do amor,  
não apenas era amado, mas também amava ainda mais,  
embora de modo nenhum sabendo algo mais dos amores.  
Desde os cueiros, à donzela Cloé,  
o amoroso pastor neonato uniu-se.  
Há muito sentia amor pela bela Cloé,  
aquela donzela Cloé, em estado natural,  
cujo olhar era fogo para o jovem,  
as palavras arcos e os abraços dardos.  
Quanto ao encantamento amoroso, a geração que passara fora de ouro,<sup>317</sup>  
pois quem fora amado retornara muito afeto.<sup>318</sup>  
Esta geração de bronze não é desse gênero –  
na realidade, o amado não deseja replicar.  
Oh! qual a razão, que problema e que natureza<sup>319</sup>  
faz com que as donzelas apaixonadas nos tiranizem,

<sup>314</sup> 426-427 Bo<sup>2</sup> *om.* MBo<sup>1</sup>.

<sup>315</sup> 430-431 Bo<sup>2</sup> *contr.* MBo<sup>1</sup>] que tinhas dores de cabeça, porquanto estavas impaciente face a muitas coisas, | – a tua cabeça que é querida para mim.

<sup>316</sup> Cf. Longo.

<sup>317</sup> Cf. ‘mito das idades’. Vd. Juv. 13.28.

<sup>318</sup> Vd. Hes. *Op.* 90-95; Theoc. 12, 15–16.

<sup>319</sup> 444 Bo<sup>1</sup> numeração deficitária de 1 unidade, restabelecida em 455.

uma vez feridas, por seu turno, por amor pungente?  
Ou, na realidade, não sentem amor por nós?  
Sentem amor, só que estão cheias de pudores;<sup>320</sup>  
amam, só que desgastam os amados,  
mantêm os seus corações suspensos,  
dissipam – Oh! Oh! – a sua carne prematuramente,  
e atiram para o centro da alma.  
A circunstância é como um estrangulamento e o fim da vida<sup>321</sup>  
para aqueles que suportam com dor a condição amorosa.  
Ah! Quanto tempo se passou, entretanto,  
e não persuadi o seu coração de ferro!  
Como me manifestei frequentemente! Mas a donzela,  
de peito rígido de pedra, não anuiu.  
Miserável, estou destruído; desgraçado, estou morto,<sup>322</sup>  
se nem isto suaviza o teu coração!  
Outrora, o padecente Leandro, que estava apaixonado por Hero<sup>323</sup>  
[Ai de mim! foi encontrado morto, afogado no mar,  
Ah, uma vez que a lamparina foi apagada pelos ventos!  
Abidos sabe disso, e a cidade de Sestos.  
Todavia, embora Leandro tenha o mar como túmulo,  
tinha outrossim, como companheira de túmulo, a sua amada  
que se atirara da parede para a água,  
pois aqueles que o amor juntou numa união,  
também conduziu a um mesmo túmulo.  
Esse foi um desafortunado fim de vida,  
mas, por outro lado pode ver-se como uma felicidade,  
na medida em que uma harmonia de almas partilhou o túmulo –  
um amor, uma mente, em dois corpos.  
Oh, vento que apagou dois raios!

<sup>320</sup> 461 Bo<sup>1</sup> numeração deficitária de 1 unidade, de ora em diante restabelecida em anotações de Bo<sup>2</sup>.

<sup>321</sup> Cf. E. *Alc.* 232.

<sup>322</sup> Considere-se, em tempos medievais, na lírica, o uso exacerbado do ornato literário da ‘morte por amor’ (e.g. Roy Queimado), por tal, objeto de sátira (e.g. Pero Garcia Bungalês CV 988). A respeito de sofrimentos de amor, vd. Cullhed Franzén Hallengren, 2013.

<sup>323</sup> Vd. Musae. 327–330.



A luminária extinguiu-se e com ela apagou-se o amor.  
Oh, vento que fez decair duas estrelas,  
Hero e Leandro, para o abismo!  
A dor da lembrança penetra nas minhas entranhas;  
o meu peito arde com o fogo da paixão.  
Ora, esta era a conjuntura daquele; mas eu, desgraçado,  
não estou a lutar à noite, nem a navegar no mar,  
mas, ainda assim, minha queridíssima, corro risco de afogar-me  
pela tempestade de desejo que se abateu sobre mim,  
a menos que te apareças a dar-me a tua querida mão direita.  
Considera o que foi feito; tem em mente o meu desejo.  
Sabes bem que o sofrimento é produto do desejo.  
Abre-me as portas do teu coração;  
aplaca a onda do desejo  
e acolhe aquele que vagueou pelo mar  
nos teus braços, como se fosse um porto.  
..... muito .....  
Não desconheces o antigo e famoso]<sup>324</sup>  
Ciclope,<sup>325</sup> que, sentindo amor por Galateia,  
atraía essa rapariga persuadindo-a,<sup>326</sup>  
já que ela odiava extremamente aquele que era coberto de pêlo,  
e abominou<sup>327</sup> o seu amado —<sup>328</sup> só que, quanto a mim, ela amava-o,  
uma vez que apenas atirava pequenas maçãs contra a grande criatura.<sup>329</sup>  
No entanto, por seu turno, ele fez promessas estranhas,  
pois desejando-a, predispunha-se a atirar ao fogo<sup>330</sup>  
as suas mãos, pés e entranhas,

<sup>324</sup> 474-504 Bo<sup>2</sup>. Conca não contabiliza verso elíptico 503 Bo<sup>2</sup>. Vd. 481 Bo<sup>2</sup> enquanto paródia de *Mt.* 9:16. Cf. *AP* 12.167, em 498.

<sup>325</sup> Considere-se, no caso, Polifemo, um dos filhos Ciclopes de Úrano e de Gaia, hábeis artífices de instrumentos (*Apollod.* 1.1; *Hes. Th.* 503), insolentes pastores selváticos governadores primitivos (*Pl. Lg.* 680b) da ilha dos Ciclopes aludida nos odisseicos erros de Ulisses (*Od.* 9), qual alegoria de ‘roubo’ da razão, *Heraclit. Allegoriae* 70.4-5. Apaixonado pela ninfa Galateia.

<sup>326</sup> Cf. 504 Bo<sup>2</sup>] não persuadida.

<sup>327</sup> Cf. 506 Bo<sup>2</sup>] fugido do.

<sup>328</sup> Vd. *Theoc.* 1.30-31.

<sup>329</sup> Vd. *Theoc.* 6.6.

<sup>330</sup> Cf. *Theoc.* 11.50.

para queimar a densa pilosidade  
(e, se possível,<sup>331</sup> o cerne do seu coração),  
[se isso, de algum modo, parecer bem à sua amada]<sup>332</sup>  
assim como o único ponto de luz que tinha,  
o seu olho largo, desenhado como um círculo, grande.<sup>333</sup>  
Dessa forma, estando apaixonado, seduzia e persistia  
o Ciclope, para Galateia entrar na caverna,  
onde afirmava que criava jovens cervos,  
bezerros ariscos, cordeiros, outros animais,<sup>334</sup>  
bem como muitos cães selvagens matadores de lobos;  
e afirmava possuir vinhas doces,<sup>335</sup>  
queijo no inverno e na estação de verão,<sup>336</sup>  
baldes transbordantes de leite<sup>337</sup>,  
acima de sessenta colmeias de mel  
também copos habilmente esculpidos<sup>338</sup>  
e incontáveis peles curtidas de veado.  
Com isso, o Ciclope encantava Galateia,  
cantando melodiosamente, olhando o mar<sup>339</sup> e  
segurando uma siringe bem elaborada nos lábios,  
encantava com isso e persistia  
em escolher a lareira para a caverna<sup>340</sup>  
e em despedir-se da vida no mar.  
Mas tu nem acenas nem revelas a razão,  
nem desejas jogar com aquele que está a jogar.<sup>341</sup>  
Tu não tens maçã, nem riso doce,

---

<sup>331</sup> Cf. 513 Bo<sup>2</sup>] se possível.

<sup>332</sup> 514 Bo<sup>2</sup>.

<sup>333</sup> Vd. Theoc. 11.51–53.

<sup>334</sup> Vd. Theoc. 11.34.

<sup>335</sup> Vd. Theoc. 11.46.

<sup>336</sup> Vd. Theoc. 11.36.

<sup>337</sup> Vd. Theoc. 11.35, 37.

<sup>338</sup> Vd. Theoc. 1.27–30.

<sup>339</sup> Vd. Theoc. 11.18.

<sup>340</sup> Vd. Theoc. 11.44.

<sup>341</sup> Entendam-se ‘jogos amorosos’.

do tipo que a Nereida<sup>342</sup> usava no passado.  
Supões que um grande sorriso<sup>343</sup>  
paga uma recompensa pelas minhas muitas palavras.  
Como agradeço o presente, rapariga!  
De fato, o pobre corvo, como diz a máxima popular,<sup>344</sup>  
havendo necessidade, o miserável obtém  
comida, embora a partir de entranhas fedorentas.  
Concorda entrar com aquele que te pede,  
e verás que em tudo está melhor do que o famoso  
Ciclope, Calidemo, na vida.  
Xenócrates é o primeiro na região;  
Calidemo não é desagradável de ver-se,  
é um dos nobres e dos ricos  
com o qual não te arrependerias de casar,  
Drosila, tu, recatada entre as mulheres.  
Queres que deixe isto evidente a Xenócrates?  
E que ele as núpcias de Calidemo e Drosila  
celebre com brilhantes leitos nupciais?  
Porque sorris enquanto contemplas silenciosamente o chão,  
ó boa velha, velha sábia, velha modesta?  
Vence tu também a donzela inflexível,  
e recebe uma grande recompensa da parte de Calidemo.»  
O filho de Xenócrates estava satisfeito com essas afirmações.  
A velha fez uma pequena interrupção  
ao discurso de Calidemo dirigido à rapariga:  
«Se Drosila não divagar o seu olhar  
- afirmava -, Calidemo, filho de Xenócrates,  
não verá outro mais belo do que tu na terra.»  
Mas ele voltou a falar para a rapariga:  
«Quando és vista, trazes extrema doçura;  
porém, quando ficas escondida, causas agonia de um modo inexprimível.  
Apareceste-me simplesmente como um prado repleto de graça,  
no entanto, em muitos lugares pareces trazer contigo uma cornija.

<sup>342</sup> Entenda-se 'Galteia'.

<sup>343</sup> Considere-se a oposição em causa 494-496 Teo. 7.1.

<sup>344</sup> Relativamente à máxima, cf. Zen. 4.56.

E agora estou desejoso de colher-te, rapariga,  
como frutos dos ramos mais altos da árvore.  
Então, abre-me os portões do jardim<sup>345</sup>  
e aceita ser devorada até a plena saciedade.  
Entre os que se movem na terra, quem foi aquele  
com experiência no ofício de ferreiro, que pegou na chama  
e acendeu uma nova fornalha hefesta,<sup>346</sup>  
agarrou o teu coração com a tenaz,  
e mostrou que colocara bronze no meio das brasas?  
Ora, quem foi aquele que temperou e acerou na chama  
o teu coração endurecido?  
Oh! Que dedos desajeitados daqueles artesãos!  
Ah! Que infelizes e miseráveis mãos trabalhadoras!  
Oh! Que mão direita essa, que me criou fardos,  
que forjou em bronze o teu peito e o teu coração!  
Ele era ousado, como um novo Ciclope,  
pesado, forte, sanguinário, devorador,  
que – desventura única entre os homens –, para meu  
grande sofrimento, te forjou em bronze.  
Quem é capaz de fazer com que aqueles que morreram vivam?  
Quem, relativamente àquele que bebeu um copo de veneno,  
diz que participou de uma canção de encantamento?  
Vê o cadáver que vive. E para quê?  
Pois rejeitaste-me, aquele que te ama!  
Quão empedernido é o teu coração!  
Eros, miserável Eros, Eros que cospes fogo,  
como carvões contra mim! Oh! As tuas flechas amargas  
queimam. Ah! Ah! O arco não traz fogo?  
Na verdade, traz, mas o que conseguirás fazer?  
Nem Hércules poderia contra dois – a máxima popular,<sup>347</sup>  
mas tu, contra três Graças de fortes dedos,  
como uma pequena criança, não conseguindo revirar,  
corres aprisionado de um lado para o outro

---

<sup>345</sup> Vd. CC. Cf. Archil.; Sapph.

<sup>346</sup> Cf. Hefesto.

<sup>347</sup> Vd. Pl. *Phd.* 89c.

e, como um escravo, sofres e manténs-te;  
e mesmo que estendas as asas e corras por toda a terra,  
cumprindo o teu dever onde quer que esteja a beleza,  
as Graças apontam-te o arco;  
equipam-te como seu escravo,  
usam o fugitivo como um servo de confiança,  
veem-te a ti, o fugitivo, a aguardar.  
Como és selvagem, mesmo quando sorris docemente, Eros!  
Vejo-te a agitar correntes inescapáveis.  
Como ficaste furioso, ainda que pareças brincar alegremente!  
Tendo mãos vigorosas para atingir,  
aterrorizas impiedosamente. Nem aquela que te gerou  
escapou aos dardos do teu arco.<sup>348</sup>  
Um agricultor, vendo Níobe chorosa,  
afirmou: ‘Oh! Como também a pedra derrama uma lágrima!’.<sup>349</sup>  
Mas tu agora, rapariga, uma pedra viva, de mim,<sup>350</sup>  
que lamento, nem um pouco de pena queres ter.  
Como um arco comigo em mira apareceste de repente,  
tu, excelsa de entre as donzelas na localidade.  
Se uma competição relativa à tua beleza fosse estabelecida,<sup>351</sup>  
Cípris não obteria o primeiro lugar novamente,  
ainda que o juiz a decidir assim fosse aquele  
Páris,<sup>352</sup> ferido de amor, com cacho de cabelo louro.  
Um beijo suave, cachos de cabelos entrançados,<sup>353</sup>  
o enleado dos membros – tudo isso possuis tu;  
porém, uma alma dura e mente indomada.  
Sofro no meio de Páfia e Palas;<sup>354</sup>  
quem pode suportar a sede de Tântalo?<sup>355</sup>

<sup>348</sup> Vd. Aristaenet. 1.8.

<sup>349</sup> Vd. *AP* 5.229.1–2.

<sup>350</sup> No original grego, plural majestático.

<sup>351</sup> Vd. *AP* 5.222.5–6.

<sup>352</sup> A propósito do julgamento de Páris, sobre as deusas Afrodite, Hera, Atena, vd. E. IiA 1302, 1298; Paus. Cf. *AP* 5.69.

<sup>353</sup> Vd. *AP* 5.246.

<sup>354</sup> Vd. Paul. Sil. 11.

<sup>355</sup> Vd. *AP* 5.272. Cf. Vd. Paul. Sil. 33.

E agora acuso Zeus<sup>356</sup>  
de falta de amor, uma vez que não se metamorfoseou  
para a nossa rapariga, que é mais bem parecida  
do que Leda, Dânae, Ganimedes, Europa.<sup>357</sup>  
E as tuas rugas que hão de por fim aparecer, com a passagem do tempo,<sup>358</sup>  
são preferíveis, segundo julgo, à seiva da juventude;  
o teu outono é melhor – como direi isto? –  
do que outra primavera, e o teu inverno é mais belo  
do que outro frugífero verão de boa temperatura.  
Mas que te dispas até à pele<sup>359</sup>  
e que entrelaces os teus membros nus com os nus,  
pois inclusivamente o teu tecido leve me parece  
a muralha de Semíramis<sup>360</sup> – que isso me aconteça!»  
Após falar assim, virou-se para regressar a casa,  
implorando à velha acompanhante, com gestos,  
que persuada a rapariga a ceder.  
Ela agarrou a rapariga e começou a andar,  
já que a noite compelia a regressar.  
Então, Cárciles, permanecendo na casa de Xenócrates,  
ao amanhecer, retorquia às andorinhas:  
‘Já me mantive acordado a noite toda;<sup>361</sup>

<sup>356</sup> Vd. *AP* 5.257.

<sup>357</sup> Sendo a visão de um deus difícil de suportar para um humano, as metamorfoses divinas na figura de elementos da natureza e animais assumem-se como recursos frequentes na mitologia tradicional, e.g. Apolo-lobo/Círene, Zeus-águia/Astéria-codorniz, Deméter-égua/Posídon-cavalo, Teófane-carneiro/Posídon-carneiro, Bóreas-cavalo/erínia-cavalo, Posídon-delfim/Melanto, Zeus-serpente/Perséfone, Zeus-cisne/Némesis-gansa, Zeus-fogo/Egina, Zeus-serpente/Perséfone, Apolo-tartaruga/Dríope, Éaco/Psámate-foca, Crono ou Quíron-égua/Filira, Tífon/serpente Equidna, Pasífae/touro, Aristodeme/Asclépio-dragão, Posídon-pássaro/Medusa, Astéria e quicá Egina, Zeus/Ío-vitela, Zeus-sátiro/Antíope, Neptuno-touro/Cânace, Neptuno-carneiro/Teófane, Neptuno-pássaro/Medusa, Neptuno-cavalo/Ceres, Neptuno-golfinho/Melanto. Cf., no caso, Zeus-cisne/Leda, Zeus-águia/Ganimedes, Zeus-chuva/Dânae, Zeus-touro/Europa.

<sup>358</sup> Cf. *AP* 5.258.

<sup>359</sup> Vd. Paul. Sil. 6.

<sup>360</sup> Cf. mitológica rainha da Babilónia, *AP* 5.252.

<sup>361</sup> Cf. *AP* 5.237.

se o amanhecer chegar, envolvendo um pequeno sono para mim,  
as andorinhas chilreiam e não mo permitem.  
Para, abominável espécie de pássaros malvados!  
Não fui eu que, com medo do relacionamento sexual, cortei  
a língua de Filomela,<sup>362</sup> para que ela não contasse.  
Mas, para um deserto áspero e abominável  
sim, ide prantear para mim o infortúnio de Ítis,  
para que possa dormir um pouco e, ao repousar,  
um sonho apresentar-se-á e, nos braços  
da minha amada, talvez queira envolver-me!  
Títono, com senioridade, Aurora,<sup>363</sup> a querida  
esposa tua, retiraste da cama.’  
E como estivesse<sup>364</sup> de novo a cair no sono,  
o bem-formado Dioniso, aproximando-se;  
revela que Drosila permanecia na localidade,  
na residência da velha Marilis,<sup>365</sup>  
e exorta-o a procurá-la.

---

<sup>362</sup> Cf. mito de Tereu, Procne e Filomela, em Apollod. 3.14.8.

<sup>363</sup> Cf. Zeus, face ao pedido incompleto de Éos para com Títono, e a consequente metamorfose em cigarra. Vd. *h. Ven.* 220-222; *AP* 5.3. De modo similar, a solicitação a Apolo pela Sibila de Cumas, *Ov. Met.* 14.101-153. A propósito, a conotação da velhice como um mal, cf. *topos* da juventude perdida (*Il.* 7.124-160), a par de doença, dor, desejos, declinando forças físicas, logo condições de ἀρετή, ‘virtude’ arcaica (vd. *Tyrt.* fr. 6.7 Diehl), qual criança ou mulher, donde o pessimismo relativamente à vida, final tempo de pagamento pela ‘culpa ancestral’ titânica da humanidade (*Pl. Men.* 81b), o entender clássico (e.g. *Thgn.* 1.271-278; *S. OC* 1225-1227; *Men. frg.* 111; no plano latino, *Pl. Bac.* 816-817). Pondere-se, no inverso, a valorização de experiência e sabedoria, em cenários bélicos, e.g. Nestor. Cf., posteriormente, *Sol.* fr. 22 Diehl.

<sup>364</sup> Entenda-se ‘Cáricles’.

<sup>365</sup> Cf. figura de Theoc. 3, 4.

SÉTIMO LIBELO

[Novo dia, Drosila prepara-se para contar a sua história a Marilis – 1-26. Cleandro ouve nome de Cáricles e chama o amigo – 27-34. Reencontro de Cáricles com Drosila – 35-49, 73-80, 228-243. Ciúmes e doença de Calidemo – 50-72. Esclarecimento de Marilis – 81-257; comentário – 244-261; festa – 262-328.]

Já era manhã, um dia cor de açafrão,  
e manifesta luz estendeu-se por toda a parte,  
a partir da estrela grande e translúcida,  
tendo avançado do oceano para a toda a criação,  
como inscreve a doura composição,<sup>366</sup>  
aquecendo proporcionalmente, desde as alturas  
das montanhas, topos e sopés densamente escurecidos,  
para existir uma criação fértil e uma vida agradável.  
Cáricles também se ergueu do sono  
[cheio de alegria, e, por outro lado, cheio de ânimo]<sup>367</sup>  
e saiu da casa de Xenócrates,  
trazendo consigo o estrangeiro Cleandro.  
Entretanto, a velha, face ao derrame de lágrimas desde manhã cedo  
por parte da rapariga, tentando confortá-la,  
afirmava: «Anda, menina, informa-me;  
de onde és, de quem descendes tu, de que pátria e de que cidade,  
e quem é esse clamado Cáricles, que lamentas?  
Deploras desgraçadamente e gemes sem sentido,  
não havendo aceitado o casamento com Calidemo,  
que acima dos outros habitantes daqui  
é primoroso e cresceu com ouro.  
Não fazes bem, ó pobre estrangeira,  
se Calidemo, um jovem nobre,  
não consideras agora digno de unir-se a ti.»  
Drosila, contudo, começou a falar:  
«Pretendes ficar a saber por mim, estrangeira,  
as coisas a meu respeito e os assuntos de Cáricles...»  
Cleandro ouviu e parou pelo caminho,

<sup>366</sup> Cf. *Il.* 8.1.1, 19.1.

<sup>367</sup> 10 *add.* ULBo<sup>2</sup> *om.* Conca.



porquanto o nome de Cáricles deteve o jovem,  
que foi a correr para diante de Cáricles.  
E «Cáricles, presta votos de felicidade  
a mim, Cleandro, que compartilha a tua infelicidade –  
diz a Cáricles, virando-se para ele,  
que também ficou impressionado com esse discurso,  
que também ficou perturbado apenas com o seu som».  
Então, apertando as mãos um do outro,  
ambos irrompem nessa casa,  
no interior da qual, a velha, de coração piedoso,  
conversava emotivamente com Drosila.  
Um som entre alegria e lágrimas;  
um bater de palmas; murmúrios e o ruído de beijos;  
uma tempestade incomensurável há brotado dos olhos;  
vozes de agradecimento ao filho de Sêmele;<sup>368</sup>  
os belos discursos de Cáricles para a velha  
pela hospitaleira recessão de Drosila;  
muita gratidão face a Cleandro,  
por parte da melhor donzela, Drosila,  
ao compartilhar as dificuldades de Cáricles  
– tal era o murmúrio no meio dos quatro,  
realmente uma mistura de alegria e lágrimas.  
Calidemo não desconhecia a situação.  
Então, contemplando freneticamente dentro de si próprio a possibilidade  
de cometer um ato mortal contra Cáricles,  
de modo a que fosse sem ferimento e não sanguinolento,  
para que conseguisse casar-se com Drosila,  
desconhecia, contudo, que estava a preparar um laço para si mesmo.<sup>369</sup>  
Quando viu que Cáricles, por seu turno, soubera  
da chegada da rapariga à localidade,  
antes de ter avançado com o dolo contemplado,  
encorajado pela loucura amorosa,  
movimentou-se para mais uma pirática abdução,

---

<sup>368</sup> Dioniso.

<sup>369</sup> 56 Bo<sup>2</sup>.

pois, frequentemente, o amor não conhece vergonha.<sup>370</sup>  
Contemplando, na solidão da noite,  
vir a atacar, inesperadamente, os jovens,  
tinha também consigo jovens companheiros da sua idade,  
para abduzir a rapariga –  
de facto, preparara um navio para a viagem.  
Em vez da chama que os seus desejos acendiam,  
tinha fogo violento de um fervor terço.  
Em detrimento de um navio pronto a navegar,  
a poltrona miserável deteve-o.  
No lugar da fuga para outra localidade,  
encontrou grande imobilidade de pés.  
Entretanto, Cárcles não possuía nenhuma saciedade  
de beijos frescos de Drosila.  
Se alguém alcançar a sua amada,<sup>371</sup>  
o seu coração fica insaciável  
e o seu prazer flui com facilidade;  
o lábio fica ressecado,  
tendo adquirido doçura sem limites,  
e esvaziando aí o seu prazer.  
Então, quando pararam com os beijos,  
a velha Marilis ficou sóbria e diz:  
«Cárcles, meu filho, chegaste aqui oportunamente  
e encontraste Drosila salva pelos deuses,  
que até agora não cessou as lágrimas  
e lamentos desolados por causa de ti.  
Como chegaste a salvo (muita gratidão aos deuses  
que te hão trazido até nós são  
e te uniram vivo com a tua amada!),  
como chegaste a salvo, filho, também podes relatar bem  
de que modo conseguistes unir-vos,  
qual é a tua pátria, qual a origem da vossa paixão,  
quem é esse estrangeiro ali, Cleandro,  
por que razão vos separastes um do outro

---

<sup>370</sup> Máxima.

<sup>371</sup> Máxima.

e agora vos encontrastes um ao outro novamente.  
Estava prestes a começar a contar na totalidade  
a donzela, a explicar-me isso,  
sim, e a detalhar tudo em sequência,  
antes de tu teres alcançado a casa».

«Com dores e com lamentos,  
dizes bem – pois, de que outra forma? – afirmou Cleandro.»

«Uma vez que (sorte dourada!) tu ao meu teto  
foste guiado por algum dos deuses e entraste  
para que pudesse cessar um pouco os lamentos,  
a chorar noite e dia,  
se nos contasses a tua chegada aqui  
e a ousadia mística de Eros  
[com todo o prazer e alegria].<sup>372</sup>  
O que é que ainda perturba Drosila,  
ou o que é que a oprime, havendo tu, Cáricles, chegado?  
Pois, uma vez que, estando tu ausente, se lamentou, gritava,  
gemia amargamente e bradava violentamente,  
agora que estás presente – Oh, deuses salvadores! –  
que a história partilhada siga um curso feliz e  
que a diegese enverede por um caminho útil.  
Agradarias ainda mais a donzela,  
se abrisses a tua doce boca  
e ela escutasse o seu som.  
Ao ficar a saber, incentivar-me-ás a simpatizar com as circunstâncias  
pelas quais até aqui sofria deploravelmente.»

«Como gostaria de primeiro a rapariga  
ter inquirido, cara Marilis  
- dizia Cáricles -, de que forma é que ela, embora sozinha, foi salva,  
após ter caído ao mar, desde o alto da montanha!  
Como eu agora, extraordinariamente estupefacto, duvido  
se, quando vejo Drosila, não estou a ter uma visão;

---

<sup>372</sup> 109 *om.* PBo<sup>1</sup>.

mas uma vez que é tua vontade, velha, que eu agora conte  
os nossos tão grandes períodos miseráveis  
em troca da tua hospitalidade,  
ouve, pois, como poderia desprezar  
a causa de tamanha felicidade  
para mim, Drosila e o estrangeiro Cleandro?  
Fica a saber: a nossa pátria é Ftia;  
a minha mãe, Cristala; o meu pai, Frator;  
Mirtion e Hedipnoe, da parte de Drosila.  
Aquando da celebração do sacro festival  
do filho de Sémele e de Zeus, Dioniso,  
fora dos portões da cidade-pátria,  
a sair com jovens donzelas,  
contemplei e fiquei conquistado – mas sem censura, mulher,  
por olhar a visão da sua face!  
Com efeito, na altura movimentava-se uma grande multidão  
mas não se viu ninguém mais belo do que Drosila.  
Uma vez conquistado, dirigia-me a ela e, endereçando-me, pedi-lhe  
que se dispusesse a fugir comigo.  
Consentiu, porquanto também ela estava a sofrer de um estranho amor recíproco,  
e, quando encontrei um navio pronto a navegar,  
abandonamos os nossos progenitores e pátria,  
e entramos juntamente para a embarcação.  
Mas, após navegarmos apenas um pouco de feição,  
deparamo-nos, de modo inesperado, com homens  
que se regozijam com a pirataria náutica.  
Depois de escaparmos das suas mãos, decorrido longo tempo e com dificuldade,  
salvamo-nos, ao escondermo-nos no meio da floresta,  
e, num ápice, entrámos na urbe de Barzos.  
Saímos juntos e, estando a decorrer  
aí um grande banquete em honra de Zeus,  
confrontamo-nos com a expedição parta,  
na qualidade de nova presa. De pescoços atados,  
fomos levados para a cidade daqueles.  
Decorreram muitos dias nesse lugar,  
medidos com grandes quantidades de lamentos!

No bom Cleandro que vês, mulher,  
capturado anteriormente pela mão dos bárbaros,  
encontrei um excelente companheiro de escravidão  
(com efeito, conhecemos, contra a expectativa, a prisão,  
o dia servil, senhores, outras raças,  
e amores desafortunados, outrossim tamanhos!),  
De novo, pela terceira vez, tornamo-nos prisioneiros juntos,  
pelo árabe, depois que os partos foram derrotados.  
Então, cativos, fomos levados  
a percorrer um caminho que estava confinado por todos os lados  
por arbustos e floresta densa.  
Estávamos oprimidos, um apoiava o outro,  
tendo um medo justo e razoável  
de que, ao escorregar dos penhascos,  
enterrássemos o nosso túmulo nesse mar  
– o que de facto sofreu a donzela aqui presente,  
a qual – ó Zeus e todos os deuses! –, vejo viva.  
Consequentemente, o senhor governante dos árabes, Cagos,  
encontrando-me também de noite a lamentar a rapariga,  
de imediato, com o presente Cleandro,  
liberta-me, havendo tido pena do nosso sofrimento;  
E após tudo o que é benéfico para a sua vida  
termos nós pedido à providência dos deuses,  
fomos libertados do pesado jugo da escravidão.  
Na décima segunda alvorada, aproximamo-nos  
com dificuldade da morada de Xenócrates.  
Pretendíamos hoje o local  
deixar e, em breve, correr para outro sítio  
(pois permanecemos na casa de Xenócrates três dias  
a descansar do nosso fardo),  
se um sonho não tivesse sido enviado pelos deuses,  
ou melhor, não um sonho, mas, antecipando,  
o bem formado filho de Zeus e Sêmele,  
deteve-me, dizendo: 'Não sigas adiante,  
até que Drosila, que queres ver viva,  
encontres a lamentar-se, na localidade.'

Então, conforme pediste, mulher, tudo o que há relativo a nós  
ficaste a saber. Mas, quanto ao resto da história,  
julgo que deves perguntar à própria donzela  
como é que, lançada no mar, conseguiu,  
ainda assim, encontrar-te aqui,  
que lhe persiste uma segunda Hedipnoe.»

«Quanto a mim, Cáricles, embora o malvado fio  
da sorte vingativa – afirmou Drosila –  
deseje sempre fiar coisas penosas,  
a providência do deus salvador,  
a qual também favoreceu o nosso amor,  
lográvamos possuir (mas, soberano, não deixes  
de proteger, como desejares, aquela que abandonou a sua pátria!),  
sempre pronta a trazer coisas úteis  
Ela que, quando eu caí (Oh, ramo assassino,  
que me tomou o braço pelo cotovelo,  
e me arremessou do meio do assento para o abismo!),  
me salvou, após ter ferido muito contra as pedras  
o peito, as vísceras e os cotovelos  
(Inclinando-se para a rapariga enquanto falava,  
os dedos cristalinos vermelhos e brancos  
dela Cáricles beijava, a chorar).  
Nas mãos que tu agora beijas e abraças,  
quem colocou e me facultou o tronco de árvore  
largo e alongado,  
que me trouxe para terra rapidamente e em segurança?  
Oh, muitas saudações, Dioniso, soberano da terra,  
que, havendo-me salvado de muitos perigos,  
também me proporcionaste um outro presente maior!  
Aquele que temia estar entre os mortos, vejo entre os vivos.»  
E, apressando-se no íterim do seu discurso,  
como uma hera numa árvore,<sup>373</sup> beijavam-se um ao outro.  
Tornavam tão difícil separar o abraço,  
que Marilis ficou com a opinião de que eles se haviam unido

---

<sup>373</sup> Entenda-se, na generalidade, ‘carvalho’.

e de que os dois se tornaram de facto um só corpo,  
que o recontar a história desde o seu início fez com que se tomassem uma só alma;  
Assim é todo aquele que ama, respirando de desejo;  
pois, após ver, passado algum tempo, aquela que deseja,  
beija-a insaciavelmente até aplacar o seu desejo.  
Logo que Cáricles a muito custo ficou sóbrio, referiu:  
«Oh! tu, que tanto suportaste, a ponto de não conseguires contar,  
Oh! Luz desejada, Oh! Alento e coração,  
como percorreste um caminho tão longo  
e conseguiste chegar desprotegida a esta localidade?»

[Uma vez mais, a rapariga respondeu: «Aquele que  
me guiou até à localidade,<sup>374</sup>  
o que também me resgatou das águas do mar,  
e me proporcionou de igual modo ver agora Cáricles vivo».   
Em relação a isso, Marilis,<sup>375</sup> demonstrando alegria,  
afirmou: «Que novidade vejo, estrangeiros!  
Sou uma velha e tenho idade avançada,  
experimentei muitas coisas boas e más,  
só que não conheci tamanho desejo,  
nem vi uma união tão formosa assim,  
chegando, desde cedo, a partilhar, lastimavelmente,  
sofrimentos insuportáveis, um atrás do outro.  
Em que ela, Oh! Zeus, virgem protegida,  
muitas vezes feita escrava,  
fugisse de paixões delirantes;  
e em que aquele que, diante de espadas desembainhadas dos bárbaros,  
como em pasto de verão, caiu,  
esteja entre os vivos e junto com a rapariga,  
contando a separação dela há muito.  
Dizes que esse evento é obra de um deus, e dizes bem,  
casta Drosila. Que Calidemo desapareça!  
Pois aqueles que um deus uniu, quem pode separar?»  
Afirmou isso, e uma mesa no seu meio

<sup>374</sup> 244-245 Bo<sup>2</sup> *om.* MBo<sup>1</sup> | 246 Bo<sup>2</sup>] o que me resgatou do mar enfurecido.

<sup>375</sup> Vd. Giusti, 1993.

colocou. «Estrangeiros, divertir-me-ei convosco  
hoje – ia dizendo –. Acompanhem-me,  
e dançarei ao deus Dioniso,  
que uniu com firmeza aqueles que têm sofrido de modo lamentável.»  
Por conseguinte, eles ocuparam-se  
com comidas, alegrando-se ainda mais com taças.  
A velha, uma vez que também possuía bom coração,  
entregou-se por inteiro ao contentamento e à bebida,  
levantou-se do seu assento  
e, preparada para isso,  
pegou panos com ambas as mãos  
e bailou uma dança mais báquica,  
produzindo o som de um pequeno silvo,  
causador de alegria e instigador de riso.  
Movimentando-se sem parar, tropeçou  
Marilis e, em virtude do rodopio persistente,  
a desgraçada caiu no chão,  
com as pernas torcidas;  
mas, de pronto, levantou os pés acima da cabeça  
e enfiou a cabeça no pó.  
De novo o riso instalara-se entre os companheiros de bebida.  
Após ter caído, repousa  
a velha Marilis e soltou flatos três vezes,  
não conseguindo suportar a pressão da sua cabeça.  
Não se levantou então, pois não tinha força,  
afirmava a desafortunada, e repousando ali  
aproximara as suas mãos aos jovens.  
Mas Cleandro, não conseguindo conter-se,  
foi-se abaixo com o riso e sozinho  
ficou pelo chão meio morto, a respirar de forma ofegante.  
E então Cárcles? No meio dos risos,  
julgando que tinha encontrado uma boa oportunidade,  
e tendo-se inclinado sobre o pescoço de Drosila  
para rir da boa Marilis,  
não conseguia uma fartura de beijos,  
com os seus lábios ali cerrados.



Cleandro, porém, depois de levantar-se com dificuldade,  
ergueu a velha que caíra,  
em virtude de, segundo julgo, ter ficado aterrorizado que, pelo sucedido,  
ela pudesse repetir os flatos,  
ou, que tendo estado prostrada, ficasse com a cabeça esmagada,  
como paga pela sua hospitalidade  
[tivesse esta excruciante dor de cabeça].<sup>376</sup>  
Ela, após sentar-se com os jovens, disse:  
«Pelos deuses, Oh filhos, olhai para mim!  
Desde que o bom Cramo, filho de Marilis,  
foi enterrado (e já foi há oito anos),  
não ri, nem dancei;  
tenho<sup>377</sup> de agradecer-vos por isto;  
diz-se que ao andar-se com crianças também se corre». <sup>378</sup>

«Pelo teu filho – declararam os jovens –,  
deste-nos prazer, conveniente Marilis,  
de muitas formas, não só com a tua comida, mas também com bebida;  
a tua dança e habilidosas rotações,  
bem como o abundante movimento dos teus pés,  
e a tua sólida, desenvolta e arguta rapidez,  
agradaste-nos mais do que alimentação, mais do que bebida,  
mais do que a mesa mais dispendiosa,  
mais do que a taça transbordante.  
e não praticaste nada de insolente nos amores,<sup>379</sup>  
ainda que nós fôssemos três vezes mais velhos,  
não teríamos medo de compartilhar a tua experiência  
já que os deuses concedem sempre as coisas mais agradáveis.»  
Os jovens expuseram isso face à velha.  
E, quando a mesa foi retirada do caminho,  
Cleandro reclinou-se para dormir.  
Em seguida, a velha, por seu turno, reclinou-se também.

<sup>376</sup> 309 Bo<sup>2</sup> *om.* MBo<sup>1</sup>.

<sup>377</sup> No original grego, plural majestático. 315 Bo<sup>2</sup>] vossas.

<sup>378</sup> 316 Bo<sup>2</sup>] diz-se que, andando com crianças, um velho também corre.».

<sup>379</sup> 326 Bo<sup>2</sup>] e não fizeste nada de novo, na verdade, mãe.

OTAVO LIBELO

[Passeio de Cárcles e Drosila pelo jardim, prova e conversa sobre a virgindade da donzela – 1-176. Cleandro lamenta a morte de Calígone 177-236. Jantar na casa de Marilis, com a presença de Gnato – 237-257. Gnato reconhece Cárcles e Drosila – 258-296. Morte de Cleandro – 297-306.]

Então Cárcles, dando a mão à donzela,  
imediatamente foi com ela para o jardim,  
que ficava perto. Tendo avançado um pouco, contempla  
as árvores, o fruto, as flores multicolores,  
um belo cenário que agradou os que o viram.  
E, depois de se sentarem sob a murta,  
juntaram-se ambos a conversar.  
E Cárcles afirmou: «Cara amada, quem  
é Calidemo, que a velha referiu enquanto bebia?  
Por certo, a tua sorte maligna não permitiu  
que desfrutasse da tua beleza e casasse contigo  
um terrível ser violento e tirano selvagem?  
De certeza que ninguém conseguiu apagar o fogo  
que tens no fundo da alma por Cárcles?  
Oh! Ó olho desejado, não me escondas nada,  
pois estás a falar com Cárcles, não com um estranho.»

«Como disseste?! Evita palavras azarentas – replicou  
a donzela Drosila para Cárcles -,  
marido Cárcles. Sim, na realidade, tu és o único  
marido meu; e isso não é um discurso falso.  
O discernimento e o julgamento trapacearam-te,  
devido aos grandes problemas que te oprimiram;  
e, na realidade, os sofrimentos também atacam as mentes.  
Zeus pai e a assembleia dos deuses,  
se Drosila não se mantém até agora donzela.  
Sozinho, o facto provar-se-á completamente.  
Que fala, deveras virtuosa, Cárcles, meu marido,  
escapou da barreira dos teus dentes!<sup>380</sup>  
Vou dizer-te, e que seja testemunha das minhas palavras

<sup>380</sup> Vd. Expressão e.g. *Il.* 4.350; *Od.* 5.22.

o filho de Zeus, que anteontem no sono  
tornou visível à que estava repousada a dormir  
a tua residência em casa de Xenócrates.  
Tendo obedecido ao seu comando (pois como poderia não fazer?),  
com muita alegria,<sup>381</sup> perguntei a essa velha  
se vivia perto um estalajadeiro na localidade.  
Após ter mencionado Xenócrates,  
seguí-a para a residência dele;  
Ela, conhecendo antes da tua donzela  
Calidemo, filho de Xenócrates,  
pediu ao jovem que viesse até nós,  
para saber da tua chegada aqui,  
uma vez que não entramos ambas na morada.  
– E isto é uma prova do meu decoro.  
E se ao menos eu tivesse entrado na casa!  
Teria encontrado mais rapidamente a felicidade.<sup>382</sup>  
Logo que o referido Calidemo  
nos viu, saiu da residência  
e, invejando a tua bela presença,<sup>383</sup>  
negou-me outrossim conhecer o teu<sup>384</sup> nome, Cáricles.  
Ficou perto de mim, da cabeça aos pés  
mediu-me e, observando-me atentamente,  
pareceu ter perdido o fôlego.  
(na verdade, se a beleza impressionante é capaz de atrair<sup>385</sup>  
frequentemente homens além do seu auge,  
quanto mais um jovem que está no seu primor?)<sup>386</sup>  
Que discursos proferiu em vão,  
quantas promessas fez,  
não é possível contar, Cáricles, mesmo que queira,

<sup>381</sup> Cf. exclamações Thgn. 527; Ath. 3.80.

<sup>382</sup> 46-47 Bo<sup>2</sup> *om.* MBo<sup>1</sup>] e teria tamanha prosperidade, | após ter reconhecido o esplêndido tesouro que é Cáricles.

<sup>383</sup> 50-51 Bo<sup>2</sup> *contr.* MBo<sup>1</sup>] e, por terrível má sorte, negou-me | a tua afortunada presença aqui comigo.

<sup>384</sup> MULBo<sup>1</sup> Bo<sup>2</sup>.

<sup>385</sup> Máxima.

<sup>386</sup> Cf. Longo 3.13.3.

pois não prestei atenção nenhuma.  
Soube uma coisa (a velha é testemunha do meu sofrimento):  
que quando ouvi, de coração dilacerado,  
a negação da tua chegada (Ah! Ah! A inveja de ti!),  
pareceu que arrancara o próprio coração,  
que estava forçada a vomitar a alma,  
e que estava sem alma, sem fala, uma completa estátua,  
e os deuses – Ah! – culpava inteiramente,  
derramando muitas correntezas de lágrimas  
e lamentando amargamente pelo meu verdadeiro marido  
– Por quem? Ah! Ah! Pelo garboso Cáricles.»

Face a isso, Cáricles contra-argumentou: «Graças a ti,  
ó descendente de Zeus, o maior dos deuses,  
pelo estado invejoso de Calidemo  
relativamente a Drosila teres feito desaparecer,  
e teres guiado Cáricles  
da direção do lar<sup>387</sup> da velha Marilis!  
Se não invejasse<sup>388</sup> o nosso desejo,  
ele<sup>389</sup> não teria padecido da doença enviada pelos deuses.»  
E inclinando-se para o pescoço dela,  
beijou-a três vezes, agarrando-a pelo seu braço,  
julgando-se digno de receber a recompensa que as mulheres dão.  
Dizia: «Vês as árvores (apontando o dedo),  
quantos ninhos de filhotes acarretam;  
aí o matrimônio dos pardais é consumado –  
a árvore é o quarto interior, o ramo é a câmara nupcial,  
tem as suas folhas como leito;  
sim, e o grande hino nupcial é cantado  
pelos alados a esvoaçarem em redor do jardim.  
Concede, tu também, Drosila, que me case contigo,  
pelo que suportei uma miríade de sofrimentos,  
fuga, escravidão e cativeiro,

---

<sup>387</sup> MBo<sup>1</sup> 78 Bo<sup>2</sup>] para a casa.

<sup>388</sup> Entenda-se 'Calidemo'

<sup>389</sup> Entenda-se 'Calidemo'.

suspiros e mares de lágrimas.  
Oh, laços amorosos e entrelaçamentos de braço,  
enlace de dedos e entrançar de mãos!<sup>390</sup>  
Entendi, Ares, entendi, a partir do que aconteceu,  
que nem mesmo tu ficarias inadequadamente perturbado  
depois de ser aprisionado com correntes de ferro, obras de Hefesto,<sup>391</sup>  
a dormir com satisfação com a ‘nascida no mar’.<sup>392</sup>  
Contudo, meu querido amor,<sup>393</sup> não me impeças!  
Eros ajuda-me, inspirando paixão na donzela,  
e ninguém, correndo a pé, escapará do alado.<sup>394</sup>  
Oh, minha luz, aquece também o meu coração!  
A beleza sem graça agrada, mas não detém,  
assim como uma isca sem um anzol.<sup>395</sup>  
Porém, Hera e a rapariga Palas,<sup>396</sup> ao verem-te,  
disseram: ‘Já não nos despimos como dantes,  
pois um julgamento de um pastor<sup>397</sup> basta-nos.’  
Todavia, se fosse um zéfiro, donzela,  
tu, ao veres-me a soprar suavemente,  
desnudarias o teu peito e acolher-me-ias!<sup>398</sup>  
Tu, abençoada Selene de brilho esplendoroso,  
observa, guia, ilumina o estrangeiro;  
Endímion<sup>399</sup> inflamou o teu coração.<sup>400</sup>

<sup>390</sup> MBo<sup>1</sup> 96 Bo<sup>2</sup>] de pés.

<sup>391</sup> Cf. *Od.* 8.266–366.

<sup>392</sup> Afrodite.

<sup>393</sup> Drosila.

<sup>394</sup> Cf. *AP* 5.59.

<sup>395</sup> Cf. *AP* 5.67.

<sup>396</sup> Cf. *AP* 5.69.

<sup>397</sup> Cf. julgamento de Páris.

<sup>398</sup> Cf. *AP* 5. 83.

<sup>399</sup> Tradicionalmente, um jovem de grande beleza, talvez com alguma ascendência divina, era o soberano de Elis. Amado por Selene, teve uma grande descendência. Apesar de ter sido agraciado por Zeus e ter compartilhado do Olimpo para alcançar a juventude eterna, as narrativas diferem, indo desde insolência e subsequente castigo (*Schol. ad Theoc.* 3.49.), até o afeto do Sono, conforme Cic. *Tusc.* 1.38. Cf. Apollod. 1.7.5–6; *AP* 5.123.

<sup>400</sup> Vd. Apollon. 4.57; Phd. *AP* 5.123; Apollod. 1.7.5–6.

Longe com a prata, as pedras brilhantes  
e o próprio ouro que corta corações!  
Que sejam destruídas essas coisas e outra riqueza infinita,  
outrora prometida por Crisila.  
Tu és tudo isso para mim, donzela casta.  
Tens orgulho no teu cabelo louro: fora, peso do ouro!  
Possuis tez branca: adeus, encanto das pérolas!  
O teu abraço é um ornamento para o meu pescoço,  
e o canto dos teus lábios, uma pedra de rubi.  
Mas o teu casamento não fica totalmente sem adornos:  
rouxinóis, a esvoaçar em círculo,  
cantam; as andorinhas chilreiam em resposta.  
Tudo isto é o teu hino nupcial. Aceita casar comigo!  
O pardal conhece o relacionamento sexual e o casamento,  
mas nós, que nos desejamos, não nos relacionamos?»  
Dirigia essas muitas considerações à rapariga,  
pois todo aquele que ama, quando contempla a amada<sup>401</sup>  
e verte toda a sua mente em direção a ela,  
julga que todo o resto na vida é nada.  
Contudo, Drosila, pese embora o esbelto Cárcles  
possuísse e ainda que beijasse o jovem,  
apenas o saudou com abraços  
e com beijos muito melosos.  
Afirmava: «Oh! Cárcles, coração,  
não conseguiste relacionar-te sexualmente com Drosila.  
Não sofras, não lutes, não te esforces em vão.  
Não é certo que uma moça casta se comporte de modo impróprio.  
Amo-te. Como não? Por que razão?  
[Amo Cárcles, que desejo mais do que tudo].<sup>402</sup>  
Só que, como uma cortesã, não irei abdicar da minha condição de donzela,  
sem consentimento paterno e da família.  
Mostra-te confiante na providência dos deuses,  
uma vez que chamo céu, terra e estrelas para testemunhar  
que não serei dada em casamento a nenhum outro

---

<sup>401</sup> Máxima.

<sup>402</sup> 144 Bo<sup>2</sup> *om.* Bo<sup>1</sup>.

além de Cáricles. Reflete por que razão isso irá processar-se assim.  
[Entende que, desde essa noite  
em que a notícia de que permanecias aqui, meu marido,  
meu triplamente amado coração, um sonho me revelou,  
tenho confiado na ajuda divina].<sup>403</sup>  
Detenho esperança nos deuses,  
principalmente confiança em Dioniso,  
de que, daqui a algum tempo, verei a minha pátria,  
Mirtion e a querida Hedipnoe,  
e irei dançar juntamente com as minhas companheiras donzelas,  
no altar do deus Dioniso,  
irei beber do curso do belo Melíroo,  
e contigo, Cáricles, unir-me-ei em casamento.  
Seria impossível e não conseguiria ouvir  
que não era casta, especialmente em regiões estrangeiras».

«Oh! mente casta e de belos propósitos  
os teus! – Cáricles retorquiui face a Drosila –  
Quão bem a tua boca dourada fala agora!  
Quão bem a tua língua três vezes abençoada soa!  
Isso seria apropriado, isso seria sensato, donzela, exceto  
se, enquanto viajarmos para Ftia,  
formos uma vez mais impedidos pela Sorte.  
E a existência de ataques piráticos a meio caminho,  
as adagas de bárbaros de coração cruel,<sup>404</sup>  
bem como da boca do mar deveres selvagem,  
pareces não desconhecer, pois não está esquecida  
das nossas terríveis derrocadas pela Fortuna.  
E então, se (mas sê piedosa, Sorte hostil,  
e cessa, por fim, a tua fúria contra nós!)  
estivermos destinados a cair outra vez num novo  
infortúnio distinto de cativoiro,  
ou ficarmos separados um do outro? Diz».

---

<sup>403</sup> 151-154 Bo<sup>2</sup>.

<sup>404</sup> 170 Bo<sup>2</sup> numeração errada deficitária de 1 número, de ora em diante restabelecida em indicações de rodapé.

«Mas, ó Cáricles – respondeu a rapariga –,  
não é Drosila, mas o selvagem Eros,  
cujo trabalho encantador parece ter incutido no teu íntimo». <sup>405</sup>  
Enquanto aqueles dois assim falavam,  
chegou um terceiro, Cleandro, gemendo baixinho:  
«Ai de mim – dizia –, Calígone morreu!»

E «Caro Cleandro, Quem revelou essa  
notícia amarga?» – indagaram os jovens.

«Um certo Gnato, um mercador de Barzos, que chegou  
- retorquiu Cleandro.» Mas «Oh, que desgraça!  
- disseram uma vez mais, a derramarem lágrimas.»  
Cleandro começou a cantar uma monodia  
e tinha de novo os dois a chorarem em conjunto.  
Consequentemente, num lamento infinito, referiu,  
esses acontecimentos deploráveis e tão fortuitos,  
que a noite alta não permitiu  
discorrer diante deles como uma grande tragédia:  
‘Oh! Ah, Infelicidade minha! Pelo presente dia  
em que eu, o único miserável entre os homens  
sei do teu fim, Calígone!  
Deixei há muito de viver na tua companhia,  
tendo – Oh! – ficado escravo de partos de espíritos tortuosos; <sup>406</sup>  
tinha uma grande <sup>407</sup> esperança que sustentava a minha vida –  
que sozinho escaparia das mãos dos inimigos e  
conseguiria olhar-te uma vez mais, donzela.  
E agora regozijava de uma forma mais contida  
a luz da liberdade que por destino conseguira ver – Oh, deuses! –,  
porquanto tinha em mente encontrar-te quando voltasse.  
E agora, minha luz, ficaste completamente obscurecida.  
Como hei de viajar? Como hei de chegar sozinho?

---

<sup>405</sup> Cf. Pl. *Phd.* 81a; *AP* 5.177, 178.

<sup>406</sup> 195-199 Bo<sup>1</sup> numeração deficitária de 1 verso errada. A tradução não reproduz o lapso.

<sup>407</sup> M Bo<sup>1</sup> 202 Bo<sup>2</sup>] pequena.



Não tivesse eu de pagar, ó terra, fogo, água, ar, nuvem,  
globo, que tudo recebe, e luz do sol,  
haver saído do ventre e vindo para a vida!  
Se era de todo necessário que eu tivesse nascido de uma mãe,  
importava que, atravês desses acasos inenarráveis,  
eu tivesse sido destruído e dissolvido em cinzas,  
antes de haver adquirido percepção completa  
e antes de ter visto o dia presente.  
Ah! Ah! Lamento aquela que morreu, qual tolhido  
cacho de uvas não maduras ou uma espiga de milho verde  
no campo, pelos dedos hostis de Caronte.  
Como suportarei a sorte desesperançada,  
quando um novo infortúnio após outro  
circunda a minha cabeça?  
Escapaste das mãos de homens bárbaros,  
porém não do homicida Caronte.  
Pereceu a esperança que até agora me nutria.  
Pereceu outrossim Cleandro, tal como Calígone.  
Oh, tu, infeliz Barzos, cidade miserável,  
na qual fomos separados um do outro pela força!  
Quão melhor seria para mim ter morrido juntamente com a donzela  
do que viver quebrantado e a deplorar profundamente,  
a habitar a terra como uma sombra que se move!  
Todas as minhas antigas esperanças desapareceram.  
Nem me dirigi a ti na altura do último suspiro,  
Calígone, meu prodígio, minha augusta donzela.<sup>408</sup>  
Oh! Como a minha mente considera surpreendente  
que os tempestuosos desaires  
não tenham vergado para a piedade ou a compaixão  
a Fortuna – Oh! –, que é tão adversa para conosco.<sup>7</sup>  
Enquanto o rapaz lamentava assim,  
os jovens, a chorar conjuntamente, consolavam-no  
com dizeres agradavelmente animados e sedutores.  
Quando a noite chegou, ocultando o dia,  
foram juntos para a casa de Marilis

---

<sup>408</sup> 235 Bo<sup>2</sup>.

e, a mesa preparada  
encontrando, reclinaram-se. Uma vez mais a velha  
dispôs comidas e vinho diante deles.  
Senta-se com eles um estrangeiro,  
pois viera como mensageiro de informações duplas  
(uma amarga para Cleandro, e outra doce, para Cáricles).  
Ao porem mãos à refeição,  
compeliam a velha a dobrar o seu joelho;  
ela, porém, ocupada com a luminária,  
[tomando cuidado para acendê-la,]<sup>409</sup>  
afirmou: «Crianças, tu Cleandro e Gnato,  
e tu Cáricles e a donzela Drosila,  
os quatro deveis refastelar-vos comigo.  
De fato, amo-vos como Cramo,  
que tinha por filho, o único dado à luz por mim,  
de cujas graças hei desfrutado pouco  
e há muito sou angustiada.<sup>410</sup>  
Vós quatro deveis refastelar-vos felizes comigo,  
vós quatro deveis sorver o meu vinho,  
já que ver-vos é o alimento que tenho.»  
Todavia, quando Gnato os nomes de Drosila e Cáricles  
ouviu a partir de Marilis,  
começou a falar, mas contraiu-se de novo.  
Olhando para eles mais atentamente,  
percebeu a paixão que existia entre eles  
[e que encontrara os fugitivos.  
Extaticamente, proferiu com alegria:  
‘Zeus e deuses, que bom dia agora!]<sup>411</sup>  
Reconhecendo que poderei receber, a partir de dois homens, enormes  
recompensas pela sua alegria, dir-lhes-ei:<sup>412</sup>  
<Oh! Saudações, Frator, e tu também, Mirtion,

<sup>409</sup> 254 Bo<sup>2</sup> *om.* MBo<sup>1</sup>] 255 Bo<sup>2</sup> numeração deficitária de 1 verso. De ora em diante, indicações em rodapé corrigem.

<sup>410</sup> Cf. Ach.Tat. 5.13.

<sup>411</sup> 270-272 Bo<sup>2</sup> *om.* MBo<sup>1</sup>.

<sup>412</sup> 264 MBo<sup>1</sup>.

vou revelar que os vossos filhos estão vivos>.

«A tua boca está recheada de mel, Gnato  
– afirmaram.» E depois questionaram o estrangeiro:

«Onde está Frator e onde está Mirtion?  
e como é que o fato de nós dois sermos os filhos daqueles  
discerniste? Diz, por favor».

«Eu irei instruir-vos quanto àquilo que desconhecem  
– falou-lhes Gnato, enquanto degustava –  
Com efeito, esses homens estrangeiros que mencionei,  
que vi e com os quais conversei  
foram há muito trazidos para a cidade de Barzos,  
[enviados, segundo diziam, por sonhos,]<sup>413</sup>  
transportando uma pesada carga de ouro,  
e, no meio da cidade, falavam muito  
[a respeito de Drosila e Cáricles.  
Os velhos homens encontravam-se deveras perturbados,  
afirmando que pelo filho de Zeus]<sup>414</sup>  
tinham sido enviados de Ftia para Barzos  
e que procuravam os seus filhos.  
Em todo o caso, como ainda não tinham conseguido encontrar-vos,  
disseram: <Quanto a nós (pois, para onde correr?  
Por onde andar? Como poderíamos alcançá-los?),<sup>415</sup>  
permaneceremos aqui, por obediência ao deus.  
Talvez, ao longo do tempo acabem por chegar à cidade.  
O que nos trouxe aqui,  
forçá-los-á a correr  
e a pôr fim, após um já longo período, às suas andanças.  
Tu, porém, ó excelente amigo, Gnato de Barzos  
(na verdade, viram que carregava estes burros;

<sup>413</sup> 287 Bo<sup>2</sup> *om.* MBo<sup>1</sup>.

<sup>414</sup> 290-292 Bo<sup>2</sup> *om.* MBo<sup>1</sup>.

<sup>415</sup> Numeração deficitária de 1 verso, a partir de 297 Bo<sup>2</sup>. Alusões em rodapé corrigem.

que me apressava para chegar à localidade),  
tem em mente esses nossos filhos que andam por aí,  
caso, de alguma forma, com a ajuda dos deuses, consigas encontrá-los.  
Quando nos revelares, hás de receber dez minas de ouro.>  
E agora, a boa sorte acompanhou-me,  
como observais, e fez-me reconhecer-vos».

‘Mas a formosa donzela Calígone  
morreu. Ah! Ah! Que Fortuna desumana!’  
Havendo preferido o último discurso, Cleandro,  
juntamente com essas palavras, libertou o seu espírito.<sup>416</sup>  
De facto, é sabido que mata mais do que uma espada bem afiada<sup>417</sup>  
infligida sobre alguém, muitas vezes um severo pesar.  
Assim, no meio de Drosila e Cáricles,  
a hostilidade da Fortuna não parou  
de trazer um grande amontoado de lamentos  
e de misturar dolorosamente eventos dolorosos com os mas felizes.

---

<sup>416</sup> Cf. Ach.Tat. 2.30, 34, 5.12. Vd. Longo.

<sup>417</sup> Máxima.

NONO LIBELO

[Funeral de Cleandro e lamentos de Drosila também por Calígone – 1-107, 187-231. Gnato procure cessar os lamentos de Cáricles e Drosila – 108-140. Partida e chegada a Barzos: reencontros e banquete – 141-186. Regresso a Ftia – 232-256. Esponsais de Cáricles e Drosila – 257-271.]

Já era manhã, e a luz do dia  
irradiava com brilho, desde o Leste, em toda a parte da terra.  
Chorando copiosamente, como é costume dos amigos,  
queimam o corpo segundo o costume dos helenos,  
oferecendo libações, com as assadas  
carnes juntamente e com melicrato<sup>418</sup> a fluir.  
Acorreu todo o pastor, todo o camponês,  
todo o homem solidário, para o túmulo do estrangeiro,  
e toda mulher deveres sofredora,  
dentre as quais Marilis a encabeçar o luto.  
Pranteou aquele<sup>419</sup> terra,<sup>420</sup> rocha,<sup>421</sup>  
rio de vales e escuras ravinas,  
pois Cleandro na altura era o suficiente  
para despertar a piedade mesmo na dura categoria das rochas.  
Mas Drosila, embora sendo uma donzela,  
lamentava então mais do que todas as mulheres.  
Com efeito, quando a onda do mar, com o vento do Sul,  
o fluxo levantado das ondas,  
vira o navio tomado pela movimentação,  
ainda que tenha uma quilha e possua boa execução,  
uma vez que as ondas se vão sucedendo uma após a outra,  
sem quantidade nem limite de tamanho –  
caso não exista de Corebo<sup>422</sup> insano um  
filho similar que imite as habilidades do pai,  
tentando em vão, por nenhuma necessidade,  
medir a imensa movimentação de ondas,

<sup>418</sup> Cf. hidromel: o leite e o mel.

<sup>419</sup> Entenda-se 'Cleandro'.

<sup>420</sup> MBo<sup>1</sup> 11 Bo<sup>2</sup>] carvalho.

<sup>421</sup> Cf. Theoc. 1.69–85; Mosch. 1–2.

<sup>422</sup> Cf. Zen. 4.58; Diogenian. 5.56.

quando, na estação de outono,  
Posídon<sup>423</sup> desperta o vento suão,  
por seu turno, o vento suão eriça o mar,  
esse mar agita os navios,  
e os navios, os corações dos que navegam;  
assim, incontavelmente, derramaram-se miríades  
de tempestades, e tempestuosos infortúnios intermináveis  
inundavam os juízos de Drosila,  
como uma onda forte um navio sem lastro.<sup>424</sup>  
Afirmava então, lamentando o jovem:  
‘Ai de mim, ó Cleandro! Um demônio de mão forte,  
divindade vingativa que traz miseráveis períodos,  
atacando-nos com severidade e ira!  
Acarreta, na verdade, infortúnios a seguir a outros infortúnios,  
e sempre um novo supera o antigo.  
Por que isso, Fortuna? Quando irão parar?  
Qual o limite das nossas lágrimas?  
Ó doce Cleandro, companheiro de prisão,  
companheiro de escravidão, companheiro de trabalho, companheiro de juventude,  
companheiro de cativo, companheiro de liberdade, estrangeiro,  
partes antes da hora, milho fresco na estação,  
sem haveres falado com o teu próprio pai  
no expirar dos últimos suspiros!  
Ó ramo de um denso galho de Lesbos,<sup>425</sup>  
nascestes denso, belo e doce,  
mas, pouco a pouco, como por uma estranha chama,  
ficaste<sup>426</sup> seco, pronto para a morte.  
Ontem estavas entre nós, mas agora entre os outros;<sup>427</sup>  
ontem estavas a falar comigo, hoje não ouves;  
ontem conversavas para meu contentamento,  
agora estás áfono, para minha atimia.

---

<sup>423</sup> Deidade do domínio marinho.

<sup>424</sup> Cf. Pl. *Tht.* 144a.

<sup>425</sup> Cf. Sapph. fr. 115 Voigt.

<sup>426</sup> MBo<sup>1</sup> 53 Bo<sup>2</sup>] inclinaste.

<sup>427</sup> MBo<sup>1</sup> 54 Bo<sup>2</sup>] ctónicos.

Não há saciedade para os nossos tormentos?  
Até que ponto progrediremos nos males?  
Oh! infeliz de ti, infeliz Calígone!<sup>428</sup>  
O teu filho, Cleandro, o estrangeiro,  
tendo voado como um alado, a partir do braço paterno,  
jaz, caído muito lamentavelmente em sítios estrangeiros.  
Oh! Miserável, como nutres as boas esperanças  
de encontrar o teu filho, de recebê-lo após a sua jornada,  
de acender o fogo e as tochas nupciais,  
de organizar festividades, danças e uma câmara nupcial,  
e de que os amigos de Cidipe se alegrem com ela  
pelo regresso do belo Cleandro?  
Porém, tendo, após longo tempo, aprendido o erro da sua sagacidade  
e a força inconsistente do seu raciocínio  
e sabido que o filho tinha morrido no estrangeiro  
(de fato, o tempo é um instrutor a respeito dos eventos),  
lamentarás também muitas coisas e irás suspirar profundamente,  
derramar um fluxo de lágrimas dos olhos  
compelida além do choro anterior;  
já que, anteriormente, porventura uma esperança moderada obstou  
o fluxo excessivo de lágrimas;  
mas pouco a pouco dissiparás com o tempo  
as brasas da dor, como neve pelo sol.  
Oh! Oh! Companheiro cativo, companheiro viajante.  
Então, se alguma vez Cáricles, por sorte miserável,  
de mim, a desafortunada, três vezes desgraçada Drosila,  
correr o risco de ser uma vez mais retirada,  
quem, quem aliviará o peso da minha dor?  
Quem providenciará uma pausa dos sofrimentos  
com um discurso melífico e uma maneira reconfortante?  
Na realidade, psicagogia, salvação,  
todo o consolo desapareceu para mim.  
Que brisa leve e orvalho, frescura aplacadora de chamas,  
o fogo incessante e a chama que se levantou  
dos meus sofrimentos que não têm pausa, extinguiria?

---

<sup>428</sup> MBo<sup>1</sup> 60 Bo<sup>2</sup>] Calístias.

Que descanso e fim dos sofrimentos haveria?  
E teria agora a minha mente descanso após esta tripla onda de sofrimentos?<sup>429</sup>  
Oh, quem, Cáricles, te confortaria,  
se Drosila sofresse algum infortúnio?  
Noite profunda e vasta escuridão,  
também poeira turva (Oh, deploráveis acontecimentos!)  
detêm – Ah! Ah! – o coração de Cleandro.  
Oh! Como glorificarás a tua mãe Cidipe,  
tendo sido enterrado desafortunadamente no estrangeiro;  
como irás agradá-la com coroas e irás enaltecer  
os quadris de onde vieste para esta luz;  
e como poderás ser o cajado e a cana,  
para o teu progenitor, após ter, com a passagem do tempo, chegado à velhice?  
Ó luz, vela da alegria, candeia da família,  
foste apagada, despedaçada, destruída, escondida.’  
Entretanto, enquanto Drosila deplorava assim o estrangeiro,  
«De tumulto excessivo a propósito do cadáver,  
de lágrimas imoderadas e lamentação  
chega – afirmou, no meio, o mercador estrangeiro.<sup>430</sup>  
De fato, se entre a alegria suceder<sup>431</sup>  
por acaso um evento doloroso, que atormenta e perturba a mente,  
aquele que tem bom senso deveria dar primazia à alegria;  
quando a opressão é absoluta, então,  
ninguém merece censura se chorar em extremo;  
mas se os benefícios estiverem misturados com os agravos,  
deve tomar-se o melhor da fortuna – considero –,  
pois o que é desfavorável suplanta as coisas melhores,  
e há mais aspectos miseráveis na vida do que agradáveis.  
Por conseguinte, pensa bem nas aflições,  
caso algum benefício possa quiçá suceder no meio,  
trazido inesperadamente por acaso.  
Os eventos correspondentes ao esperado não representam tanto

---

<sup>429</sup> Vd. E. *Pr.* 1015; Cáriton 3.2.6.

<sup>430</sup> Entenda-se ‘Gnato’.

<sup>431</sup> Máxima.



para os homens que estão prestes<sup>432</sup> a usufruir  
do prazer que trazem, caso saibam  
e aguardem por eles de antemão,  
tanto quanto o bem que acontece além do esperado,  
pois ele eleva a alma, mitiga o coração,  
e coloca toda a dor  
em movimento, a partir das profundezas da mente  
e dos recônditos locais da razão,  
e restabelece os que sofrem,  
suavizando o aparência dos que estão perturbados,  
de modo a apresentarem uma outra forma e uma nova postura,  
e também confere coloração ao aspecto do semblante,  
para apresentar uma forma de perfeita beleza.  
Encerra por fim as longas lamentações,<sup>433</sup>  
[põe-te a recuperar, rapariga;  
e tu também, Cáricles, cessa o lamento;]<sup>434</sup>  
compõe-te a ti mesma, para que nenhum mal aconteça,  
uma vez que convém suportar o que acontece com nobreza.»  
Assim suportavam os seus sofrimentos.<sup>435</sup>  
Porém, ainda não tinham passado dois dias,  
e todos os bens que Gnato trouxera  
havia vendido aos camponeses locais.  
Por conseguinte, tomando o casal amado consigo,  
viajou com a rapidez de jovens aves para Barzos.  
Ao chegarem ao portão de entrada,  
avistam os seus próprios progenitores abençoados<sup>436</sup>  
Cáricles e a donzela Drosila.  
Tendo-se sentado<sup>437</sup> numa pedra, um assento polido,  
estavam espantados e com uma aparência nobre de vergonha.  
Mas Gnato, antecipando-se e precedendo-os,  
abraçou ambos os velhos

<sup>432</sup> MBo<sup>1</sup> 125 Bo<sup>2</sup>] pretendem.

<sup>433</sup> MBo<sup>1</sup> 138 ULBo<sup>2</sup>] Sim.

<sup>434</sup> 139-140 Bo<sup>2</sup> *om.* MBo<sup>1</sup>.

<sup>435</sup> Numeração errada de Bo<sup>1</sup> a partir de 144, reparada na tradução.

<sup>436</sup> MULBo<sup>1</sup> 150 Bo<sup>2</sup>] miseráveis.

<sup>437</sup> Entenda-se 'os pais'.

e, após anunciar-lhes a chegada dos filhos,  
recebe, em troca, o pagamento de dez minas de ouro.  
Mas, quando se viraram para os seus filhos,  
que tipo de alegria sentiram não posso dizer,  
assim que viram o belo par  
a pisar subitamente o solo de Barzos.  
Primeiramente, choraram, como é habitual na velhice,  
depois beijaram as suas cabeças com satisfação,  
alegravam-se, sofriam, deleitavam-se, angustiavam-se,  
regozijavam-se, lamentavam-se, aplaudiam ruidosamente.  
Lágrimas de alegria correram abundantemente,  
e o treno de felicidade elevava-se ainda mais.  
Todo o povo de Barzos apareceu no caminho,  
quando soube do acontecido a partir de mensageiros:  
chegavam, deixando as suas casas,  
crianças, velhas, rapazes robustos, homens de meia-idade<sup>438</sup>  
[jovens, mulheres,, crianças frágeis e mulheres anciãs,  
todos se aglomeravam em torno dos jovens.  
A lamentação fazia sentir-se no grande tumulto,  
e a alegria impunha-se sobre o treno.  
Assim compartilhava a dor e saltava de alegria,  
com os pais daqueles, toda a comunidade.  
Fratro abraçou a donzela Drosila,  
e dirigiu-se a ela, como se fosse sua filha:  
«Alegrai-vos, filhos – após regressar em segurança aos vossos pais,  
trouxestes alegria aos vossos dois pais,  
e nós também encontramos felicidade nos nossos filhos.  
Quão venturoso é o fim da vossa jornada,  
quão afortunado é o acabar das nossas lágrimas!  
Prosperem e preservem-se para o vosso matrimónio.  
vós, que os deuses uniram, atuando como vossos padrinhos de casamento»  
Depois de com demoradas conversas uns com os outros  
se ocuparem até à noite,  
lembram-se do jantar. Gnato sentou-se  
e pediu que Frator se sentasse ao seu lado;

---

<sup>438</sup> MBo<sup>1</sup> 171 Bo<sup>2</sup>] a donzela.

Frator atendeu ao pedido de Gnato  
e pediu a Mirton que se sentasse com ele;  
Mirton solicitou o noivo Cárcles,  
e então Cárcles requereu a donzela Drosila.  
Os três homens sentaram-se à esquerda,  
e, à direita, o par apaixonado,  
isto é, Cárcles e a donzela].<sup>439</sup>  
Ele<sup>440</sup> considerava que não merecia pouca censura,  
[mas sobretudo insolências e insultos,]<sup>441</sup>  
Gnato, responsável pela receção,  
porque não sentara Drosila à sua frente,  
pois tinha os seus olhos derretidos de amor,  
e Mirtion, o pai da rapariga,  
ocupava o lugar perto do assento dele,  
de modo que, ao celebrar tamanha alegria,  
podia contemplar a rapariga e ver o seu rosto.  
Sim, até invejava (como poderá descrever-se?)  
a taça, devido ao facto de os macios lábios  
da donzela a tocarem de excelente maneira;  
tinha ciúmes até face ao gole de vinho,  
porquanto próximo da boca de Drosila.  
Assim prosseguiram os episódios do banquete;  
e a noite de pés negros verteu-se sobre os estrangeiros,  
aliviando a tensão das sobranceiras,<sup>442</sup>  
trouxe o sono agradável até aos olhos.<sup>443</sup>  
Mas, ao amanhecer, a linda e inteiramente formosa  
filha do velho Mirtion  
pegou a urna de Calígone  
e molhava-a com outro banho de lágrimas.  
A raça das mulheres sente muita compaixão,  
está pronta a chorar por sofrimentos alheios,

---

<sup>439</sup> 172-197 Bo<sup>2</sup> om. MBo<sup>1</sup>.

<sup>440</sup> Entenda-se 'Cárcles'.

<sup>441</sup> 199 Bo<sup>2</sup> om. MBo<sup>1</sup>.

<sup>442</sup> Vd. AP 42.3.

<sup>443</sup> Máxima.

e propensa para o choro imediato –  
com efeito, não só em circunstância de infortúnios  
tende a deplorar e a chorar longamente,  
sobretudo se alguém morrer  
mas também continuamente, no decurso do tempo,  
para preservar a lembrança de males, chora.  
Assim, aquela donzela, simpateticamente,<sup>444</sup>  
gritou ao inclinar-se face a Calígone.  
Passara despercebida aos quatro, que dormiam:  
Gnato, o progenitor Mirtion,  
e sim,<sup>445</sup> Cárcles, bem como o seu pai.  
Batia no peito e gritou  
com gemidos e com uma torrente de lágrimas:  
‘Ó Fortuna hostil deveras maligna,  
não te bastaram os acontecimentos anteriores,  
as dolorosas amarguras do coração de Drosila,  
mas acrescentas a esses o restante.  
Tu matas a donzela Calígone,  
porém, Calígone enterra Cleandro;  
contudo Cleandro os seus parentes  
não consegue levar à morte juntamente consigo. Todavia, ao coração deles  
envia amarguras de dor tamanha.  
Lamento por ti, ó rapariga Calígone,  
companheira donzela; choro por ti, que ficaste sepultada na terra,  
em vez de Cleandro, que partiu,  
que partilhou conosco, quando estávamos em terras estrangeiras;  
lamento por ti, privada de mãe e de pai,  
e – Ah! – que morreste longe da pátria,  
que não vi e com quem não cheguei a falar,  
a quem não mostrei afeto nem abracei na alegria,  
de quem não teria consolo nos infortúnios.  
Que nunca tive esse visto Cleandro  
e compartilhado não apenas comida, mas também lágrimas!  
Contudo, recebe tu o meu lamento,

---

<sup>444</sup> 200 MBo<sup>1</sup>] 232 Bo<sup>2</sup>.

<sup>445</sup> MULBo<sup>1</sup> 231 Bo<sup>2</sup>] e.

que agora verti por ti, como libações fúnebres.’  
Disse isso e, com apropriada modéstia,  
entrou novamente na morada de Gnato,  
onde Gnato recebeu como hóspedes os velhos  
com os seus filhos, no primeiro dia.  
Como não desejavam permanecer mais tempo aí,  
aproximou-se deles por fim, discursando agradavelmente,  
deu aos homens um beijo amistoso,  
e enviou-os, no dia seguinte, para a sua pátria.  
Então, o mar estava calmo,  
sem ventos destruidores de navios a soprar,  
nem ondas a encrespar-se.  
Eles de uma viagem suave e muito agradável  
disfrutaram e preparavam-se para a sua muito querida pátria.  
Quando haviam navegado por dez dias,  
chegaram finalmente à sua pátria,  
e pisaram os lugares desejados.  
Frator, progenitor de Cáricles,  
puxava Mirtion para a sua casa;  
Mirtion, progenitor de Drosila,  
puxou,<sup>446</sup> por sua vez, para o seu domicílio;  
enquanto as mães do jovem e da rapariga –  
Hedipnoe, por um lado, mas também, por outro, Cristale –,  
quando souberam do sucedido, imediatamente  
correram para aí, abraçaram os jovens<sup>447</sup>  
e encharcaram-nos com lágrimas de alegria.  
O afetuoso ramo de pais e mães,  
a multidão de compatriotas e os concidadãos  
aplaudiam, alegravam-se em torno dos jovens,<sup>448</sup>  
e regozijavam-se de tal maneira e em que quantidade!  
Assim estavam eles. Todavia, chegou alguém,  
o primeiro entre eles, o sacerdote de Dioniso,  
espalhando que rapidamente deveriam dirigir-se

---

<sup>446</sup> Entenda-se ‘Frator’.

<sup>447</sup> MUBo<sup>1</sup> 280 Bo<sup>2</sup>] filhos.

<sup>448</sup> 284 Bo<sup>2</sup>] aplaudiam, alegravam-se, saltavam muito.

para o templo todas as massas,  
de modo a que pudesse unir com Cáricles  
a noiva Drosila em matrimônio.  
Falou isso e prontamente dois  
ramos de videira forneceu aos noivos,  
e conduziu-os para o templo, junto com a caterva.  
De resto o que aconteceu? Foi unida em casamento  
a noiva Drosila com o noivo Cáricles,  
e para a casa dos progenitores  
com coroas, aplausos e címbalos;  
a rapariga, que ao anoitecer se mantivera donzela, não permaneceria  
— de manhã, levantou-se da cama uma mulher.<sup>449</sup>

---

<sup>449</sup> Vd. Musae. 287.

#### ABSTRACT

Nicetas Eugenianus' work, one of the four surviving Byzantine novels, offers a revival of Classical Antiquity's interrupted literary production. This twelfth-century Byzantine narrative, emerging during the Komnenian period, incorporates precedential topoi enriched with elements from the Byzantine semiosphere under a Judeo-Christian paradigm. Often regarded as a second-order imitation lacking originality in character, style, language, and rhythm, the amorous tale of Drosilla and Charicles is nonetheless notable. This monody, written in nine books, transcends passivity through intertextual dialogism, allusions, quotations, and the involvement of a diverse cast in free indirect speech, integrating elements from various literary genres. The diegesis presents a multifaceted blend of vectors and themes, including struggles, passions, sufferings, descriptions, deaths, regrets, jealousy, memories, hospitality, and mistakes. Likely composed as a tribute to Theodore Prodromus, this work, despite its limited publicity, variations, and gaps, remains a valuable testament to the vitality of ancient traditions and the capacity for integration and reconstruction with medieval relevance.

#### KEYWORDS

Romance; Love; Paganism; Classical motifs; Byzantine era.

#### REFERÊNCIAS

- AGAPITOS, P.; REINSCH, D. (eds.). *Der Roman im Byzanz der Komnenenzeit: Referate des Internationalen Symposiums an der Freien Universität Berlin, 3. bis 6. April 1998. Meletemata 8*. Frankfurt am Main: Beerenverlag Beerenverlag, 2000.
- AGAPITOS, P.; SMITH, O. *The Study of the Medieval Greek Romance: A Reassessment of Recent Work*. Copenhagen: Museum Tusculanum Press, 1992.
- ALEXIOU, Margaret. Eros and the “constraints of desire. In: \_\_\_\_\_. *After Antiquity: Greek Language, Myth, and Metaphor*. Ithaca: Cornell University Press, 2002, p. 111–126.
- BARBER, C. Reading the garden in Byzantium: nature and sexuality. *BMGS*, v. 16, 1992, p. 1–19.
- BEACON, R. Epic and Romance in the Twelfth Century. In: LITTLEWOOD, A. (ed.). *Originality in Byzantine Literature, Art and Music: A Collection of Essays*. Oxford: Oxbow, 1995, p. 81-91.
- \_\_\_\_\_. *The Medieval Greek Romance*. London: Routledge, 1996.
- \_\_\_\_\_. Transplanting culture: from Greek novel to medieval romance. In: SHAWCROSS, T. *Reading in the Byzantine Empire and Beyond*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018, p. 499-514.
- BECK, H.-G.; CONCA, F.; CUPANE, C. *Il romanzo tra cultura latina e cultura bizantina*. Palermo: Enchiridion, 1986.
- BILLAULT, A. *La création romanesque dans la littérature grecque à l'époque impériale*. Paris: Presses universitaires de France, 1991.
- BUCKLER, G. Women in Byzantine Law about 1100 A.D. *Byzantion*, v. 11, 1936, p. 391-416.
- BURTON, J. Reviving the Pagan Greek Novel in a Christian World. *GRBS*, v. 39, p. 179–216, 1998.
- \_\_\_\_\_. Abduction and Elopement in the Byzantine Novel. *GRBR*, v. 41, 2000, p. 377–409.
- \_\_\_\_\_. A Reemergence of Theocritean Poetry in the Byzantine Novel. *CPh*, v. 98, n.3, 2003, p. 251-273.
- \_\_\_\_\_. From Theocritean to Longan Bucolic: Eugenianus' *Drosilla* and *Charicles*. *GRB*, v. 52, n.4, 2012, p. 684-713.
- \_\_\_\_\_. Reviving the Pagan Greek Novel in a Christian World. *GRBS*, v. 39, 1998, p. 179–216.
- BURTON, J. Byzantine Readers. In: WHITMARSH, T. (ed.9. *The Cambridge Companion to the Greek and Roman Novel*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 272–281.



- CHATTERJEE, Paroma. *Between the Pagan Past and Christian Present in Byzantine Visual Culture Statues in Constantinople, 4th-13th Centuries CE*. Cambridge: Cambridge University Press, 2022.
- CONCA, Fabrizio. Il romanzo di Niceta Eugenio: Modelli narrativi e stilistici. *SicGymn*, v. 39, 1986, p. 115–126.
- COOK, A. *Nomen Omen*. *CR*, v. 21, 1907, p. 169.
- CULLHED, Anders; FRANZÉN, Carin; HALLENGREN, Anders. *Pangs of Love and Longing: Configurations of Desire in Premodern Literature*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2013.
- CUPANE, C. "Ἔρως βασιλεύς. La figura di Eros nel romanzo bizantino d'amore. *AAPal*, v. 33, n.2, 1974, p. 243–297.
- DAWE, R. Notes on Theodorus Prodromus Rhodanthe and Dosicles and Nicetas Eugenianus Drosilla and Charicles. *ByzZ*, v. 94, n.1, 2001, p. 11-19.
- DELIGIORGIS, S. A Byzantine Romance in International Perspective: The Drosilla and Charikles of Niketas Eugenianos. *Neohellenika*, v. 2, 1975, p. 21-32.
- DIMITROPOULOU, V. Imperial Female Patronage in the Komnenian Era. *Acta ad archaeologiam et artium historiam pertinentia*, v. 22, p. 109–28. 2017.
- EGGER, B. Women and Marriage in the Greek Novels: The Boundaries of Romance. In: TATUM, J. (ed.). *The Search for the Ancient Novel*. Baltimore; London: The Johns Hopkins University Press, 1994, p. 260-80.
- FUSILLO, M. Le conflit des émotions: un topos du roman grec érotique. *MH*, v. 47, n.4, 1990, p. 201-221.
- GARLAND, L. 'Be Amorous, But Be Chaste . . .': Sexual Morality in Byzantine Learned and Vernacular Romance. *Byzantine and Modern Greek Studies*, v. 14, 1990, p. 62–120.
- GARLAND, L. *Byzantine Women: Varieties of Experience 800-1200*. London: Ashgate Publishing Ltd, 2006.
- GIUSTI, A. Cultura letteraria e pratica compositiva nel romanzo di Niceta Eugenio. In: GARZYA, A. (ed.). *Metodologie della ricerca storica sulla tarda antichità: Atti del I Convegno dell'Associazione di Studi Tardoantichi Napoli, 16-18 ottobre 1987*. Napoli, 1989, p. 407-414.
- GIUSTI, A. Nota a Niceta Eugenio Dros. et Char. VII 247–332. *SIFC*, v. 3, p. 216–23, 1993.
- GLARE, P. *Oxford Latin Dictionary*. New York: Oxford University Press, 1982.
- GOLDHILL, S. *Foucault's Virginity: Ancient Erotic Fiction and the History of Sexuality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- GOLDWYN, A.; NILSSON, I. *Reading the Late Byzantine Romance: A Handbook*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

- GOLDWYN, A. *Byzantine Ecocriticism: Women, Nature, and Power in the Medieval Greek Romance*. Cham: Palgrave Macmillan, 2018.
- HÄGG, T. *The Novel in Antiquity*. Berkeley: University of California Press, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Narrative Technique in Ancient Greek Romances: Studies of Chariton Xenophon of Ephesus and Achilles Tatius*. Stockholm: Svenska institutet i Athen, 1971.
- HOOF, A. Van. *From Autothanasia to Suicide*. London: Routledge, 1990.
- HUNGER, H. *Die byzantinische Literatur der Komnenenzeit. Versuch einer Neubewertung*. Wein: Österreichische Akademie der Wissenschaften, Kommissionsverlag Böhlau, 1968.
- \_\_\_\_\_. On the Imitation ΜΙΜΗΣΙΣ of Antiquity in Byzantine Literature. *DOP*, v. 23/24, 1969, p. 15–38.
- \_\_\_\_\_. *Die hochsprachliche profane Literatur der Byzantiner: Philologie, Profandichtung, Musik, Mathematik und Astronomie Naturwissenschaften, Medizin, Kriegswissenschaft, Rechtsliteratur Byzantinisches Handbuch*. 2. München: C.H.Beck, 1978.
- JAMES, L. *Desire and Denial in Byzantium: Papers from the Thirty-First Spring Symposium of Byzantine Studies, University of Sussex, Brighton, March 1997*. Aldershot: Routledge, 1999.
- JEFFREYS, E. *The Novels of Mid-Twelfth Century Constantinople: The Literary and Social Context*. In: SEVCENKO, I.; HUTTER, I. (eds.). *AETOS: Studies in Honour of Cyril Mango, presented to him on April 14, 1998*. Stuttgart: Teubner, 1998, p. 191–199.
- JOUANNO, C. Nicéas Eugénianos: Un héritier du roman grec. *REG*, v. 102, 1989, p. 346–360.
- \_\_\_\_\_. Les barbares dans le roman byzantin du XII. *Byzantion*, v. 62, 1992, p. 264–300.
- \_\_\_\_\_. Les jeunes filles dans le roman byzantin du XII. In: POUDERON, B.; HUNZINGER, C. (eds.). *Les personnages du roman grec, Actes du colloque de Tours, 18–20 novembre 1999*. Lyon: Maison de l'Orient Méditerranéen, 2001, p. 329–346.
- \_\_\_\_\_. Du roman grec au roman byzantin: réflexions sur le rôle de la tyché. In: BOST-POUDERON, C.; POUDERON, B. (eds.). *Les hommes et les dieux dans l'ancien roman: Actes du colloque de Tours, 22–24 octobre 2009*. Tours: MOM Éditions, 2012, p. 287–304.
- KALDELLIS, A. Bemerkungen zu Niketas Eugenianos. *JÖByz*, v. 16, 1967, p. 101–117.
- \_\_\_\_\_. *Byzantine Hellenism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

- KAZHDAN, A.; EPSTEIN, A. *Change in Byzantine Culture in the Eleventh and Twelfth Centuries*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1985.
- KAZHDAN, A.; FRANKLIN, S. *Studies on Byzantine Literature of the Eleventh and Twelfth Centuries*. Cambridge/New York: Cambridge University Press; Paris: Editions de la Maison des sciences de l'homme, 1984.
- LAIYOU, A. The Role of Women in Byzantine Society. *JÖByz*, v. 31, n.1, 1981, p. 233-260.
- LEVESQUE, P. L. Notice des Amours de Drosille et de Charicles, de Nicetas Eugenianus. In: Institut National de France. *Notices et Extraits des Manuscrits de la Bibliothèque Nationale*, 6. Paris; Imprimerie de la République, 1800, p. 223-250.
- LIDDELL, H.; SCOTT, R. *A Greek-English Lexicon*. New York: Oxford University Press, 1992.
- MACALISTER, S. Byzantine Twelfth-Century Romances: A Relative Chronology. *Byzantine and Modern Greek Studies*, v. 15, 1991, p. 175-210.
- \_\_\_\_\_. *Dreams and Suicides: The Greek Novel from Antiquity to the Byzantine Empire*. London/New York: Routledge, 2013.
- MOORE, M. *Gender in the Premodern Mediterranean*. Tempe: Arizona Center for Medieval & Renaissance Studies, 2019.
- NEVILLE L. Anna Komnene. In: *Guide to Byzantine Historical Writing*. Cambridge, Cambridge University Press, 2018, p. 174-85.
- POLJAKOVA, S. O chronologiceskoj posledovatelnosti romanov Evmatija Makrembolita i Fedora Prodroma. *Vizantijskij Vremennik*, v. 32, 1971, p. 104-108.
- REINSCH, D. Women's Literature in Byzantium? The case of Anna Komnene. In: Gouma-Peterson, T. (ed.). *Anna Komnene and Her Times*. New York/London, Taylor & Francis, 2000, p. 83-106.
- SELDEN, Daniel. Genre of Genre. In: TATUM, J. (ed.). *The Search for the Ancient Novel*. Baltimore/London: The Johns Hopkins University Press, 1994, p. 39-64.
- SHEVTSOVA, M. Dialogism in the Novel and Bakhtin's Theory of Culture. *New Literary History*, v. 23, n.3, 1992, 747-763.
- STAFFORD, E.; HERRIN, J. *Personification in the Greek World: from antiquity to Byzantium*. Aldershot: Ashgate, 2005.
- SVOBODA, K. La composition et le style du roman de Nicetas Eugenianos. *Izvestija Bulg. Archeol. Instituta*, v. 9, p. 191-201, 1935.

TROCA PEREIRA, R.M. Agamemnon: Entre o Mito e a Literatura. Tese de Doutoramento Estudos Clássicos, especialidade Literatura Grega. Faculdade de Letras Universidade de Coimbra, 2013a.

\_\_\_\_\_. Ditadura de Eros. Assim como no Princípio, Agora e Sempre ... Mistos de cruor: reflexão diacrónica. Trabalho de Pós-Doutoramento Estudos Clássicos, área de especialização em Estudos Clássicos, Medievais e Renascentistas. Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2013b.

\_\_\_\_\_. Maleita de amor: ensaio sobre sentimentos e afectos na antiguidade clássica. *Agália. Revista de Estudos na Cultura*, v. 106, 2014, p. 79-101.

WHITMARSH, T. Dialogues in love: Bakhtin and his critics on the Greek novel. In: BRANHAM, B. (ed.). *The Bakhtin Circle and Ancient Narrative*. Groningen: Barkhuis Publishing & Groningen University Library, 2005, p. 107-29.

WIERSMA, S. The Ancient Novel and its Heroines: A Female Paradox. *Mnemosyne*, v. 43, 1990, p. 109-123.

WOLF, F. *Litterarische Analekten*. Berlin: G.C. Nauck, 1817.

ZAGKAS, N. Experimenting with Prose and Verse in Twelfth-Century Byzantium: A Preliminary Study. *DOP*, v. 71, 2017, p. 229-248.

<sup>1</sup> Pouco divulgado, além de Τὰ κατὰ Δροσίλλαν καὶ Χαρικλέα, *De Drosillae et Chariclis amoribus*, Nicetas Eugeniano conta-se pelos *opera* em BAV Urb. gr. 134 ff. 119v-122v, séc. xv. Conhecem-se da sua autoria *Monodia In Theodorum Prodromum*, Real Biblioteca de España fonds principal Y. II. 10 – Andrés 265, ff. 296v-300, séc. XIII / Bodleian Library auct. T. 5. 16 – Misc. 278, p. 157-167, 1780); *Versus de Iona et Niniuitarum*, Bibliothèque Nationale de France – BNF 2556, ff. 079-80, séc. XIII); Πρὸς [Εἰς] ἐρωμένν γραμματικὴν, *Epistula Ad Amasium Grammaticum*, Biblioteca Apostolica Vaticana – BAV Urb. gr. 134, f. 80v, séc. XIV); *Orat Funebris In Stephanum Comnenum*, Heidelberg Universitätsbibliothek Pal. gr. 18, séc. XIV); *Versus in Charicleam, olim Theodoro Prodromo tributū* – Bayerische Staatsbibliothek, BSB) Cod.gr. 157 / Bibliothèque Nationale de France, BNF) grec 2905, f. 155, séc. XVI. Cf., outrossim, Ἀνάχαρσις ἢ Ἀνανίας, panfleto satírico de prosa sarcástica dialogada, embora anónimo, reportado a Eugeniano. De igual modo, opúsculo Σιγίλλιον ἐπὶ προχειρίσει ταβουλλαρίου; epitalâmio para casamento de Estéfano Comneno. Vd. *Catalogus manuscriptorum Graecorum Biblioth. D. Marc.*, p. 999, cod. 412. É o próprio Nicetas que se apresenta como autor, μετεπεγράψω, ‘escrevi’) na epístola que redige a uma jovem solteira, ἐπιστολὴ πρὸς ἐρωμένην γραμματικὴν ΝΕΑΝΙΔΟΣ ΛΙΤΗΣΙΣ ἐξ ἡθέου. τοῦ εὐγενειανοῦ κυπύρου νικήτου, *cod. Laurentianus*. Discutível, a monodia de um pai para o filho, *Cod. Pal.* 18, ff. 3v–4v. Vd. Kazhdan, 1967.

<sup>2</sup> Vd. Lefranc, 1838, p. 426.

<sup>3</sup> “Grego loquaz e ineptamente verboso”. Lévesque, 1800, p. 228, aproximando-se de Villosin, mas sem mostrar-se avesso à impressão.

<sup>4</sup> J. B. d’Ansse de Villosin, reputado membro do Instituto e Legião de honra de várias Academias europeias. Filólogo clássico, séc. XVIII/XIX. Vd. Wolf, 1817, p. 409, n.5.

<sup>5</sup> O Ms. *Venetus Marcianus graecus* 412 refere Pródromo como autor do romance relativo a Drosila e Cáricles: τοῦ φιλοσόφου κυρίου Θεοδώρου τοῦ Προδρόμου τὰ κατὰ Δροσίλλαν καὶ Χαρικλέα, “do sábio senhor Pródromo, os assuntos acerca de Drosila e Cáricles”. Na generalidade, porém, atribuição a Nicetas Eugeniano, e.g. Ms. P, pelo copista Jorge Hermónimo, *inscriptio*: ποίησις κύρ Νικήτου τοῦ Εὐγενειανοῦ κατὰ μίμησιν τοῦ μακαρίτου φιλοσόφου τοῦ Προδρόμου, “poesia do senhor Nicetas Eugeniano, conforme imitação do sábio Pródromo”.

<sup>6</sup> Pondere-se a respeito da originalidade, por um lado, em relação a modelos da Antiguidade Clássica; por outro, no respeitante à constituição de uma homenagem ao mestre-amigo mais velho, Pródromo, falecido c. 1170). Vd. Hunger, 1969; Deligiorgis, 1975; Dawe, 2001.

<sup>7</sup> Entre a prosa de Macrembolites, *Das Aventuras de Hismine e Hismínias*, e, em verso, Teodoro Pródromo/Ptocopródromo, *Rodante e Dosicles*; Nicetas Eugeniano, *Drosila e Cáricles*; Constantino Manasses, *Aristandro e Calíteia* - fragmentária. A datação das obras é discutível, embora se considere, na generalidade, a precedência de Pródromo. Todavia, Poljakova, 1971 recua Macrembolites ao séc. X, início séc. XI, antecedendo Pródromo. Vd. Beaton, 1996; Zagklas, 2017.

<sup>8</sup> Cf. ‘romance antigo’, após interregno de produções clássicas. Importa, desde logo, considerar pareceres relativos a alguma incongruência de designações como ‘romance’, ‘novela’, apenas a um *corpus* literário à parte de todo o género de prosa narrativa de ficção da Antiguidade Clássica catalogado (cf. Aristóteles; Platão) com carácter ambíguo, vd. subcategorias, modulações), heterogéneo, oximórico, apesar de algumas características recorrentes. Cf. Svoboda, 1935; Selden, 1994. De um vasto cânone perdido ou fragmentário, e.g. *Romance de Níno* ou *Ninopédia*, séc. II/I a.C.), contam-se os cinco escritos do panorama já tardio da Antiguidade, Cáriton, *Quéreas e Calírooe*, primeira metade séc. I;

Xenofonte de Éfeso, *As Efesiacas – Ântia e Habrócomes*, meados séc. II; Aquiles Tácio, *Leucipe e Clitofonte*, finais do séc. II; Longo, *Dáfnis e Cloe*, séc. II/III; Heliodoro de Emesa, *As Etiópicas – Teágenes e Caricleia*, final séc. IV. Cf., ainda que sob outra coloração, obras como Apuleio, *Metamorfoses*; na tradição do Ciclo Troiano, Díctis Cretense, séc. IV), *Ephemeris Belli Troiani. Efeméride da Guerra de Troia* e Dares Frigio, séc. VI), *Daretis Phrygii de Excidio Troiae Historia, Da História da Destruição de Troia*. Cf. relatos utópicos de Evémero e Iâmbulo. Vd. Hägg, 1983; Beckonca Cupane, 1986; Jouanno, 1989; Macalister, 1991; Agapitos Smith, 1992.

<sup>9</sup> Importará considerar a epístola ficcional de Nicetas Eugeniano, *Cod. Laur. Plut. 31.2 f. 80v*, pelo facto de o autor abonar em causa própria o interesse e a requisição dos seus versos eróticos, tomando por base um destinatário feminino que supostamente há memorizado o seu romance, *mutatis mutandis*, qual Nicérato e rapsodos na generalidade, face aos Poemas ditos Homéricos, x. *Smp.* 3.5-6. Porventura significativa, a denominação da interlocutora como Gramática poderá denunciar o gosto, qualidade e uso da obra. Vd. Giusti, 1989.

<sup>10</sup> Vd. Hunger, 1968; Kazhdan Franklin, 1984; Kazhdan Epstein, 1985; Agapitos Reinsch, 2000.

<sup>11</sup> Cf., da dinastia comnena, Isaac I Comneno, 1057-1059; no ínterim, dinastia ducas, 1059-1081. Constantino x, 1059-1067, Miguel VII, 1067-1078, por menoridade, regência materna de Eudóxia Macrembolitissa - 1067-1068, Romano IV Diógenes, 1068-1071. Deposto após Batalha de Manzikert, 1072, Nicéforo III, 1078-1081. Da dinastia comnena reconquistada, Aleixo I, 1081-1118; João II, 1118-1143; Manuel I, 1143-1180; Aleixo II, 1180-1183; Andronico I, 1183-1185.

<sup>12</sup> Lévesque, 1800, p. 223 refere-se à existência da versão completa do romance, vd. Ms. M (atribuindo-o a Prodromo, /Procodromo), quicá por cópia residual de um manuscrito anterior, *Ποίησις Νικέτου τοῦ Ευγενιάνου, κατὰ μίμησιν τοῦ μακαρίτου Φιλοσόφου τοῦ Προδρόμου*. Porém, o estilo distinto, nada condicente com as ocupações monásticas de Pródromo, define Eugeniano, num manuscrito na Biblioteca de S. Marcos, Veneza, 82 ff.

<sup>13</sup> As abreviaturas usadas de autores e obras da Antiguidade Greco-Latina são as de Liddell-Scott, 1992 e Glare, 1982, respetivamente. As publicações periódicas modernas encontram-se referidas pelas abreviaturas de *L'Année Philologique*. De registar outrossim Boissonade, 1819 (Bo<sup>1</sup>) e Boissonade, 1856 (Bo<sup>2</sup>). Para mais, entendam-se cod. por *codex* [conjunto total de fólhos]; *col.* por *columna*; f. por *folium*; ff. por *folia*; Ms. por *Manuscriptum*; séc. por *saeculum*, -a. Ainda *ad marginem*, 'à margem', *ad marg.*; *addit/addunt*, 'adiciona/adicionam', *add.*; *contraxerit/contraxerunt*, 'juntou, uniu/juntaram, uniram', *contr.*; *omisit/omisant*, 'omitiu/omitiram', *om.*

<sup>14</sup> Versos seguidos de título, τῶν κατὰ δροσίλλης καὶ χαρικλέα βία. Cf. registo de titulação, no primeiro livro, f.1, τῶν κατὰ Δροσίλλης καὶ Χαρικλέους βιβλίων πρῶτον), com variação f. 31 a introduzir cada libelo sequente, acusativo, ff. 31, 60, 97, 132v, 169, 219: τῶν κατὰ Δροσίλλην καὶ Χαρικλέα) e com variação acompanhada de número, β', γ', δ', ε', ζ', ζ'. Não se verificam as mutações da nota de Boissonade, 1819, p. 17, que, por certo, terá contactado com uma cópia do manuscrito distinta do exemplar guardado como BNF 2908, disponível em <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b107233619/f7>.

<sup>15</sup> Vd. Müller, 2016, p.389.

<sup>16</sup> Explicita a fonte em duas ocasiões, ao aludir a personagens retratadas em escritos anteriores, designadamente, 6.389-390: Arsace, Teágenes, Aquemenes, Caricleia, cf. Hld. 7, 8); de igual maneira, 6.440: Dafne e Cloe, Longo.

<sup>17</sup> Vd. Burton, 2008.

<sup>18</sup> Cf. Burton, 2003, 2012.

<sup>19</sup> Vd. Hägg, 1971; Jouanno, 1989; Billault, 1991.

<sup>20</sup> Vd. Jeffrey, 1998.

<sup>21</sup> Vd. BARBER, 1992.

<sup>22</sup> Considere-se volume de versos por livro entre as três e quatro centenas, excetuando o sexto, fundamental na trama, excedendo as seis centenas, e no inverso os livros 8-9, mais leves de tensão e prolongamento. Um total de 3638Conca. Regista-se, de entre as publicações de Boissonade, a primeira um pouco mais restrita; a segunda, mais alargada; já a de Conca segue de perto esta última, embora não cabalmente. Assim, Bo<sup>1</sup> 357 [358 Bo<sup>2</sup>, 358 Conca] + 384 [386 Bo<sup>2</sup>, 385Conca] + 411 [410 Bo<sup>2</sup>, 411Conca] + 413 [410 Bo<sup>2</sup>, 413Conca] + 454 [444 Bo<sup>2</sup>, 451Conca] + 626 [667 Bo<sup>2</sup>, 668Conca] + 328 [333 Bo<sup>2</sup>, 332Conca] + 306 [317(3) Bo<sup>2</sup>, 320Conca] + 271 [300 Bo<sup>2</sup>, 300 Conca].

<sup>23</sup> E.g. cantigas de Cleandro a Calígone, 2.324-384): sete quadras, e sequências maiores: 354-361, 362-367, 373-379), com lira e iniciadas por verso refrão. Outrossim, composições curtas de companheiros de Cáricles a figuras femininas, de passagem na festividade dionisiaca, 3.135-151, 153-161, 163-172, 174-196, 207-215, 217-240, 243-254. Acompanhados de lira e introduzidos por refrão, os versos de duas líricas em quadras de Barbitíon, 3.263-288, 297-322. De modo similar, canto com lira de Clínias, de cinco e seis versos com refrão, 4.154-218.

<sup>24</sup> Vd. Lévesque, 1800, p. 249.

<sup>25</sup> Cf., segundo a linguística funcionalista, o ‘condicional/futuro perfeito’ enquanto conjugação do monema «passado» e do monema «posterior», referenciando algo posterior a um momento passado.

<sup>26</sup> Cf. dialogismo, polifonia, heteroglossia, Shevtsova, 1992; Whitmarsh, 2005.

<sup>27</sup> E.g. Homero (6.339; do séc. v a.C. (Epaminondas, 5.348, Fídias, 1.102); do séc. v/IV a.C. (Zêuxis, 1.103); do séc. IV a.C. (Laís, 3.155, Praxíteles, 1. 103).

<sup>28</sup> Considerem-se, a respeito, da mitologia tradicional grega, Adónis (4.256), Aquiles (3.251), Calíope (6.339), Caricleia (6.684), Caronte (2.170, 180, 187, 8.214, 219), Ciclope [Polifemo] (6.463, 476, 486, 504, 543), Cloe (6.429, 435, 437, 438), Coribo (9.23), Cronos (2.364, 3.115), Dafne (6.429, 431), Dánae (6.592), Endímion (8.112), Europa (6.592), filha de Pandíon (2.327, 5.111), filhos de Níobe (2.326), Filomela (6.614), Galateia (6.463, 476, 486), Ganimedes (6.592), Héracles (3.211; 5.308, 312; 6.557), Hidra de Lerna (5.308), Ítis (6.616), Jacinto (4.248), Leda (6.592), Ménade (3.208), Narciso (4.246), Nereida [Galateia] (4.381, 6.495), Níobe (2.325, 6.574), Pandora (2.306), Páris (6.583), Polifemo (4.379), Priapo (3.212), Ródope (3.264, 271, 272, 276), Sirene (5.196), Siringe (3.298, 303, 305), Tântalo (6.588), Télefo (3.251), Títono (6.620), Sémele (7.42, 136). Vd. Beaton, 2018.

<sup>29</sup> Viz. Alfeu (4.147), Arquemanes (6.684), Arsace (6.683), Eutínico (3.280), Hedipnoe (7.203, 8.150), Hermafrodita (3.207), Hero (6.462), Leandro (6.462), muralha de Semíramis (6.601), Teágenes (6.683). Outrossim, canto das Sereias (2.201), casamento de Aretusa (4.145), ‘geração de bronze’ (6.443), ‘geração de ouro’ (6.441), julgamento de um pastor [Páris] (8.106), plátano de Xerxes (3.86),

<sup>30</sup> Cf. Hunger, 1978; Burton, 1998; Kaldellis, 2009; Chatterjee, 2022, pp. 127–167.

<sup>31</sup> Divindades pagãs nominalizadas, além de evocações esparsas atribuídas em contexto: na generalidade, assembleia de deuses (8.24), deuses (3.38, 5.337, 7.84, 87, 178, 324, 8.66, 77, 143, 200), deuses do Olimpo (5.183), Olímpicos (2.52, 322, 5.10. Para mais, Afrodite: a nascida no mar (8.97); Mãe de Eros (4.315) / Cípria (2.303, 3.170, 176, 223, 226, 264, 269, 4.155, 161, 252, 6.581) / Páfia (2.231, 6.587. Também Alastor (1.54), Ares (4.257, 5.316, 424, 8.94) / Citereia (4.318), Ártemis (3.266, 5.81), Aurora (6.620). E Dioniso (1.254, 3.343, 362, 366, 407, 6.623, 7.136, 265, 8.148): altar de (1.107, 3.63, 8.152), deus da união

Cáricles/Drosila (1.295), estátua de, 3. 353), festival de (1.113, 3.60, 102, 6.135-136), filho de Sémele (7.194), filho de Zeus (1.247, 3.355, 6.301, 311, 7.194, 8.30, 71), filho de Zeus/Sémele (7.194), templo de (1.151, 8.260), guarda de templo de (3.97), sacerdote de (9.258). Por seu turno, Eros (2.15, 19, 26, 73, 85, 88, 96, 100, 121, 128, 130, 132, 135, 211, 216, 226-227, 259, 3.5, 12, 17, 19, 114, 147, 234, 240, 249, 277, 282, 285, 4.135, 155, 159, 164, 187, 312, 322, 377, 380, 388, 397, 400, 407, 410, 5.41, 73, 90, 131, 5.211, 6.334, 362, 365, 373, 553, 568, 7.107, 8. 99, 175), arco de (1.106, 4.394), cípria (3.286), Erotes (5.141), filho de Afrodite (4.312), filho de Cípria (3.272), filho de Páfia (2.234), lança de (3.274). De igual modo, Erínia (1.54, 1.226), Febo (3.316), Graças (2.74, 228, 236, 305, 3.21, 219, 4.343, 373, 6.558, 564), Hefesto (8.96), Hélios (2.76, 85), Hera (8.104), Musas (5.201), Palas (6.587, 8.104) / Palas Atena (4.185), Plutão (5.184, 211), Posídon (9.28), Pã (3.300, 305), Plutão/Hades (3.214, 4.299), Selene (2.76, 8.110), Témis (5.72), Zéfiro (4.251), Zeus (1.226, 2.330, 345, 4.185, 5.10, 6.163, 589, 7.136, 178, 7.252, 8.24): banquete de (7.156), festival do nascimento de (4.63); olímpico (5.105).

<sup>32</sup> Vd. Burton, 2000.

<sup>33</sup> Vd. apreciação crítica na generalidade, Goldwyn, 2018.

<sup>34</sup> Cf. notas de travestismo marcado por escritos masculinos com sujeitos literários femininos, já na Antiguidade, e.g. Ov. *Ep.*; nas cantigas medievais de amigo; até mesmo no romance de Eugénio, na voz em discurso indireto livre legada a mulheres, mediante a assinatura literária de um homem.

<sup>35</sup> Cf. Fusillo, 1990.

<sup>36</sup> Vd. Alexiou, 2002.

<sup>37</sup> Vd. Jouanno, 2001; Garland, 2006.

<sup>38</sup> Cf., aliás, a conotação nada abonatória dos parsos pelos aliados árabes, 5.341-342. Cf. Jouanno, 1992.

<sup>39</sup> Cidade da Tessália, terra dos Mirmidões, fundada por Éaco, contemplado 11 vezes na epopeia iliádica, *Il.* 1.155-56, 1.169-70, 2.681-85, 9.252-53, 9.363, 9.395-96, 9.439, =9.253), 9.478-80, 9.483-84, 11.766, =9.253=9.439), 16.13.

<sup>40</sup> Na realidade, é a escolha de Aquiles que se coaduna com o étimo toponímico Φτία, 'Ftia' ~ φθίω, 'decair'; φθίσις, 'morte'. Cf. sentido de óbito em E. *IA* 103, associado ao dolo matrimonial de Ifigénia com o Pelida. Outrossim, o sonho premonitório da mulher que revela a Sócrates a ida a Ftia, entenda-se 'morte', no terceiro dia, Pl. *Cri.* 43c5-44b4. Cf. Cook, 1907; Beacon, 1995.

<sup>41</sup> Vd. Wiersma, 1990.

<sup>42</sup> Cf. imagética recatada da natureza, fauna e flora, associada a mulheres, face ao cariz masculino belicoso, da caça e no amor.

<sup>43</sup> Importará, desde logo, constatar o patronato feminino religioso aquando da 'renascença comnena', realizado sobretudo por imperatrizes e algumas mulheres de elevada condição social. Considerem-se, pois, oferendas consagradas a Deus, integrando a fundação, o restauro, o equipamento e a manutenção de mosteiros e igrejas. Assim, em torno do imperador Aleixo I Comneno (séc. XI/XII), a augusta Ana Dalassena, sua mãe; Irene Ducena, sua esposa (vd. complexo de *Kecharitomene*: instalações, convento e mosteiro adjacente); Eudócia Comnena, sua sobrinha. Outrossim, Irene Piroška da Hungria, esposa do imperador João II Comneno, séc. XII (vd. Mosteiro Pantocrator, Constantinopla. Cf. Coniates 49; Sathas, *Μεσαιωνική Βιβλιοθήκη* 7.216; Kampouroglou, *Μνημεία τῆς Ἱστορίας τῶν Ἀθηναίων* 127). Também Maria de Antioquia, séc. XII (vd. Convento de Pantanassa. Cf. Coniates 419). Vd. Dimitropoulou, 2017; Moore, 2019. Com particular atividade cultural no domínio literário julguem-se, a título ilustrativo, desde as mais recuadas etapas de Império Bizantino, Pulquéria, séc. V (filha do imperador Arcádio, séc IV/V e irmã de Teodósio II); Élia Eudócia, séc. V (esposa de Teodósio II); Teodora (esposa de Justiniano I, séc. V/VI); Irene



(esposa de Constantino VI, séc. VIII); Irene Ducena (impulsionadora da novela bizantina, enquanto patrona de Teodoro Pródromo e Constantino Manasses); Ana Comnena, filha de Aleixo I (vd. *Alexíada*; encorajamento da escrita de novos comentários de Aristóteles). Cf. Neville L, 2018; Reinsch, 2000. Por seu turno, no plano da ficcionalidade, desenha-se um cenário de servilismo amoroso típico da cortesia medieval, retratando, de certa forma, valores, virtudes, vícios, desejos considerados paradigmáticos no gênero feminino.

<sup>44</sup> E.g. viagens, perigos, salvação e ‘milagres’, provas.

<sup>45</sup> Preocupação de Nicetas Eugeniano em destacar a ideia de Dioniso enquanto filho de Zeus, tradicionalmente epitetado πατήρ ἀνδρῶν τε θεῶν τε, “pai dos deuses e dos homens”, e.g. *I I* .1.544), como se fosse caso único, desconsiderando a vasta prole de Zeus. Cf., assim, com as devidas reservas, percursos para o monoteísmo, na tradição pagã já no séc. VI/V a.C. e.g. Xenoph. fr. 23 Diels: εἰς θεὸς ἔν τε θεοῖσι καὶ ἀνθρώποισι μέγιστος, οὐ τι δέμας θνητοῖσιν ὁμοῖος | οὐδὲ νόημα. οὐλος ὄρᾱ, οὐλος δὲ νοεῖ, οὐλος δὲ τ’ ἀκούει, “Existe apenas um deus entre deuses e homens – o deus supremo, nada similar aos mortais em forma ou em pensamento”. *Mutatis mutandis*, vd., em contexto bíblico, Jesus como ‘Filho de Deus’, e.g. *Mc*. 1:1; *Jo*. 4:15, 20:31; *Mt*. 27:54), Criador da Humanidade, e.g. *Gn*. 1:27. No tocante a esforços de aproximação entre Jesus e Dioniso, cf. filósofos e teólogos, a exemplo de Clem. Al. *Strom*. 4.25.162.2-4, séc. II/III. No caso, evocando E. *Bacch*. 465-466, séc. V a.C.

<sup>46</sup> Vd. Burton, 1998; Goldwyn Nilsson, 2018.

<sup>47</sup> Vd. Hoof, 1990.

<sup>48</sup> Vd. Jouanno, 2012. Cf. personificação, Stafford Herrin, 2005.

<sup>49</sup> À semelhança de alguns elementos físicos abordados como divindades nas culturas na Antiguidade Clássica, surgem, de forma personalizada, com apresentação editorial capitulada, Natureza (5.145); Lua ( 2.239): Mãe Lua (2.248); *Tyche*, ‘Sorte, Fortuna, Acaso’ (1.52, 54, 299, 301, 306, 313, 318, 2.46, 3.350, 5.266, 6.37, 8.163, 168, 169, 233, 298, 9.42, 206). Cf., todavia, elementos físicos versados apenas enquanto substantivos, a exemplo de *moira*, ‘destino’ (4.93, 6.203); sorte/fortuna/acaso (1.46, 213, 220, 242, 4.88, 5.101, 2.160, 6.144, 7.102). Assim também referências e descrições de manhã/amanhecer e das várias fases do dia até ao anoitecer, a partir do sol, enquanto estrela (6.230); sono; sonho. De igual modo, lua (2.324, 329, 334, 339, 344, 349, 354, 362, 368, 373, 379, 384); oceano (1.3).